

Almanach de Jundiaby

LITERARIO

HISTORICO, COMMERCIAL E BIOGRAPHICO

— ORGANISADO —

— POR —

Thuricio Estevan de Siqueira

E

Joao Baptista Figueiredo

Primeiro anno

A FOLHA

Livraria, Papelaria, Typographia e Pautação

ESTADO DE SÃO PAULO

JUNDIAHY

1911



Almanach de Jundiahy

LITERARIO

HISTORICO, COMMERCIAL E BIOGRAPHICO



= ORGANISADO =

— POR —

Tiburcio Estevam de Siqueira

E

João Baptista Figueiredo

Primeiro anno



A FOLHA

Livraria, Papelaria, Typographia e Pautação

JUNDIAHY

ESTADO DE SÃO PAULO

1911

DOAÇÃO

DE: Família Lund

DATA: Colaterra



PMJ
UGC - AH

Almanach de Jundiahy

DAMOS á publicidade o Almanach de Jundiahy.

No genero, é uma publicação modesta, que vale por um ensaio e visa sondar o grau de acceitação que um tal trabalho merece da nossa culta cidade.

E como ensaio que é, resente-se elle de lacunas que, sem sacrificios de alta monta não poderiam ser preenchidos. Isto, entretanto, não serve de obstaculo a que seja devidamente apreciado o nosso esforço, e acceito o fructo do nosso trabalho como uma promessa de producção melhor nos annos subsequentes.

Oxalá assim aconteça e teremos summo prazer em cooperar, na medida de nossas forças, para o bom nome de nossa terra.

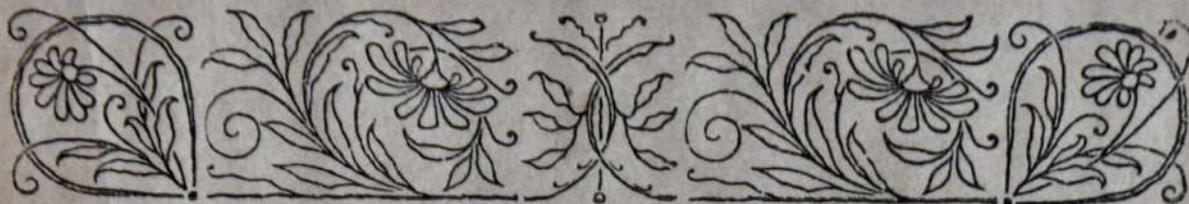
E, pois, o favor publico a unica garantia do exito que poderá obter o Almanach de Jundiahy. Esperamos merecel-o.

Penhorados nos confessamos pela coadjuvação valiosa dos que comnosco collaboraram nesta crusada e aos que por qualquer modo nos auxiliaram.

Jundiahy, Janeiro de 1911.

Tiburcio Estevam de Siqueira
João Baptista Figueiredo

PMJ
UGC - AH



ANTONIO DE QUEIROZ TELLES
CONDE DE PARNAHYBA

PMJ
UGC - AH

ANTONIO DE QUEIROS TELLES

- CONDE DE PARNAHYBA -

NA pacifica e pittoresca cidade de Jundi-ahy, uma das povoações mais antigas e ordeiras do territorio Paulista nasceu, a 16 de Agosto de 1831, Antonio de Queirós Telles, mais tarde Barão, Visconde e Conde de Parnahyba.

Era o oitavo filho de Antonio de Queirós Telles, tambem natural de Jundiahy, onde se tornou lavrador importante.

Sobre ser homem de fortuna, era dotado de alma bemfazeja e generosa. Tornou-se o idolo dos povos do seu municipio, e ali, pelo amor que lhe era tributado em retribuição dos beneficios por elle derramados na localidade e circumvizinhanças, era acatado e obedecido como si fora monarcha absoluto

Ante a sua intervenção desappareciam inimizades, materias de demandas e rixas domesticas. Por muitissimas vezes foi eleito membro da Assembléa Legislativa Provincial, onde se distinguiu sempre por seu acrisolado bom senso e sua hostilidade a negocios duvidosos e abusos de toda ordem.

Casou-se com D. Anna Leopoldina de Moraes, filha do sargento-mór Joaquim José de Moraes e de D. Escholastica Jacintha Rodrigues Jordão, irmã do Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão e neta do terceiro Fernando de Camargo, de cujo consorcio houve onze filhos.

Nos ultimos annos de sua vida foi que o Governo Imperial lembrou-se de galardoar os grandes

serviços prestados por tão distinto Paulista com o titulo de Barão de Jundiahy.

O avô paterno do Conde tinha o mesmo nome. Era natural do Reino de Algarves, além do Atlantico, de onde vindo à então Capitania de São Paulo, desposou D. Anna Joaquina da Silva Prado, da importante e abastada familia Silva Prado.

Era o guarda-mór Antonio de Queirós Telles homem intelligente; e, prevendo o futuro da propriedade territorial, então tão depreciada, e conhecedor das terras do sertão, logo depois do nascimento de seu filho Antonio (pae do Conde), e já estabelecido com lavoura em Jundiahy, empreendeu uma viagem de exploração ao sertão adiante de Mogy-mirim, naquelle tempo Mogy dos Campos, a fim de ali adquirir terras.

No seu regresso, tendo de atravessar o rio Camandocaia em época de enchente, e sem recurso de ponte, pereceu afogado, sendo seu corpo transportado a Jundiahy e ali sepultado.

Este desastre deu-se ha pouco mais de cem annos.

Quer pelo lado paterno, quer pelo lado materno, pertencia o nosso biographado a familia das mais afamadas de São Paulo, pela nobre origem dos seus maiores, pela posição proeminente que occuparam, pelas virtudes que as caracterisaram.

II

A todos os seus filhos o Barão de Jundiahy procurou dar completa educação, não descurando a cultura das lettras pela exclusiva occupação da grande lavoura.

O Barão do Japy (coronel Joaquim Benedicto

de Queirós Telles) de saudosa memoria, era notavel latinista.

Mas o unico que seguiu a carreira propriamente litteraria foi o seu filho Antonio, que matriculou-se no Curso Juridico desta capital em 1850, e recebeu o grau de Bacharel em sciencias sociaes e juridicas em 1854.

O joven Paulista entrava na vida publica perfeitamente preparado pela educação ministrada no lar por uma familia exemplar, nas aulas preparatorias e no curso superior, onde sempre se salientara por sua applicação ao estudo, por seu genio investigador e pela pratica constante dos mestres, por uma rara comprehensão dos homens e das coisas

Logo depois de formado, o Dr. Antonio de Queirós Telles seguiu para a cidade de Ytú, onde abriu escriptorio de advogacia e não tardou a adquirir grande nomeada pelo seu talento forense e pela alta posição a que o levaram os seus dotes de espirito e de coração, que lhe grangearam grande influencia e preponderancia.

Na fidelissima cidade, na Igreja Matriz, a 13 de Junho de 1854, o Dr. Queirós Telles desposou D. Rita MBoy Piratininga, filha do proprietario territorial daquelle municipio, João Tibyriçá Piratininga, da notabilissima estirpe das Almeida Prado e Tibyriçá e então já fallecido; e de D. Maria Antonia de Camargo Tibyriçá.

Era neta paterna de João de Almeida Prado e D. Anna Pedroso de Almeida Prado; materna de José Ribeiro de Araujo e D. Maria Angelina de Camargo.

Senhora dotada das mais peregrinas virtudes, foi ella a digna companheira do illustre Paulista, e nisto consiste o seu maior elogio. Nem podia a

distincta Ytuana encontrar um esposo mais perfeito, nem este uma consorte mais dedicada e credora do seu affecto, prototypo do amor conjugal e materno.

Em 1855 foi eleito deputado provincial, para o biennio de 1856—57; e tomou assento na primeira sessão preparatoria, a 12 de Fevereiro de 1856, ao lado de seu venerando pae e de Paulistas eminentes, que então faziam o maximo empenho em constituir o areopago dos eleitos da Provincia.

A nossa Assemblèa Provincial gozava outrora de verdadeiro prestigio, que mais tarde, pela propria força das circumstancias, foi diminuindo; e era a digna herdeira do Conselho Geral, cujas actas attestam a virilidade do character Paulistá e a energia máscula da geração coeva da Independencia.

O novo deputado era dos mais moços, sinão o mais moço da egregia corporação; e tinha para companheiros homens do póрте do conselheiro Carneiro de Campos, Barão de Tieté, Nebias, Ribas, Ulhôa Cintra, Rosa, Gonçalves de Andrade, Pedro Taques, Valladão, Barbosa da Cunha, Carrão, Ribeiro de Andrada, Silveira da Motta, Brotero, Gabriel e outros.

Foi eleito em 1858 e 60; e não desmereceu, antes tornou-se saliente no meio das illustrações que tanto brilho espargiram sobre a tribuna provincial.

Filiado, por indole, por estudo e convicção, pela tradição de familia, ao partido conservador, ao passo que advogava com denodo os principios de sua escola politica, era por igual o arauto, intemerato e sempre na vanguarda dos interesses da Provincia de São Paulo, de seu desenvolvimento moral e material e do seu progresso em todas as suas phazes.

Na Assembléa Provincial, em tres biennios, tomou parte em todas as discussões mais importantes; e defendeu com calor e eloquencia, com criterio e largueza de vistas, a causa do partido conservador, dos municipios em que residia, do torrão Paulista em geral.

Attestam esta affirmativa os annaes da Assembléa naquellas sessões legislativas; e em sua nudez (os annaes não passavam de actas) provam bem alto os esforços do joven deputado em pròl da terra que o viu nascer.

III

O Dr. Antonio de Queirós Telles tinha a exacta comprehensão da Idéa Conservadora: era o verdadeiro representante desse partido, que tem de sobreviver ás ruinas das instituições e ao desmoronamento dos caracteres, ao sopro das revoluções sociaes e politicas.

Partidario inflexivel na defeza do seu programma, não sacrificava jamais o coração á cabeça, o sentimento altruista á razão d'Estado. Era um adversario temivel e temido; mas ao mesmo tempo era amigo de seus adversarios, que depositavam nelle a maior confiança.

Sabiam-n'o incapaz de sacrifical-os para ter ganho de causa; vencia, mas não dizimava, e perdoava. Era um cavalheiro de fina tempera, e esgrimia as armas brancas do raciocinio e da lealdade com luvas de pellica.

D'ahi a influencia enorme de que gozou em toda a Provincia; d'ahi a preponderancia incontestavel que assumiu no seio do seu partido. Era verdadeira aureóla a que cercava a frente do nobre

chefe, e tanto mais crescia, quanto era desinteressado e despido de quaesquer ambições pessoaes.

O popularissimo Dr. Queirós vencia eleições e mais de uma vez decidiu victoriosamente da sorte do seu partido nas urnas; fazia deputados, fez senadores e até ministros. Muitos vultos proeminentes que occuparam o primeiro lugar no scenario politico da Provincia e até do paiz a elle deveram a satisfacção de suas ambições de poder... E elle, modesto e generoso, que podia aspirar aos mais altos postos na governança do Estado, não passou de simples deputado provincial. Elle, que confeccionava chapas e era ouvido em todas as deliberações e combinações partidarias, nunca acceitou uma cadeira de deputado geral nem consentiu que o seu nome fosse incluído em chapa senatorial, depois do advento do seu partido a 20 de Agosto de 1885

Apenas, por imposição de seus amigos e por aclamação unanime da Provincia, mais tarde, resignou-se a sentar-se na cadeira de presidente; mas, acceitando essa honra, bem sabia elle que ia sentar-se numa cadeira de espinhos. Por méra ambição, pela satisfacção, aliás legitima, de uma vaidade pessoal, em tempo nenhum teria acceito a presidencia.

Acceitou-a, sim, para cumprimento de um dever civico e para prestar á sua Provincia os serviços do ultimo e mais agitado e fecundo periodo de sua vida.

IV

Em tres quatriennios foi o Dr. Queirós Telles eleito vereador da Municipalidade de Ytú, e mais de uma vez occupou a presidencia daquella corporação.

Numerosos e valiosos serviços prestou elle neste character ao municipio, em cujas obras principaes ficou esculpido em caracteres indeleveis o nome austero do digno Paulista.

A Santa Casa de Misericordia, a Igreja Matriz, o Lazareto, a canalisação d'agua potavel, o Cemiterio, e muitos outros melhoramentos de valia e de utilidade immediata para o povo, attestam o muito que elle fez pela terra Ytuana.

A população, sem distincção de credos politicos, tributava verdadeira veneração ao seu genio empreendedor, cavalheiresco, bemfazejo e christão.

Exerceu uma influencia decisiva na politica local; e deu uma organização forte ao seu partido na circumscripção eleitoral cuja séde era a cidade de Ytú, a sua base de operação, o centro de onde irradiava a sua actividade prodigiosa.

Quando em Agosto de 1887, os Ytúanos receberam com festas solemnes o illustre Presidente da Provincia, offerecendo-lhe esplendido baile, pôde ser aferido o grau de apreço em que era tido o precioso cidadão.

As fervorosas homenagens não se dirigiam ao chefe politico, ao homem publico de alevantada estatura: era alvo das ovações populares o Paulista benemerito, orgulho da sociedade em cujo seio residira por mais de trinta annos, e cujo patriotismo estava rasgando á Provincia de São Paulo os horizontes de um futuro prospero e risonho, assentando em bases indistructiveis a transformação do trabalho e a salvação da lavoura, isto é, da fortuna publica e particular.

V

Embora residente em Ytú, o Dr. Queirós Telles tinha importantes interesses agricolas no municipio de Mogy-mirim, onde estava situada a sua fazenda de café, e na cidade de Campinas, importantissimo emporio commercial, a capital agricola da Provincia.

Por isso, quando no correr do anno de 1872 tratou-se de organizar a Companhia Mogyana, para a construcção de uma linha ferrea entre Campinas e Mogy-mirim, o Dr. Queirós Telles collocou-se á frente da empreza.

Por acto de 5 de Abril de 1873 foi nomeado seu presidente, e nesta qualidade, assignou o contracto de 20 de Junho do mesmo anno com o Governo Provincial, sendo Presidente o distincto Mogyano e illustre philosopho e jurisperito, Dr. João Theodoro Xavier.

Todos os Relatorios dos Presidentes da Provincia tecem elogios e fazem as mais honrosas referencias ao modo energico e brilhante por que o Dr. Queirós Telles dirigiu os trabalhos da construcção da empreza, revelando uma phase nova da sua individualidade, talhada para os ousados commettimentos industriaes.

Muitas luctas teve elle de sustentar para ver coroada a ingente obra; e pôde leval-a a cabo, cobrindo-se de louros immarcessiveis.

Em 27 de Agosto de 1875 foi solememente inaugurado o trafego da parte da estrada comprehendida entre as cidades de Mogy-mirim e Campinas.

A essa festa da Industria assistiu S. M. o Imperador.

Em 15 de Novembro foi tambem inaugurado o ramal do Amparo.

A extensão da linha Mogyana era então de 106 kilometros e 200 metros, inclusive os 30 kilometros e 600 metros do ramal do Amparo.

«A Companhia Mogyana desempenhou-se brilhantemente do compromisso contrahido, graças aos esforços de sua illustrada e zelosa Directoria, e á inexcedivel actividade de seu digno Presidente Dr. Antonio de Queirós Telles, a quem o Governo Imperial merecidamente distinguiu no dia da inauguração da estrada, nomeando-o «Commendador da Ordem de Christo».

Dado este primeiro passo, o Dr. Queirós Telles não descansou nem esmoreceu: dotado do engenho emprehendedor e audaz de um Lesseps, comprehendeu o futuro que aguardava aquellas uberrimas zonas quando cortadas pela via-ferrea. E successivamente, obteve a Companhia concessão de privilegio para o prolongamento da linha de Mogyimirim a Casa Branca, de Casa Branca ao Ribeirão Preto, do Ribeirão Preto, por Batataes e Franca, ao Rio Grande.

A linha chegava a Casa Branca a 14 de Janeiro de 1878; a 29 de Julho de 1882 á Penha do Rio do Peixe (ramal); a 23 de Novembro de 1883 era inaugurado o prolongamento de Casa Branca ao Ribeirão Preto, passando por São Simão.

O Barão de Parnahyba, em seu Relatorio á Assembléa Provincial (1882) exclamava ao finalizar as suas considerações sobre a Companhia que elle incarnava:

«Chegada ao Jaguará, a estrada irá se inter-nando pelo Triangulo Mineiro, em demanda da barranca do Paranahyba.

«Podemos, portanto, prever o tempo, não mui longe, em que o sibilo da locomotiva da Mogyana acordará os ecos dos remotos sertões de Goyaz, levando o progresso e a abundancia áquellas paragens, que foram o theatro dos feitos homericos dos povoadores da antiga Capitania de São Vicente.

«A' Provincia de São Paulo está reservada a execução desse projecto gigantesco, que significará mais uma vez, de modo o mais eloquente, o espirito de patriotismo, iniciativa e emprehendimento dos Paulistas, — esses bandeirantes da civilisação».

O Dr. Antonio de Queirós Telles exerceu o cargo de Presidente da Companhia Mogyana desde 1873 até 1886, quando incompatibilisou-se legalmente por ter-lhe sido imposta a Presidencia da Provincia.

Devo exceptuar o periodo de sua ausencia, assás prolongada, na Europa, quando foi dignamente substituido pelo Dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra, saudoso Barão do Jaguára, que por sua vez prestára relevantissimos serviços á prosperidade da Companhia.

Esse eminente Paulista, dotado de talento invejavel, clinico distinctissimo e patriota que estre-mecia a causa do progresso da Provincia que se orgulha de ter um filho deste porte, continuou as tradições de honra e civismo do Dr. Queirós Telles: ambos, obreiros incansaveis do Bem, tendo em mira unicamente o engrandecimento de São Paulo.

E' por todos reconhecido que ás boas relações politicas e á geral consideração de que gozava o Dr. Queirós Telles se deve em maxima parte a protecção concedida á Companhia em algumas occasiões difficeis pelos Poderes geral e provincial.

Seguiu para a Europa com a familia, a quem estremecia, em 1878, no vapor *Cotopaxi*, a 28 de Maio, e regressou, no vapor *Iberia*, em fins de Julho de 1879. Visitou Pariz, Lyon, Marselha, Monaco, Nice, Genova, Turim, Piza, Florença, Bolonha, Roma, Napoles, Milão, Chambéry, Vienna, Munich, Dresden, a Floresta Negra, Zurich, Neufchatel, varios e outros Cantões da Suissa, algumas cidades da Belgica e Hollanda, Londres e Liverpool, em cujo porto embarcou para o Imperio.

Durante a sua estada de cerca de quatorze mezes na Europa, elle estudava com interesse patriotico tudo o que dizia respeito á construcção e administração das vias ferreas, para assim tornar mais proficua a sua direcção da Companhia Mogyana, que foi sempre a *menina de seus olhos*.

Em 31 de Dezembro de 1880, o Governo Imperial agraciou-o com o titulo de Barão de Parnahyba. Essa distincção, proveniente de um gabinete liberal era o justo preito de homenagem prestado pelos adversarios ao grande Paulista, que nunca cogitou de politica quando estavam em causa os interesses moraes ou materiaes da terra que lhe foi berço.

VI

A quéda do gabinete liberal presidido pelo honrado e venerando Conselheiro Saraiva e a chamada do Barão de Cotegipe vieram encontrar o partido conservador Paulista em toda a sua pujança, de que dera sobeja prova a eleição geral de 1 de Dezembro de 1884.

Para esse resultado auspicioso contribuiu em grandissima parte o Barão de Parnahyba, que, sem fazer parte do Conselho Director da União Conser

vadora, era entretanto o chefe de mais prestigio em toda a Provincia.

A sua personalidade impunha-se á situação; e foi elle, por Carta Imperial de 20 de Agosto do mesmo anno, nomeado primeiro vice-presidente da Provincia.

Como tal, competia-lhe empunhar desde logo as redeas da administração e presidir á reorganização dos serviços officiaes á feição do novo gabinete, de cuja illimitada confiança era fiel depositario.

Por escrupulos de delicadeza e razões pessoaes, que muito abonam a sua tolerancia e a amisade sincera que votava a grande numero de adversarios, com quem privava e que lhe retribuiam o affecto com usura, s. exc. eximiou-se da interinidade destinada á inevitavel *derrubada*, posta em pratica por todas as situações novas, reservando-se para tempos mais calmos, si ainda tornassem a exigir o contingente de suas luzes e patriotismo.

Após a vice-presidencia do honrado Paülista sr. Dr. Elias Antonio Pacheco e Chaves, que durou de 2 de Setembro a 19 de Outubro, governou a Provincia, como fidalgo *touriste*, o senador João Alfredo Corrêa de Oliveira, a quem o pranteado Visconde do Rio Branco déra alta notoriedade, confiando-lhe a pasta do Imperio no ministerio 7 de Março de 1871.

A presidencia do sr. senador João Alfredo foi um governo de estadista em *villegiatura*. S. exc. descansava das fadigas da administração, fiado na pericia e amor ao trabalho do então secretario da Provincia, o sr. Balduino José Coelho, funcionario de reaes habilitações para o cargo que desempenhou com distincção.

O illustre senador seguiu para a côrte, em de-

manda de sua curul vitalicia e na perspectiva da presidencia do Conselho, e, no dia 26 de Abril de 1886 o primeiro vice-presidente, cedendo a rogos do gabinete e do seu partido e da opinião da provincia, assumiu a administração.

Nomeado por Carta Imperial de 17 de Julho do mesmo anno, presidente effectivo, tomou posse do cargo no dia 26 do mesmo mez, com as formalidades do estylo e com os applausos de seus comprovincianos e da imprensa de todos os matizes.

«Acceitei tão pesado quanto difficil encargo, escrevia s. exc., não por confiar nas minhas forças para desempenhal-o com brilhantismo, mas porque não me julguei dispensado de corresponder á prova de confiança que o Governo Imperial acabava de dar-me, e de prestar á minha Provincia os serviços que ella tem o direito de exigir de seus filhos.

O que foi a Presidencia do grande cidadão ninguém ignora: os factos e a acção benefica do seu governo se fará sentir por dilatado tempo.

O illustre administrador trouxe para a gerencia dos negocios publicos os mesmos predicados que immortalisaram o Dr. Antonio de Queirós Telles na presidencia da Companhia Megyana.

Os dous Relatorios, em que s. exc. compendiou os fastos de sua administração, são repositórios luminosos e documentos importantissimos, que teem de ser consultados por quantos quizerem estudar a marcha dos negocios provinciaes.

N'elles, s. exc. compendiou o seu systema, o seu corpo de doutrina relativamente aos serviços publicos, e com tal habilidade e illustração, que nada deixa a desejar.

O Relatorio com que s. exc. abriu a sessão da Assembléa Legislativa Provincial no dia 17 de Janeiro de 1887 é um documento notavel, riquissima fonte de informações minuciosas e observações criteriosas, e raro será excedido, sinão igualado.

Nenhum ramo de serviço foi por elle esquecido: regulamentou o Thezouro e a Força publica provincial, a immigração e a instrução publica, e lançou as bases de uma boa reforma da Secretaria do Governo, que mais tarde foi levada a effeito sem alteração pelo saudoso sr. Dr. Francisco Antonio Dutra Rodrigues; iniciou e deu impulso energico ás obras da nova Thezouraria da Fazenda, edificio digno de figurar nas praças de uma capital européa; prestou especial cuidado ao melhoramento da viação publica da Provincia, attendendo aos reclamos das pobres e sempre tão desprotegidas localidades do interior (e si mais não fez, foi devido ás migalhas que lhe concedera um Orçamento acanhado e elaborado sem a necessaria amplitude e com acre parcimonia); fiscalizou severa e incessantemente a rigorosa distribuição dos dinheiros publicos, constituindo-se sentinella vigilante da applicação do suor do contribuinte; delineou optima reforma para a repartição de Obras Publicas; organisou um serviço de cathechese e civilisação dos Indios no valle entre o Tieté e o Paranápanema e deixou correr com toda a liberdade as manifestações eleitoraes que se deram durante a sua presidencia.

Mas, o que mais prendeu a sua attenção, o que melhor mereceu os seus esforços e actividade, foi o problema da transformação do trabalho, a substituição do braço escravo pelo braço livre, sem

abalos nem convulsões, — a immigração e a colonisação.

O magestoso edificio, que se ergue na rua denominada do Visconde de Parnahyba, é o attestado mais eloquente da heroicidade com que o Apostolo da Immigração luctou em proi do futuro da Provincia.

Destinado a receber e agasalhar de quatro a cinco mil pessoas, é um monumento unico em seu genero no Brazil e certamente em toda a America do Sul.

A placa de marmore e ouro, collocada na entrada do edificio, a rememorar o nome do seu benemerito fundador, é o maior titulo de gloria a que pudesse aspirar o patriota Paulista. *Monumentum ære perennius*, a immensa corrente immigratoria que inundou o Oeste e o Sul da Provincia e transbordou nas fazendas dos lavradores, arrancando-os, por assim dizer á força, das garras de tremenda crise, á bórda de um abysmo.

A fundação dos dous nucleos coloniaes de Jundiahy e Porto Feliz foi tambem de grande vantagem para a Provincia e para aquellas zonas. A um deu-se o nome de seu venerando pai, o Barão de Jundiahy, e a outro o de um comprovinciano distincto e respeitado. Este, porem, como corollario necessario devia ter o nome do seu fundador. Mas que importa? si o nome do Conde de Parnahyba echoa de um angulo a outro da terra Paulista como o de um benemerito.

Mais alto que as pompas officiaes e as galas das decorações falla a gratidão popular. E esta nunca falla, embora tardia ás vezes. A consciencia do povo faz justiça a seus bemfeitores.

VII

A causa da libertação dos escravos deve, portanto, ser grata á memoria do Conde de Parnahyba. Para ella concorreu S. Exc. mais do que outro qualquer, graças á sua propaganda francamente immigrantista.

Si a caudal da immigração européa não ha descrescido; si dirige-se de preferencia á nossa Provincia, em vez de procurar, como d'antes, as plagas argentinas; si uma politica administrativa tão sabia, previdente e patriótica salvou a lavoura Paulista de uma crise medonha, ante o exodo dos escravos, a anarchia nas ruas, a imminencia da abolição immediata e sem indemnisação, — a quem se o deve, sinão ao grande patriota, que lutou como um Hercules, e venceu ? !

Entretanto, foi esse mesmo homem a quem accusaram de escravagista ferrenho, de escravocrata da gemma, como o velho Martinho de Campos, de sustentar a escravidão pela escravidão, como o meu illustre amigo Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.

E isto, porque ?

Porque os ultimos dias de tão fecunda administração foram agitados por perturbações lamentaveis, causadas pela desorganisação do trabalho e pela organisação scientifica das fugas em massa.

Porque, prudente e energico, soube S. Exc. cumprir o seu dever, fazer face á anarchia da rua, contel-a e dominal-a.

A's suas medidas preventivas se deve o ter sido evitada maior quebra da tranquillidade publica.

Ao passo que resguardou os interesses da sociedade, salvou do naufragio o principio da autoridade

E esse principio de autoridade, base de toda sociedade civilisada e christan; esse deposito sagrado, — no dia em que viu que lhe era vedado, sem quebra de seus principios conservadores, continuar á frente da administração, — sem estrepito, sem conflicto, sem quebra de solidariedade partidaria, com a calma de uma consciencia recta e conscio de cumprir um dever de dignidade, — elle o transmittiu illeso ao seu digno successor.

E desceu da cadeira presidencial, erecto e firme, como o velho Romano. Desceu, como subira: — como Paulista, como Conservador, como Patriota!

Impavidum ferient ruinae.

Sobre a memoravel questão da fuga de escravos das fazendas, o Barão de Cotegipe, Presidente do Conselho, pronunciou no Senado quatro notabilissimos discursos, nas sessões de 16, 17, 19 e 26 de Setembro de 1887, explicando qual a attitude do governo, a quem cumpria manter a execução da lei de 28 de Setembro de 1885.

O inolvidavel Parlamentar declarava, logo ao encetar o debate, em resposta a uma oração do Conselheiro Prado, que, como membro do governo, podia attestar que ao digno Presidente desta Provincia não tem faltado nem energia, nem previsão para conter esta desordem de que se queixavam os fazendeiros de Campinas.

Todas as accusações levantadas na imprensa e na tribuna contra o Visconde de Parnahyba neste particular cahem por si.

Nem S. Exc. fôra jamais escravocrata, no sentido injusto que a propaganda dava áquelle appel-

lido: os seus sentimentos humanitarios eram muito conhecidos; libertára muito dos seus escravos; tomára parte na grande reunião dos lavradores Paulistas, em 15 de Dezembro de 1887, que, estatuinto as alforrias a prazo certo, deu golpe de morte á escravidão, precipitou o desfeixo e tornou inutil a propaganda, que procurava por todos os meios abalar e dar por terra com o vetusto edificio, legado de nossos paes e de cujas consequencias não são responsaveis nem os governos nem a nossa geração.

Ante o seu desaparecimento deste mundo foi indiscriptivel a dor de seus libertos, que se habituaram a ver nelle um pai antes que um senhor.

Como delegado do gabinete de 20 de Agosto o que cumpria-lhe fazer como funcionario probo, leal e patriota, — sinão assegurar a manutenção do imperio da lei e debellar a anarchia da praça publica?

Ao Presidente não competia philosophar nem contemporisar, e sim fazer respeitar o principio da autoridade e garantir a ordem e a liberdade publica.

Não me cumpre, neste momento, analisar ponto por ponto todas as phazes por que passaram os vinte mezes de sua fecunda administração, que tive a honra de acompanhar dia por dia, hora por hora.

E' bem certo que a Historia Contemporanea tem inconveniente em ser escripta pelos contemporaneos.

Depois de uma viagem a Caxambú, durante cuja interinidade exerceu o cargo de presidente o Dr. Dutra Rodrigues, tão cedo roubado á Patria e aos amigos, o Conde solicitára a sua exoneração, em consequencia de graves incommodos de saúde

em pessoa de sua familia. Exoneração que, não sem grande reluctancia, o Governo Imperial concedeu-lhe em data de 8 de Novembro de 1887.

A 19 do mesmo mez, S. Exc. passou a administração ao illustre Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, «Paulista distinctissimo, cujo caracter e cujo talento são o penhor certo de uma administração honesta, intelligente e fecunda.»

VIII

Durante a presidencia do Conde do Parnahyba, Suas Magestades Imperiaes, pela quarta vez, honraram esta Provincia com a Sua Augusta Presença.

Desde o dia 18 de Outubro até 19 de Novembro de 1886, os imperantes visitaram as extensas zonas da Provincia cortadas por estradas de ferro e vias fluviaes, sendo recebidos em toda parte com demonstrações da mais alta estima e fervorosa veneração.

«O Augusto chefe do Estado pôde observar de perto o progresso assombroso nos varios ramos de industrias, commercio e artes, que collocou a Provincia de São Paulo na vanguarda de todas as suas irmans; levando Suas Magestades a mais grata estima e saudosa impressão da hospitalidade recebida entre nós».

O Presidente da Provincia foi solícito em acompanhar os Imperiaes visitantes em todo o seu largo e demorado percurso pela Provincia; viajando com uma rapidez inaudita; vencendo grandes distancias poucas horas e, não raro, a inclemencia dos elementos desencadeados; respondendo de prompto a todas as perguntas e inquirições

do sabio Monarcha ; emfim, uma viagem de extenuar as mais robustas constituições e fazer inveja aos mais arrojados exploradores.

Com o cavalheirismo e a gentileza que eram o fundo do seu character , o Conde de Parnahyba hospedou Suas Magestades no palacio da Presidencia; e o mesmo fez em Ytú, em seu palacete.

Hospedagem principesca tiveram Suas Magestades e numerosa comitiva; e toda ás expensas do presidente da Provincia e sem auxilio do Governo Geral.

Quando Suas Magestades e o Presidente viajavam pela ferro-via Mogyana, receberam a triste nova do passamento do senador José Bonifacio, occorrido nesta capital no dia 26 de Outubro. Disse o Imperador: « E' uma grande desgraça. Perdeuse um dos melhores Paulistas ! »

E de facto. — Nesta capital, foram prestadas ao illustre morto todas as honras funebres a que fazia jús pela sua posição official e eminentes virtudes.

Por despacho de 7 de Maio de 1887 fora elevado a Visconde com grandeza o Barão de Parnahyba.

A 3 de Dezembro do mesmo anno, a Conde do mesmo titulo.

Procurava dest'arte o Governo galardoar os altos meritos de s. exc. e os serviços excepçionaes prestados na Presidencia da Provincia com um desinteresse sem igual, uma actividade incansavel, um zelo ininterrupto, um patriotismo inexcedivel.

Pouco, porem, devia o illustre Paulista sobreviver a tantas honras e distincções.

Na ampulheta do tempo, os seus dias estavam contados; e a Morte, quando menos se esperava, se approximava, para roubar aos carinhos da familia, ao affecto dos amigos, á estima da Provincia, á veneração da Patria, o pai e o marido exemplar, o amigo dedicadissimo e leal, o Paulista benemerito entre os mais benemeritos, o Brasileiro illustre, tão cheio de vida e na plena robustez de suas poderosas faculdades !

IX

O Conde de Parnahyba seguiu para a Côrte no dia 27 de Abril, afim de assistir ao embarque de seu filho Salvio para a Europa, no paquete *Orenoque*.

S. exc. hospedou-se no Hotel Carson, na praia de Botafogo, e com elle mais dois distinctos campineiros, os srs. Francisco Pompeu do Amaral e Antonio Carlos de Almeida Nogueira.

Regressando no dia 30, logo sentiu os symptomas de mal gravissimo, que os medicos diagnosticaram ser a febre amarella.

A molestia dera signal de si em viagem, na ferro-via do Norte, e desenvolveu-se em toda a sua agudez na fazenda da Resaca, logo que ali chegou.

No dia 4 de Maio, pelo trem das 3 horas da tarde, foi transportado o doente da estação de Resaca á Campinas. Fez a viagem em condições relativamente boas, e foi hospedar-se, com sua familia, na chacara de seu digno genro, o engenheiro Dr. Jorge Tibyriçá, no aprasivel bairro do Guanabara.

A febre, porem, não cedia, e as esperanças, que os medicos depositavam na mudança para Campinas, foram mallogradas.

Ali chegado, á noite de 4, o Conde de Parnahyba não experimentou melhoras.

Desde então, elle já não se illudia sobre a gravidade da molestia e encarava sem terror, antes com a confiança de uma grande alma, o seu fim proximo.

No sabbado, 5, aggravaram-se os seus padecimentos.

O illustre enfermo não desanimou nem perdeu, por um minuto sequer, a sua tranquillidade de espirito.

Ainda na manhã do dia fatal, conservava toda a sua lucidez. E conservou-a até seus ultimos momentos.

Mandou chamar todos os membros de sua familia.

E, no leito de morte, — tendo á cabeceira a sua virtuosa e extremosissima consorte, — rodeado de seus filhos, genros e irmãos, conversou por muito tempo, despediu-se de todos, a todos agradeceu os seus carinhos e disse que era chegada a sua ultima hora.

Com admiravel serenidade, fallou dos progressos da nossa Provincia; dizendo que sentia não poder presenciar o que ella seria nestes dez annos.

Referindo-se ao periodo de sua administração, dizia que tinha consciencia de ter feito tudo quanto lhe fôra possivel pela Provincia, apesar de ter soffrido injustiças e ingratições.

Recebeu, contricto, todos os Sacramentos da Igreja.

Pediú fosse sepultado na sua cidade natal, Jundiahy; e quando não fosse isto possivel, em Ytú.

E, ás nove horas e vinte minutos da manhã exhalou o ultimo suspiro.

Teve uma morte suave e doce. A morte do Justo.

A' tarde de domingo, 7, foi o seu corpo transportado pára Jundiahy; ia-se cumprir o seu desejo, — ser sepultado no torrão de seu nascimento, ao pé de seus maiores.

Na estação de Campinas, repleta de povo, o contingente da força publica destacada naquella cidade, prestou as honras funebres devidas ao ex-presidente da Provincia e ao Grande do Imperio.

A commoção popular, porem, fallava mais alto de que os cumprimentos officiaes; e o Dr. João Gabriel de Moraes Navarro, em breves e eloquentes palavras, foi o inspirado interprete do sentimento geral.

No momento em que foi collocado o feretro no vagão para seguir para Jundiahy, após as funebres formalidades, o commendador Walter John Hammond, digno inspector geral da Companhia Paulista, subiu á machina, e, após o signal da partida, elle mesmo tomou a si a funebre incumbencia de dirigir o trem, em logar do machinista, indo até aquella cidade sempre em seu posto de honra, merecedor de todo o elogio, pois era uma homenagem de gratidão.

Quando a locomotiva atirou aos ares o seu sibilo agudo, estridente, vibrante, dando o signal de que se ia para sempre de Campinas o corpo do estimadissimo Conde de Parnahyba, estando o trem sob a direcção de um dos mais elevados funcionarios da estrada de ferro Paulista, sentia-

se a commoção profunda, sincera, e que fez estremecer as mais intimas fibras do nosso ser.

E' essa sem duvida, escreve o excellente jornal de onde extrahimos este caso notavel, uma homenagem que traduz cabalmente a estima e admiração que o homem laborioso e activo votava áquelle que tanto luctou em favor do engrandecimento da nossa Provincia.

No dia 7 de Maio, pelas nove e meia da manhã, effectuou-se em Jundiahy o sahimento funebre.

Na casa de residencia do tenente Francisco Antonio de Queiròs Telles, irmão do finado, deu-se a encommendação do corpo, depositado na camara ardente, officiado o revm. parocho, padre Candido José Corrêa.

Foi extraordinario o concurso de povo que acompanhou até a ultima morada os restos mortaes do illustre Paulista.

De S. Paulo, Campinas, Ytú, Resaca e mais lugares visinhos, vieram muitos e muitos amigos, prestar a derradeira e mais desinteressada e sincera homenagem ao grande morto.

Toda a familia do Conde de Parnahyba estava reunida em Jundiahy para assistir á funebre cerimonia,

Ao subir o feretro da casa mortuaria, seguraram nas alças do caixão: os drs. juiz de direito da comarca, secretario do governo da Provincia (que comparecera, não em caracter official mas como amigo), Ramos de Azevedo, Alfredo Maia, presidente e vereadores da Camara Municipal.

O caixão estava litteralmente coberto de ricas coroas, com dedicatorias, offerecidas pelos paren-

tes e amigos do finado, representantes da imprensa, Companhia Mogyana, etc.

A população inteira de Jundiahy, — Camara Municipal, magistrados, Collegio Senna Freitas incorporado, familia Queirós Telles, etc., acompanhavam o feretro, occupando o funebre cortejo grande extensão, desde a casa mortuaria até o cemiterio.

Em todos os semblantes lia-se a consternação despertada pelo infausto acontecimento, que tão rude golpe acabava de vibrar no coração Paulista, arrebatando o illustre Jundiahyano á Provincia que tanto nobilitára e engrandecera com o seu patriotismo e dedicação, reflexo das virtudes heroicas e predicados de seus invictos maiores, os immortaes bandeirantes da civilisação e gloria da Capitania de São Vicente.

Muitos choravam. A dor, intensa, por sincera, real, irreductivel.

Da capella do cemiterio ao lugar da sepultura, o caixão — quadro tocante, — foi carregado pelos irmãos e mais parentes do finado.

A' beira do tumulo orou, em nome do povo Jundiahyano, que via desapparecer d'entre os vivos o seu mais illustre filho, o eloquente Dr. João Gabriel de Moraes Navarro, que em breves phrazes rememorou a vida tão fecunda do Conde de Parnahyba.

A's onze horas, estava tudo terminado.

O telegrapho, com a rapidez do relampago, espalhoú a noticia da morte do Conde de Parnahyba.

No dia 8 as folhas da côrte e desta capital

eram unanimes no seu pezar pela perda incommensuravel que acabrunhava a Patria.

Todos, conservadores, liberaes, republicanos e indifferentes, amigos e adversarios (o Conde não tinha inimigos) lamentavam a um tempo o cruel successo.

A imprensa do interior e das Provincias acompanhou a desta capital na manifestação dos mesmos sentimentos.

A explosão da dor foi geral e profunda, e tomou todas as fórmãs: exequias solemnes, telegrammas de pezames, orações funebres, artigos necrológicos, edições especiaes de jornaes, etc.

A Familia Imperial associou-se immediatamente á dor compartilhada pela Familia Paulista: Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu, por Si e pela Princeza Imperial Regente, transmittiu, por intermedio do Conselheiro Rodrigo Silva, « a expressão de toda a sua sympathia e profundo pezar á familia do benemerito Paulista e saudoso amigo ».

O seu tumulo, já preparado ao pé da pequena capella do cemiterio no torrão natal, juncto ás cinzas de seus avós, perpetuará a lembrança daquelle dia, em que todas as dissensões foram esquecidas diante de uma bella alma, em que o lucto de uma familia converteu-se no lucto de uma nação.

A lousa que cobre os seus restos mortaes ha de assignalar o lugar onde os habitantes da pequena cidade, conterraneos do grande homem, delectavam-se com o espectaculo daquelle vulto eminentemente descobrindo a sua cabeça e inclinando a sua fronte, o seu talento, o seu passado, a sua gloria ante essa Igreja catholica, tão fraca e tão forte,

victoriosa do tempo e da morte, que muda as duvidas em certezas, as culpas em arrependimentos e que mesmo diante das frias pedras do tumulo, exclama: *Elevamini portæ æternales.* — Abri-vos, portas eternas!

CONDE DE PARNAHYBA Apontamentos Biographicos
pelo *Dr. Estevam Leão Bourroul.*

PMJ
UGC - AH



CALENDARIO



Computo ecclesiastico

Aureo numero 12
Epacta xx
Cyclo solar 16
Indicação romana 9
Letra dominical A

Temporas

Março 8, 10 e 11
Junho 7, 8 e 10
Setembro 20, 22 e 23
Dezembro 20, 22 e 23

FESTAS MOVEIS

Septuagesima — 12 de Fevereiro.
Sexagesima — 19 de Fevereiro
Quinquagesima (Carnaval) — 26 de Fevereiro.
Cinzas — 1 de Março.

Paixão — 2 de Abril.
Paschoa — 23 de Abril.
Ascensão — 25 de Maio.
Espírito Santo — 4 de Junho.
Santissima Trindade — 11 de Junho.
Corpus Christi — 15 de Junho.
Advento — 3 de Dezembro.

Feriados da Republica

Janeiro 1. Consagrado á commemoração da Fraternidade Universal.

Fevereiro 24. Promulgação da Constituição Republicana.

Abril 21. Execução de Tiradentes.

Maio 3. Descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral.

Maio 13. Extincção da escravidão no Brasil.

Julho 14. Commemoração da liberdade dos povos americanos.

Setembro 7. Independencia do Brasil.

Outubro 12. Descoberta da America.

Novembro 2. Commemoração geral dos mortos

Novembro 15. Proclamação da Republica.

Novembro 19. Instituição da Bandeira Nacional.

Principio das estações

Outomno 21 de Março

Inverno 22 de Junho

Primavera 24 de Setembro

Verão 22 de Dezembro

Benções matrimoniaes

Todos os dias do anno, excepto desde quarta-feira de Cinzas até ao primeiro domingo depois da Paschoa, e desde o primeiro domingo do Advento até ao dia de Reis, em que são prohibidas.

Eclipses

Haverá no anno de 1911 dois eclipses do sol

O primeiro eclipse total do sol, terá logar á 28 de Abril, sendo invisivel no Brasil

Começo do eclipse ás 4 horas e 56 minutos da tarde e terminação ás 10 horas e 13 minutos da noite.

Este eclipse será visivel na metade occidental da Australia, Nova Guiné e Nova Zelandia, na parte media do Oceano Pacifico e na metade meridional da America do Norte.

O segundo eclipses será annular e terá logar nos dias 21 e 22 de Outubro, send invisivel no Brasil

Começo do eclipse no dia 21 ás 10 horas e 27 minutos da tarde, terminando no dia 22 á 1 hora e 13 minutos da manhã

Eclipse visivel na Asia, na Australia e em parte do Oceano Pabifico.

Haverá tambem dois eclipses da lua, o primeiro no dia 13 de Maio, começando aos 53 minu-

tos da manhã e terminando ás 5 horas e 20 minutos da manhã. O segundo no dia 6 de Novembro, começando ás 10 horas e 50 minutos da manhã e terminando os 2 horas e 39 minutos da tarde.



✻ **JANEIRO** ✻

1	Domingo	✻ <i>Circumcisão do Senhor.</i> Fulgencio.
2	Segunda	Estevam. Argeu. Isidoro. Almachio.
3	Terça	Anthero. Aprigio. Genoveva. Theonas.
4	Quarta	Gregorio. Tito. Edmur. Juracy.
5	Quinta	☾ Simão Estellita. Auta. Telesphoro.
6	Sexta	✻ <i>Epip.</i> Gaspar. Balthazar. Melchior.
7	Sabbado	Luciano. Cedil. Teau. Rentigernia.
8	Domingo	Severino. Theophilo. Eladio. Japim.
9	Segunda	Julião Athanasio. Iza. Brithwaldo.
10	Terça	Gonçalo de Amarante. Guilherme.
11	Quarta	Hygino. Metafraste. Irene. Marciano.
12	Quinta	Arcadio. Zotico. Rogato. Modesto.
13	Sexta	☼ Gumercindo. Servedeu. Haydéa. Luz.
14	Sabbado	Hylario. Malaquias. Licinio. Yarahy.
15	Domingo	Othão. Adjuto. Nero. Herminia.
16	Segunda	Marcello. Dulce. Bernardo. Abdul.
17	Terça	Espeusipo. Eleusipo. Meleusipo.
18	Quarta	Prisca. Deicola. Ulpiano. Liberata.
19	Quinta	Canuto. Octavio. Augusto. Santina.
20	Sexta	Sebastião. Fabiano. Generoso.
21	Sabbado	☾ Publio. Ignez. Aquidaban. Plinio.
22	Domingo	Vicente. Daciano. Waldomiro. Lia
23	Segunda	Anastacio. Ildefonso. Joatham. Anaz.
24	Terça	Timotheo. Surano. Cadoco. Babilau.
25	Quarta	✻ <i>Paulo.</i> Bathilda. Jeronymo. Enéas.
26	Quinta	Martinho. Tyrso. Eugenio. Projecto.
27	Sexta	João Chrysostomo. Vitaliano. Mario.
28	Sabbado	☼ Eudoxia. Polycarpo. Lauro Julieta.
29	Domingo	Francisco de Salles. Aquilino. Urias
30	Segunda	Hypolito. Victor. Aldegonda. Sara.
31	Terça	Pedro Nolasco. Metrano. Jandyra.

→ **FEVEREIRO** ←

1	Quarta		Cecilio. Brigida. Escossia. Kinnia.
2	Quinta		✠ <i>Purificação</i> . Ficmo. Flósculo.
3	Sexta		Braz. Nicolau. Candido. Ephrem.
4	Sabbado	☾	André Cursino. Ubirajara. Cecy.
5	Domingo		Agueda. Cornelio. Caiphaz. Judas.
6	Segunda		Antoliano. Dorothea. Guarino.
7	Terça		Romualdo. Govino. Jacintho. Ilha.
8	Quarta		João da Matta. Brites. Moysés.
9	Quinta		Nicephoro. Quirino. America. Proto.
10	Sexta		Escolastica. Apollonia. Ambrosio.
11	Sabbado		Desiderio. Lazaro. Themistocles.
12	Domingo	☼	<i>Septuag.</i> Damião. Ammonio.
13	Segunda		Benigno. Catharina. Rogerio. Adão.
14	Terça		Valentim. Enos. Cratão. Magno.
15	Quarta		Euphrasia. Lucio. Severo. Sigefredo.
16	Quinta		Romulo. Chanaan. Mabaleel. Noé.
17	Sexta		Donnato. Jared. Mathusalem. Esau.
18	Sabbado		Simeão. Maximo. Claudio. Sylvano.
19	Domingo		<i>Sexag.</i> Roldão. Zambda. Auxibio.
20	Segunda	☾	Eleuterio. Sadot. Palestina. Sapor.
21	Terça		Leão. Felix. Lynneu. Jaguarê.
22	Quarta		Margarida. Pascacio. Abilia. Regina.
23	Quinta		Martha. Izabel. Baradrato. Sereno.
24	Sexta	☼	Mathias. Talacio. Nabor. Shem.
25	Sabbado		Cesario. Lamech. Arphaxed.
26	Domingo		<i>Carnaval</i> . Heber. Peleg. Isaac.
27	Segunda	☼	<i>Carnaval</i> . Serng. Mahor. Jacob.
28	Terça		<i>Carnaval</i> . Romão. Caio. Diwaldo.

Objectos para escriptorio

Artigos de luxo á venda na Livraria d'A FOLHA

↗ **MARÇO** ↖

1	Quarta		<i>Cinzas.</i> Prudencio. Hermeto. Zoè.
2	Quinta		Absalão. Lorgio. Carlos. Marnão.
3	Sexta		Emeterio. Fortunato. Marcia.
4	Sabbado		Casimiro. Decio. Diderot. Seneca.
5	Domingo		Eusebio. Palatino. Samuel. Lucio.
6	Segunda		Colleta. Thales. Xenophontes. Dino.
7	Terça		Anneto. Agnello. Meckenssogo.
8	Quarta		Sabas. Drotoveu. Violeta. Golias.
9	Quinta		Job. Ruy. Leo. Gil. Paz. Abel.
10	Sexta		Militão. Martim. Rebeca. Itala.
11	Sabbado		Celsete. Christovam. Abdias. Casto.
12	Domingo		Maximiliano. Theophanes. Attalas.
13	Segunda		Salomão. Rodrigo. Floriano.
14	Terça		Mathilde. Homero. Cicero.
15	Quarta		Longuinhos. Matrona. Ibrantina.
16	Quinta		Abrahão. Herberto. Agapito. Luzio.
17	Sexta		Theodoreto. Agricola. Gertrudes.
18	Sabbado		Gabriel. Salvador. Trophymo.
19	Domingo		José. Allemundo. Braulio. Eucarpio.
20	Segunda		Euphemia. Nicator. Osorio. Pelayo.
21	Terça		Benedicto. Octaviano. Saturnino.
22	Quarta		Benevenuto. Debora. Epaphrodita.
23	Quinta		Fidelis. Etewaldo. Nicenia. Roma.
24	Sexta		Rubino. Surio. Eparquio. Osmo.
25	Sabbado		✠ <i>Annuniação.</i> Dimas. Plutão.
26	Domingo		Ruperto. Castelo. Pollux. Theodão.
27	Segunda		Lydia. Anselmo. Amphiloquio.
28	Terça		Sixto. Dorotheu. Successo. Miguel.
28	Quarta		Eustachio. Cyro. Gontrão. Zanita.
30	Quinta		Pastor. Domnino. Clinio. Benjamin.
31	Sexta		Balbino. Amòs. Accacio. Guido.

→ **ABRIL** ←

1	Sabbado		Venancio. Theodoro. Irineu.
2	Domingo		<i>Paixão</i> . Francisco de Paula. Lino.
3	Segunda		Ricardo. Pancraccio. Evagrio.
4	Terça		Celso. Gallia. Agathopodis. Diana.
5	Quarta		Tigernach. Bocanio. Erudião. Moab.
6	Quinta		Marcellino. Prudente. Demagogo.
7	Sexta		Epiphanio. Aphraates. Amancio.
8	Sabbado		Elisa. Cassilda. Concessa. Gualter.
9	Domingo		<i>Ramos</i> . Eusichio. Dothon. Sirmio.
10	Segunda		Ezequiel. Daniel. Bademo. Terencio
11	Terça		Antipas. Philippe. Guthlaco. Diva.
12	Quarta		<i>Trevas</i> . Constantino. Barsanufio.
13	Quinta		✠ <i>Endoenças</i> . Hermenegildo. Guinhoc
14	Sexta		✠ <i>Faixão</i> . Tomaida. Lamberto.
15	Sabbado		<i>Alleluia</i> . Iracema. Henrique.
16	Domingo		✠ <i>Paschoa</i> . Calixto. Phronionio.
17	Segunda		Bruno. Abdhaicla. Ananias. Saphyra
18	Terça		Perfeito. Ancia. Corebo. Calossero.
19	Quarta		Crescencio. Zembio. Expedito.
20	Quinta		Polyciano. Auxerie. Esclavonio.
21	Sexta		Apollo. Crotates. Lucinda. Eingan.
22	Sabbado		Sotero. Helymenas. Opportuna.
23	Domingo		Jorge. Aquileu. Adalberto. Ivan.
24	Segunda		Fiel. Neau. Bona. Doda. Egberto.
25	Terça		Aniano. Rathbord. Pepino. Fenelon.
26	Quarta		Cleto. Pythagoras. Tucidides. Nair.
27	Quinta		Armengol. Erasmo. Napoleão.
28	Sexta		Vital. Didirao. Pamphilo. Cronan.
29	Sabbado		Eusebio. Menandro. Thales. Auta.
30	Domingo		Indalescio. Poliantho. Domingos.

→ **MAIO** ←

1	Segunda		Thiago. Exurepio. Jairo. Vindemiai.
2	Terça		Segundo. Julio. Redopiano.
3	Quarta		Invenção de Santa Cruz. Brasilino.
4	Quinta		Monica. Geraldo. Valerio. Proterio.
5	Sexta		Angelo. Hilario. Mauronte. Lola.
6	Sabbado		Domiciano. Pelegrino. Argonauta.
7	Domingo		Boleslau. Jocunda. Eunice. Neurita.
8	Segunda		Lodicéa. Romilda. Symphorosa.
9	Terça		Hermes. Brynoth. Marat. Lucas.
10	Quarta		Castinauta. Deolinda. Pafuncio.
11	Quinta		Mamerto. Eudaldo. Godo. Vissia.
12	Sexta		Domitilla. Expedito. Humberto.
13	Sabbado		Mucio. Gervasio. Iphigenia. Laura.
14	Domingo		Bonifacio. Corona. Margarida.
15	Segunda		Idro. Torquato. Dympina. Yvone.
16	Terça		Nepomuceno. Paschoal. Restituta.
17	Quarta		Cantalicio. Aleixo. Acylino. Radina.
18	Quinta		Liliosa. Olinda. Ermengarda. Flora.
19	Sexta		Zacheu. Rosendo. Dunstano.
20	Sabbado		Antiocho. Esmeria. Godrico. Nelia.
21	Domingo		Quiteria. Conall. Conrado. Fulco.
22	Segunda		Quinciano. Pero. Ramiro. Leduina.
23	Terça		Diocles. Zocio. Manahen. Crispim.
24	Quarta		Polydamas. Robustiano. Afra.
25	Quinta		✠ <i>Ascensão</i> . Magdalena. Nervio.
26	Sexta		Beda. Arthur. Mileto. Priamo.
27	Sabbado		Carauno. Elconidas. Tiberyçá. Caim.
28	Domingo		Germano. Podio. Amelio. Thellys.
29	Segunda		Astréa. Ursolino. Damhade. Juarez.
30	Terça		Walsiano. Madelgisilo. Eliezer.
31	Quarta		Petronilha. Saul. Hunyades. Albano.

✻ JUNHO ✻

1	Quinta		Felino. Ischyrião. Jrvencio. Firmo.
2	Sexta		Eugenio. Fotimo. Brandina. Diacono
3	Sabbado		Clotilde. Zuleika. Altamira. Leonor.
4	Domingo		Paulino. Carolina Deodoro. Barrabás.
5	Segunda		Hildebrando. Magnolia. Narcisa.
6	Terça		Norberto. Jurema. Araken. Sergio.
7	Quarta		Pyrrho. Branca. Braulina, Djalma.
8	Quinta		Salustiano. Tancredo. Secundino.
9	Sexta		Primo. Jesuino. Sevigné. Annita.
10	Sabbado		Chrysantho. Idalina. Togo. Senhora.
11	Domingo		Tochumra. Facundo. Franklin.
12	Segunda		Sahagun. Onofre. Frandila. Tirifilo.
13	Terça		Antonio de Padua. Aspasia. Hortencia.
14	Quarta		Eliseu. Josaphat. Basileu. Pierino.
15	Quinta		✠ <i>Corpus Christi</i> . Ludovico. Kotska.
16	Sexta		Julita. Arethusina. Salaberga.
17	Sabbado		Manoel. Reinerio. Arezzo. Adolpho.
18	Domingo		Cyriaco. Malaga. Dolores. Elvira.
19	Segunda		Gaudencio. Culmacio. Deodata.
20	Terça		Gabaim. Baim. Noveto. Edburgo.
21	Quarta		Rufino. Leutridio. Ralpho. Achilles.
22	Quinta		Conсорcia. Januario. Synesio. Carmina.
23	Sexta		Agrippina. Oignies. Edidrida. Zeuxis.
24	Sabbado		✠ <i>João Baptista</i> . Herodes. Jacques.
25	Domingo		Eloy. Prospero. Orosia. Febronio.
26	Segunda		Perseveranda. Racolem. Anchieta.
27	Terça		Zoilo. Sansão. Maxencio. Moloc.
28	Quarta		Plutarco. Pápias. Potamiona. Atila.
29	Quinta		✠ <i>Pedro</i> . Eronio. Hostiano. Pelino.
30	Sexta		Marçal. Francellino. Diogina. Saulo.


NOVEMBRO


1	Quarta		✠ <i>Todos os Santos.</i>
2	Quinta	♁	Elpidephoro. Ampodisto. Vulgano.
3	Sexta		Venefreda. Populo. Guenosio.
4	Sabbado	♁	Borromeu. Philologo. Patrobas.
5	Domingo		Epystemia Berthilia Espiridina.
6	Segunda		Leonardo. Limousin. Jupyra. Celistia.
7	Terça		Herculano. Hieronio. Villebrordo.
8	Quarta		Maternidade. Soledade. Aparecida.
9	Quinta		Thabor. Arabella. Ariowalda.
10	Sexta		Theotista. Doralice. Celicina. Bruto.
11	Sabbado		Mena. Verão. Evodio. Doronico.
12	Domingo	♁	Ludovino. Nilo. Malvina. Polybio.
13	Segunda		Homobono. Guarabyra. Aprigio.
14	Terça		Venerando. Dubricio. Dehlio.
15	Quarta	♁	Samona. Guria. Didier. Abibio.
16	Quinta		Fidencio. Elpidio. Otmaro. Libanio.
17	Sexta		Victoria. Hilda. Rosentina. Delmira.
18	Sabbado		Fausto. Barlaão. Aza. Franco.
19	Domingo		Simplicio. Clovis. Gildasio. Megareo.
20	Segunda	♁	Genesio. Possidonio. Nazarethina.
21	Terça		Cecilia. Pramacio. Philemão.
22	Quarta		Amphiloquio. Domitilia. Leonidas.
23	Quinta		Alexandre. Conceição. Polyphemo.
24	Sexta		Mercurio. Garcia. Isolina. Golgotha.
25	Sabbado		Phyléas. Amador. Luthero.
26	Domingo		Interciso. Maarsapar. Irenarco.
27	Segunda	♁	Amós. Almerinda. Vaniator. Bora.
28	Terça		Iluminada. Vespertina. Infante.
29	Quarta		Mahaner. Tugal. Quiteria. Otto.
30	Quinta		Damaso. Gentil. Leodegaria. Jobar.


DEZEMBRO


1	Sexta		Eloy, Nathalia, Olegario, Arnobio,
2	Sabbado		Neonio, Ambico, Sophonias,
3	Domingo		Eulina, Rousseau, Eurycles, Jenny,
4	Segunda		Barbara, Annão, Marutas, Beraldo,
5	Terça		Grato, Pericles, Umbellina,
6	Quarta		Aselia, Tercio, Maiorico, Mercedes,
7	Quinta		Ambrosio, Felinto, Torquato,
8	Sexta		✠ <i>Conceição</i> , Patappio, Olindina,
9	Sabbado		Leocadia, Samosata, Gorgonia,
10	Domingo		Eugrapho, Gemeo, Bricio, Aurelia,
11	Segunda		Barsabas, Trasonio, Gypsophila,
12	Terça		Arnaldo, Polyxena, Romeu,
13	Quarta		Luzia, Jadoco, Renelmo, Oreste,
14	Quinta		Nieacio, Druzo, Abdanabo, Calvino,
15	Sexta		Comba, Carmelitana, Brennabor,
16	Sabbado		Azarias, Reamo, Democratino,
17	Domingo		Lazaro, Calanico, Ethurmio, Vivina,
18	Segunda		Carmela, Donalia, Adelia, Eneida,
19	Terça		Mahomet, Ararygboia, Sepé,
20	Quarta		Domingos, Ingenuo, Bayuluio,
21	Quinta		Thomé, Setembrina, Hermantina,
22	Sexta		Emanuel, Edwina, Aideméa,
23	Sabbado		Mygdonio, Antimo, Jussara, Regina,
24	Domingo		Delphim, Tarsilia, Alcorão,
25	Segunda		✠ <i>Natal</i> , Hollanda, Natalino,
26	Terça		Jalerto, Fradique, Romero, Ali-Bey,
27	Quarta		Evangelista, Nicerata, Caramurù,
28	Quinta		Troadio, Armando, Rainaldina,
29	Sexta		Weerdenburg, William, Amaryllis,
30	Sabbado		Sabino, Gamalino, Aspícueta,
31	Domingo		Sylvestre, Jerusalem, Jacquesina,


SETEMBRO


1	Sexta		Venera. Valfior. Nelson. Antisthenes.
2	Sabbado		Luciola. Ipojukan. Cleantes. Telmo.
3	Domingo		Euphemia. Dorothea. Carytanio.
4	Segunda		Rosalia. Amiamo. Ultano. Viterbo.
5	Terça		Obdulia. Arconcio. Menedermo.
6	Quarta		Onesitorio. Pambo. Olga. Constancia.
7	Quinta		Zozonte. Medelberta. Isaias. Josias.
8	Sexta		 <i>Natividade.</i> Netarvo. Neophyto.
9	Sabbado		Tiburcio. Audomaro. Misraim.
10	Domingo		Macrobio. Assuero. Jonas. Tobias.
11	Segunda		Sosthenes. Nimphodora. Juderes.
12	Terça		Eleuxis. Ema. Archimedes. Sophia.
13	Quarta		Coroneto. Eduvilda. Massinissa.
14	Quinta		Matorno. Asclepiodoro. Leãocino.
15	Sexta		Redemida. Petrarca. Polemarcha.
16	Sabbado		Estherlina. Coradina. Evangelina.
17	Domingo		Omar. Castalia. Pharaó Jehovah.
18	Segunda		Festo. Socio. Secuano. Dorimedontes
19	Terça		Frisco. Annibal. Amormeu. Taormina
20	Quarta		Hyrtacio. Isaccio. Iguassú. Moacyr.
21	Quinta		Amerita. Iraida. Emmerano. Pagebú.
22	Sexta		Polygena. Florisbella. Menotti.
23	Sabbado		Monner. Hakkon. Habacuc. Dalmo.
24	Domingo		Lugo. Anhacario. Ceolfredo.
25	Segunda		Nilo. Elo. Esmeralda. Platina. Ruth.
26	Terça		Cosme. Epicarydes. Lecticia. Alpheu
27	Quarta		Hereules. Diamantina. Gasdoa.
28	Quinta		Jeroboão. Maraidana. Russia. Calida.
29	Sexta		Ustiarino. Natal. Mariscal. Vienna.
30	Sabbado		Barbouki. Anglicano. Ariel. Ermidia

➔ **OUTUBRO** ➔

1	Domingo		Presco. Fidarico. Robinson. Urania.
2	Segunda		Custodio. Catão. Risima. Graziela.
3	Terça		Evaldas. Erato. Aurora. Primavera.
4	Quarta		Petronio. Delanne. Flammarion.
5	Quinta		Froilão. Traseas. Gaya. Ptolomei.
6	Sexta		Sagares. Ulysses. Mosart. Hypathia.
7	Sabbado		Baccon. Apuleyo. Osita. Elano.
8	Domingo		Pelagia. Actenon. Thais. Rainha.
9	Segunda		Thalia. Savanarola. Nympha.
10	Terça		Areopagyta. Thimocléas. Heloah.
11	Quarta		Escubiculo. Sarmatas. Etelburga.
12	Quinta		Edistio. Scevola. Aracy. Perpedicula.
13	Sexta		Edgard. Psyché. Adonis. Goethe.
14	Sabbado		Malesherbes. Lindaura. Nemrod.
15	Domingo		Agesilau. Legião. Thebana. Poty.
16	Segunda		Deogracias. Armogasto. Elifio.
17	Terça		Eduviges. Malmette. Felizolinda.
18	Quarta		Dulcelina. Ibrahim. Consuelo. Norma.
19	Quinta		Fredesvina. Magdala. Cápraso.
20	Sexta		Sapho. Calabar. Epaminondas.
21	Sabbado		Nunilla. Abercio. Colagria. Verecundo
22	Domingo		Capistrano. Servando. Albarico.
23	Segunda		Maglorio. Suetonio. Elesbão.
24	Terça		Miniato. Maryrio. Fructuoso.
25	Quarta		Rustico. Quodvulideo. Quadragesimo.
26	Quinta		Erotelda. Furmenclo. Abbanio.
27	Sexta		Ferrucio. Neothés. Jackson. René.
28	Sabbado		Nathanael. Dalgora. Joatham.
29	Domingo		Lupercio. Centurião. Olavo. Rangel.
30	Segunda		Lucilia. Ampliado. Vernosina.
31	Terça		Josina. Georgina. Jorgina. Tibertino

➤ **JULHO** ➤

1	Sabbado		Theodorico. Gallo. Aarão. Calais.
2	Domingo		Visitação de N. S. a S. Isabel. Othon
3	Segunda		Bertrão. Mustiola. Altino. Date.
4	Terça		Bom. Naphanião. Guntierno. Edaene.
5	Quarta		Phylomena. Sedofa. Modwena.
6	Quinta		Tranquillino. Godoleva. Rixio. Varo.
7	Sexta		Castorio. Pompeu. Eddas. Forerio.
8	Sabbado		Priscilla. Universina. Bethulia. Raul.
9	Domingo		Veronica. Andozia. Patermuncio.
10	Segunda		Amelberga. Bertha. Leopoldina.
11	Terça		Cindeu. Hidulpho. Diosane. Sidrac.
12	Quarta		Hermagoras. Vivenciolo. Jassão.
13	Quinta		Turiano. Myrope. Joel. Murita. Edra.
14	Sexta		Heracías. Soldado. Phocas. Asdrubal.
15	Sabbado		Camillo. Perpetua. Clarismundo.
16	Domingo		Hervalino. Osmundo. Castidiana.
17	Segunda		Escilitano. Ennodio. Vestina. Dido.
18	Terça		Frederico. Gundena. Gloria. Palnyra.
19	Quarta		Vicente de Paulo. Epaphras. Aurea.
20	Quinta		Vilgefertis. Vulmaro. Washington.
21	Sexta		Praxedes. Oceanides. Archangêlo.
22	Sabbado		Amaro. Danaide. Vasco. Ondina.
23	Domingo		Erundina. Corina. Reducino.
24	Segunda		Antinogenes. Wulfada. Reymbrant.
25	Terça		Cucuphrates. Colombo. Campesina.
26	Quarta		Anna. Felisberto. Paraguassú.
27	Quinta		Semproniana. Jaír. Tacito. Elvino.
28	Sexta		Pureza. Alencardino. Copernino.
29	Sabbado		Beatriz. Riolando. Jundiahydina.
30	Domingo		Sinenio. Urso. Hellesponto. Zambi.
31	Segunda		Fabio. Democrito. Glaucia. Lahonte.

➤ **AGOSTO** ➤

1	Terça		Trajano. Rufo. Menandro. Macchabeus.
2	Quarta		Rutilio. Eteldrita. Oderfla. Fé.
3	Quinta		Ermello. Asprenio. Gamoliel. Zalina.
4	Sexta		Tertuliano. Elysio. Artaxerxes.
5	Sabbado		Emigdio. Eusimio. Sobello. Oswaldo.
6	Domingo		Andradina. Thauziat. Heitor. Pronuba
7	Segunda		Caetano. Jakin. Booz. Jaguaruna.
8	Terça		Justino. Laís. Nizetta, Idealina.
9	Quarta		Pastor. Garibaldino. Leonel. Rachel.
10	Quinta		Asteria. Blanio. Nabuchodonosor,
11	Sexta		Taurino. Dalila. Roque. Attilio.
12	Sabbado		Largio. Jayme. Evaristo. Galino.
13	Domingo		Scentola. Vigherto. Odette. Grant.
14	Segunda		Bolivar. Florindo. Oscarlino. Jacy.
15	Terça		✠ <i>Assumpção</i> , Alipio. Arnulpho. Gilio
16	Quarta		Joaquim. Getulino. Viriato. Alvizio.
17	Quinta		Jibrado. Heliodoro. Durvalina. Brenno
18	Sexta		Cleobulo. Cleophantes. Lincoln.
19	Sabbado		Mocteu. Humaitá. Cherubim. Estrella.
20	Domingo		Porfirio. Chrysalida. Odysseá. Israel.
21	Segunda		Clementino. Erythania. Adinhoramita.
22	Terça		Dante. Hebe. Matathias. Baptista.
23	Quarta		Carlindo. Caiuby. Ney. Joventino.
24	Quinta		Bartholomeu. Limniola. Uthica.
25	Sexta		Gines. Castidade. Laercio. Catilina.
26	Sabbado		Zeferino. Bento. Irma. Consolação.
27	Domingo		Malrubio. Siagrio. Narno. Lycerio.
28	Segunda		Bibiano. Anthe. Elza. Iria. Darwin.
29	Terça		Ignacio. Sebbo. Warwick. Mederico.
30	Quarta		Adaucio. Fiacrio. Pamachio. Tecla.
31	Quinta		Aydano. Amia. Optatão. Cothburga.

A FOLHA

LIVRARIA — PAPELARIA — TYPOGRAPHIA

Completo sortimento de livros e objectos escolares e commerciaes, papeis, cartões postaes, chromos, artigos de luxo, musicas, etc.

Nas suas officinas executa-se todo e qualquer serviço typographico: facturas, memorandas, estatutos, cartões de visitas, talões de recibos, convites, etc.

Agencia de carimbos de borracha, encarregando-se de qualquer encommenda e garantindo presteza e perfeição nos trabalhos.

Em armarinho possui variadissimo sortimento de brinquedos, artigos proprios para presentes, quinquilharias e enorme sortimento de ultimas novidades.

Fabrica de cadernos escolares, executando-se tambem qualquer trabalho de pautaço possuindo para esse fim excellente machina.

Preços modicos.

Vendas a vista.

RUA DO ROSARIO, 54

Q JUNDIAHY D

ALVARES DE AZEVEDO E BYRON



ALVARES de Azevedo, incontestavelmente o mais sensível dos poetas brasileiros, experimentou profundamente os influxos de Byron.

Um vacío tenebroso cercou o alvorecer da vida de Byron: elle não encontrou os sorrisos de sua mãe, a ternura dos olhares maternos e nem uma carícia, onde o seu coração se acalentasse para viver e amar.

Negra, a ave da vida poisara no seu berço, desdobrando sobre elle suas azas feitas de lagrimas e dôres.

Alvares de Azevedo encontrou, porém, o regaço de sua mãe; cantaram-lhe aos ouvidos as melodias dulçorosas do amor materno, e seu coração pôde reclinar-se nesses braços, enflorados de bençãos e carinhos.

Aquelle não se resignou á vida: encarcerado nas sombras de seu espirito, trasia no pensamento uma agonia, no coração uma mortalha e preso aos labios um sorriso esmorecido de descrença. Alvares de Azevedo, marinheiro entregue ao mar inexoravel da vida, batido pelas lufadas de tantas illusões, envolvido pelas espumas de todas as amarguras, luctou contra as revoltas

tre as lagrimas e os soluços de seus parentes, numa santa paz com o céu, mormurando: — «Que fatalidade».

Sim, que fatalidade! — repetiram as letras patrias — vendo partida uma das azas da poesia, que um genio de vinte annos levantou até as constellações da immortalidade.

Que fatalidade! — repetiram todos — morrer assim tão moço, ao despertar da vida, quando tudo é um sonho e o sonho uma esperança!

Que fatalidade! — repete ainda a alma da mocidade — vendo arrastada pelo furacão da morte a grandeza de um porvir e morto o vivo ideal que idolatrava.

Oh! não...

... Teu nome brilha e resplandece no monumento da tradição academica, no coração das gerações de teus irmãos.

E, debruçada sobre teu tumulo, a alma da mocidade chora e soluça, como um salgueiro lacrimoso, cujos galhos tristes não seccarão jamais.

Angelo Sangirardi

Charadas... jundiahyenses 1 a 4

O João Xavier não *combate com espada corpo a corpo*, porque si acontecesse ferir o adversario seria elle o mais prejudicado, sentindo *sensação ingrata, sentimento e pena*. O bom amigo só gosta de contender pela palavra: é um *emerito discutidor*. 4 — 1

A gentil senhorinha Maria Blumer tem no rosto um *signal* igual ao daquela mocinha que *nasceu na Polonia* e para aqui veio em uma *especie de embarcação*. 2 — 3

O Figueiredo quando quer mostrar a sua sabedoria *perde o fio ao discurso!*... *Compaixão* eu tenho de quem *não pode falar* 3 — 1

O Pereirinha quando *assopra no instrumento* tem muita *graca*: é o seu *caracteristico* 1 — 2

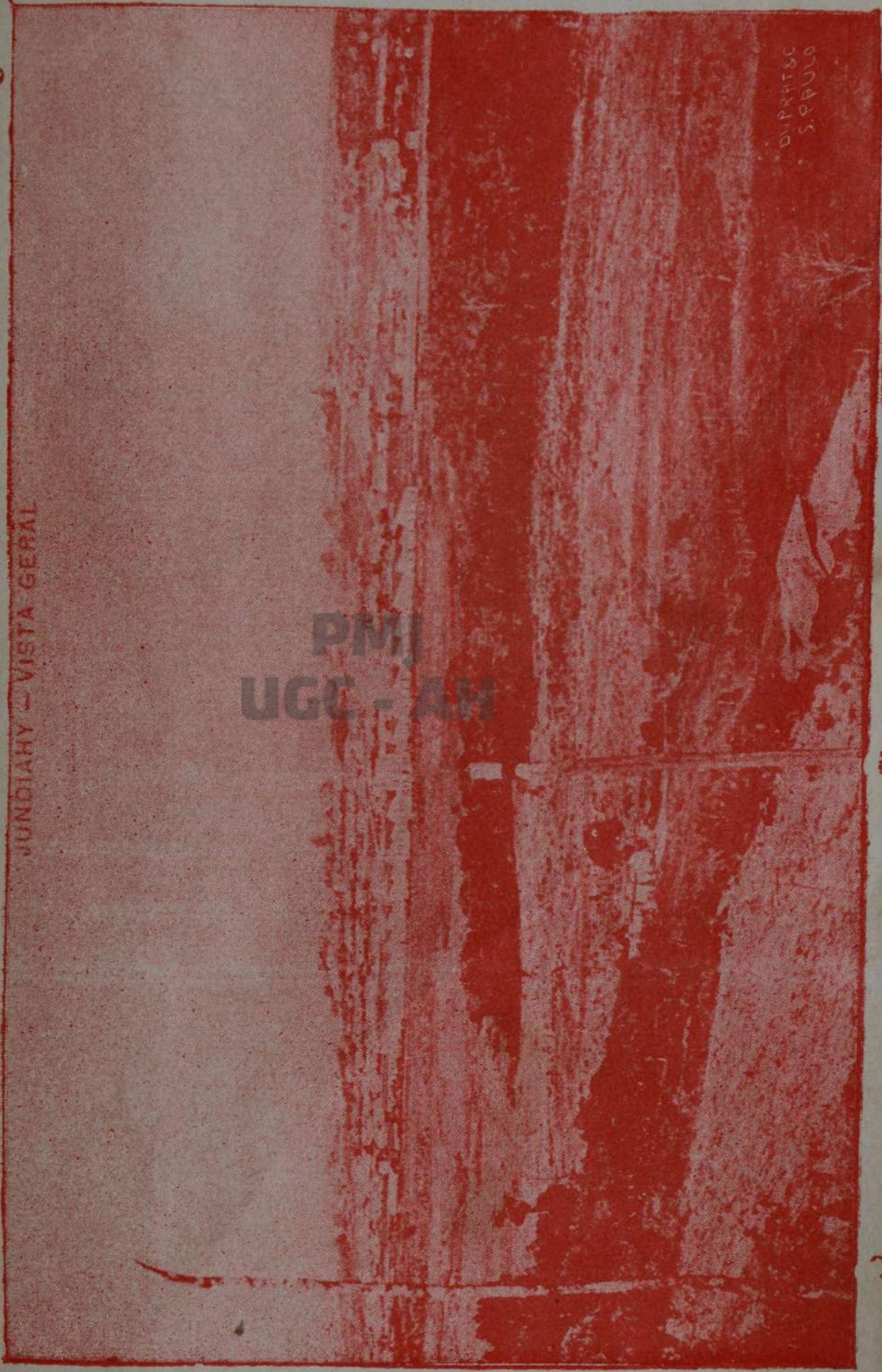
(Jundiahy)

Araçunum

JUNDIAHY - VISTA GERAL

PMJ
UGC - AN

DUARTE &
S. PAULO



PMJ
UGC - AH

Inutilmente mostras que me odeias...
Eu não exulto por viveres triste.
—Si não temos de amor as almas cheias,
Nellas tambem o odio não existe!

No coração que muito amou persiste
Eterna a rosa da illusão... Não creias
Que do amor que senti, que tû sentiste
Já se romperam todas as cadeias...

Toda a chimera azul das nossas almas
Dizemos que tombou, morta, gelada,
Porém, não sei porque por noites calmas

Em sonhos me appareces como um anjo
Vaporosa, constricta, torturada,
E eu torturado e triste me confranjo

VICTOR CARUSO

AS 7 ARROBAS DE OURO DO REAL ERARIO

Foi um dos periodos mais tristemente celebres, diz um historiador, o que decorreu de 15 de Agosto de 1727 a 14 de Agosto de 1732, em que governou S. Paulo o famigerado capitão general Antonio da Silva Caldeira Pimentel. Roubos, assassinatos e toda a sorte de falcatruas eram commettidos impunemente por alguns portuguezes que, aqui, chegavam a conseguir a protecção do immoralissimo governador.

Um dos mais audaciosos e celebres dos gatunos que, nessa epocha, infestavam estas paragens, foi sem duvida, o portuguez

Sebastião Fernandes do Rego, provedor da fazenda real, em S. Paulo. Homem máu, cúmplice de Pimentel em muitas acções menos dignas, gosando da protecção do capitão general, abusava de seu poder, roubando e perseguindo os paulistas de quem era um dos maiores inimigos.

Dentre os diversos furtos praticados por esse celebre gatuno existe um que, pela audacia do commettimento, vale a pena ser contado.

E' o caso que vieram de Cuyabá, para d'aqui serem remetidas para Lisboa, 7 arrobas de ouro do real erario, producto do quinto, a *legal extorsão* a que estavamos sujeitos.

O fardo do precioso metal, depois de passar pelas mãos do provedor da real fazenda, em S. Paulo, seguiu a bordo de um dos lendarios galeões, ao lado de outras preciosidades, consignado ao muito poderoso rei D. João V, senhor da Nova Luzitania.

O monarcha quiz, por occasião da abertura do precioso fardo, dar uma grande festa, para assim poder apreciar a admiração, o assombro de seus convidados ao verem os fabulosos thesouros de seus extensissimos dominios. Reuniu a côrte e convidou os representantes estrangeiros para o memoravel festim. El-rei mesmo quiz abrir os cofres. Os embaixadores, os gentis-homens avidos de curiosidade, esperavam, impacientes. . .

Afinal abriu se uma das preciosas arcas. . . Mas, oh! decepção! oh! atrevimento inaudito! . . . Em vez das 7 arrobas reluzentes do louro metal, ostentaram-se aos olhos dos circumstantes 7 arrobas do feio, do miseravel chumbo!

Abriu se logo a devassa, a cruel devassa d'aquelle tempo, o inquerito summario que, de cem indigitados criminosos, condemnava, quasi sempre, cincoenta innocentes. Foi preso e remetido para Lisboa, onde cumpriu, em carceres infectos, uma pena injustamente imposta, o infeliz paulista Jacintho Borges Lopes, provedor das minas de Cuyabá e accusado como auctor da audaciosa mystificação. Mais tarde foi posto em liberdade por se ter descoberto o verdadeiro criminoso, Sebastião do Rego que em S. Paulo, havia roubado o ouro e posto em seu lugar igual quantidade de chumbo.

O infiel zelador das rendas de S. M. foi preso, sendo confiscados seus valiosos bens. Depois de alguns annos de prisão na fortaleza da barra, em Santos, Sebastião Fernandes do Rego foi posto em liberdade e, cheio de remorsos e de desprezo publico, veio a fallecer, miseravelmente aqui, em Jundiaby, no anno de 1741.

ENIGMAS 5 a 8

150

Não peças nada
Ao teu visinho,
Porque elle é
Muito mesquinho.

10000501

Sou indio ou chin,
Immigrante sou;
A paiz estranho
Trabalhar eu vou.

010001

Só da violeta
Mimosa flor,
Incomparavel
E' o suave odor.



Eu sou um principe,
De Venus filho,
De mãe tão bella
Possue o brilho.

A. R. Guimarães
(Jundiahy)

CHARADA ANTIGA 9

(Ao Polydamas)

E's charadista talentoso,
Emerito, douto, elegante...
A todos impondo respeito,
Tal qual famoso gigante—2

Para fazeres charada,
Toda cheia de meiguice,
E's turuna. P'ra decifrares
Tens verdadeira doudice—3

Se decifrares esta charada
Ganharás um bello lyrio.
Que, porém, isto não cause
Aos nossos collegas delirio

Araçunum
(Jundiahy)

PENSAMENTO

As crenças religiosas
Aspiram geralmente
amor e temor de J
incutem terror e r
dade: os homens r
ginar um poder
tyrannia ou desr

Os sabios rec
loucos o cobig

Marq

Violetas e rosas

(Para minha irmã Elisa)

Junto á ruína de um muro engrinaldado de héra,
A violeta nascera ; e entre as moitas perdidas,
Longe do resplendor da verde primavéra,
Que esperanças não tinha, esplendidas, na vida ! . . .

Mas debalde ficára anciosa e louca, á espera
Das caricias do sol, que a deixára esquecida . . .
Nem viera a borboleta, e o colibri não viera
Dar a esmola de um beijo á flor desilludida ! . . .

E contemplando a furto os roseirões floridos,
Deslumbrada, invejando a purpura das rosas,
As vezes prorompia uns queixumes doridos :

Ninguém me vê nem ama ! . . . E triumphantes, bellas
Si, como as rosas são queridas e ditosas ! . . .
Quem me dera que eu fosse uma rosa daquellas ! . . .

Em pompa rara, ao sol desabrochou gloriosa
—Transbordante de aroma a corolla vermelha—
E nas gottas de orvalho espelhava-se, orgulhosa,
Como um cisne em um lago orgulhoso, se espelha . . .

E com desdem sorriu, soberba e altiva a rosa
vedor ao sol, que lhe mandára a rutila scentelha,
ciosa mysticelibris azues, á borboleta anciosa,
descoberto o a violeta e á deslumbrada abelha ! . . .

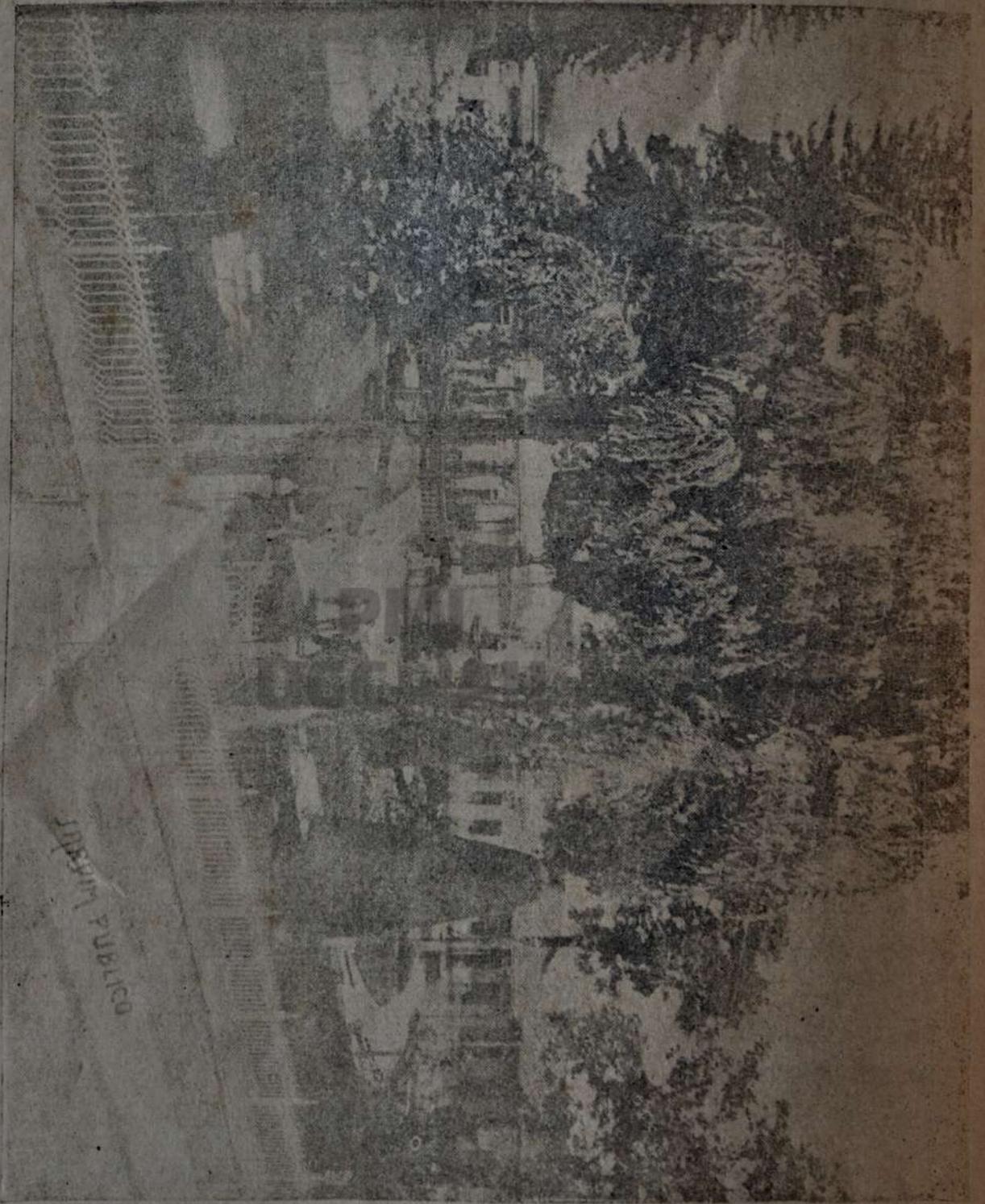
Paulo, havia ro
dade de chumbo, dia o vento os roseirões devasta,

O infiel zelad^o, desgalha e feroz e violento,
fiscados seus valio^{za} no ar e petalas arrasta . . .

na fortaleza da ba

foi posto em liberd^o a gloria ephemera e funesta,
blico, veiu a fallecc^o no derradeiro alento :

no de 1741. que eu fosse a violeta modesta ! . . .



BIBLIOTECA PUBLICA

PMJ
UGC - AH

AS ESPECIALIDADES DE JUNDIAHY

Para corresponder á gentileza do meu amigo Tiburcio Siqueira, illustre jundiahyense que ja tornou-se notavel entre os seus conterraneos pelo amor que devota á sua terra; para encorajal-o na realisaco do seu sublime tentamen de publicar o Almanach de Jundiahy, escolhi para assumpto as especialidades daquella boa terra. Disse corresponder á gentileza, porque não foi outro o sentimento que impelliu o Tiburcio a solicitar a minha collaboraco; á gentileza correspondo, dando-lhe uma prova da minha boa vontade; á sua expectativa sobre a minha contribuiço literaria, não o posso fazer.

Vamos ao caso das especialidades, começando pelo clima.

E' universalmente reconhecida a salubridade de Jundiahy; mas a sua especialidade neste caso pouca gente a conhece — Jundiahy não tem medicos! Espantam-se, os leitores diante de tal affirmaco, sabendo que aquella cidade conta cerca de doze mil habitantes!

Provemol-o: Os tres medicos, distinctissimos e illustrados, que alli residem — Dr. Manuel C. de Almeida, Dr. Aristides de Campos Seabra e Dr. Francisco Cavalcanti, são respectivamente empregados da Companhia Inglesa, da Companhia Paulista e da Companhia S. Bento! Pensarão os leitores de fóra — é porque quasi todo o povo é empregado daquellas Companhias? Não; as tres reunidas não tem dois mil empregados, e a cidade tem quasi doze mil almas. O povo não precisa de medico, porque raramente alguem fica doente. Medicos illustres, como Carlos Brando e outros tem fixado residencia em Jundiahy, dedicando-se á clinica popular; nenhum porem, poudese manter por muito tempo. Reside tambem em Jundiahy um outro illustre

medico — o Dr. Olavo Guimarães, que não clinica por ter-se dedicado á lavoura.

Outra especialidade — a agua! Mas que agua! limpida, christallina! Captada na encosta da serra do Japy, ao desprender-se por entre rochas de granito, formando uma pequena cataracta.

Outra — A associação civica denominada «Centro de Agitação Patriotica» cujo fim exclusivo é festejar solennemente [attendam bem os leitores patriotas] as grandes datas nacionaes! Esta associação no dizer do «Estado», respeitavel orgam da imprensa paulista, deve servir de modelo e de exemplo a todas as localidades do Brasil.

Outra — A banda musical dos Empregados da Companhia Paulista; a meu ver, esta banda só tem uma rival no Estado — é a da Brigada Policial.

Outra — A igreja Matriz, bella, solidamente construida e ampla, só tem, no interior do Estado, uma que lhe avantaça — a Matriz Nova de Campinas.

Mais — A dança dos Caiapós, organizada pelo João Pratudo, nas festas do Espirito Santo, a qual apresenta tambem a sua especialidade — a entrada triumphal dos carros de lenha; para formação deste originalissimo prestito, contribuem os lavradores, cada um, como offerta ao Divino, com um carro de lenha, enfeitado de flores, ramagens, festões, etc.; estes carros reúnem-se em determinado ponto fóra da cidade, e á hora aprasada, precedidos da banda musical, entram na cidade, cujas ruas percorrem e depois a lenha é entregue aos festeiros.

Mais — Os cigarros caipiras fabricados pelo Chico Terra Nova! E' especialidade especial!

A ultima e muito importante — a ausencia absoluta de papudos! Dizem geralmente que Jundiahy é a terra dos papudos! Pois não é; durante os quatro an-

nos que alli residi não vi um sò papudo, por mais que olhasse com attenção todos os pescocoços.

Terminando, faço votos para que o Tiburcio encontre nos seus conterraneos o apoio indispensavel, pára a publicação do Almanach de Jundiahy, e apresento áquelle bom povo os meus augurios de felicidade.

S. Carlos, 1910

Hugo Ribeiro



NOVISSIMAS 10 a 15

Na cataracta africana ou na antiga cidade grega é possível encontrar-se esta planta 2—2

Tem prego e tem chaveta a carapuça 1—2

E' inconveniente que comas o bolo, que tem fama de saboroso e deixes de basofia 2—1

Si amo a Deus e ao Diabo é para ser popular 1—2

Não se pode negar que os indios tem maestria e muita habilidade 2—1

Que amor eu sinto por esta Deusa, minha senhora 2-2
Jundiahy

B. Hudson

Logogripho 16

Pelo menos alguns bens 5, 6, 7, -3.

Deve ao esposo levar,

Toda a mulher que se casa, 8, 2, 2, 1.

Ou que deseja casar.

Nesta nota marginal, 4, 6, 7, -1.

Que num momento se escreve,

Fica a chave cu o conceito

Deste simples conto breve.

(S. José, Santa Catharina)

Antonio F. Domingues

A AGONIA DA ARVORE

Vai-se uma folha e exhalas um lamento...
Estranhas coisas no sussurro dizes!
Desde que começou teu sofrimento
Fogem de ti os passaros felizes!

Tu que luctavas como o tufão violento:
Empedrada nas solidas raizes,
Agora pendes, quasi morta, ao vento,
Toda cheia de roxas cicatrizes...

Não te lastime, arvore sem flores,
Erguendo ao ceu, em vez de fronte linda,
Os braços nos extremos estertores!

Já não tens sombras para os namorados,
Mas os teus galhos servirão ainda
Para aquecer no inverno os desgraçados!

GUSTAVO TEIXEIRA

Reminiscencias

DESCAMBAVA o sol para o horisonte, doirando frouxamente com os seus ultimos e amortecidos raios de luz as extenças cordilheiras da Serra do Japy, quando eu, extenuado e subjugado pelo cansaço de uma viagem longa e penosa, descortinei pela primeira vez, em uma fria

e monotona tarde do mez de Maio de 1885, o esplendido e magnifico panoramã que tanto deslumbra aos que visitam este hoje tão formoso e abençoado pedaço do torrão Paulista. A impressão, porem, que recebi ao penetrar na Cidade, embora vindo de outras abandonadas nos invios sertões do sul do meu Estado, foi (porque não dizel-o?) a mais desoladora possivel. Pareceu-me uma perola brilhando no escuro fundo de um charco.

Uma topographia tão bella, tão cheia de seducções e de encantos, reduzida a frangalhos, horrorosamente decomposta.

Casarões sem esthetica e sem architectura, mesclados com saibro e desmedidamente altos uns, simplesmente barreiros e extremamente baixos outros, amparados quasi todos por grossos toros nas suas partes lateraes e com os seus telhados descancados sobre as extremidades de uma innumeravel fila de *cachorros* predipostos em linha recta para maior realce das enormes abas que os sustentavam; portas grosseiras, sem tintas e sem molduras, janellões de pe-roba, obedecendo ao mesmo alinhamento das portas, guarnecidas todas de umas pavorosas rotulas, atravéz das quaes se distinguia de vez em quando os olhares fugitivos e os portes esguios dos que lá dentro habitavam; largos e logradouros publicos inteiramente abandonados e os suburbios verdejantes de troncos naturaes, de cujas cupulas a rajada desprehendia turbilhões de galhos e folhas que chegavam a interceptar o transito pelos trilhos tortuosos que os circulavam; ruas mal cuidadas, esburacadas e cobertas de relvas famintamente devoradas por cabridéos tão miseravelmente desnutridos como as manadas de leiteiras, crivadas de vermes, que coalhavam o seu solo; deram-me a mim como dariam a qualquer outro visitante, uma idéa bem pouco favoravel do adiantamento do lugar. No elemento de vida, notei a mesma apathia, o mesmo esmorecimento. Industria nenhuma; lavoura pauperrima e o movimento commercial quasi nullo. Apenas um ou outro negocio provido somente de generos de primeira necessidade e de facil consumo. As lojas seguiam as mesmas proporções dos negocios. O abastecimento da carne á população era feito por uma unica casa: a do coronel Penteado, onde o João do A-

çougue, para regalo das cosinheiras e das *cocottes* entoava todas as manhãs, com a sua vóz de baritono já um tanto rouca e estragada, uns apaixonados *quero-manas*, precedidos de um indefectivel *baixão* que se me não a traiçoa a memoria rezava assim:

« Quando fui p'ra me embarcar
Não chorei de opinião
Vendo o rasto da onça
Ainda o berro do leão.

E logo em seguida:

« Não vale a pena se ter
Amor nesta lonjura
Passa-se uma hora de goso
Quatro ou cinco de amargura ».

Escusado é dizer que um coro unisono de approvação acolhia sempre o ultimo *guincho* ou *amargura* e que o João sorvendo um forte trago da *branca* mais ainda se animava a entreter a freguezia, á custa dos seus pulmões e da sua prosa bonaxeirona e por vezes apimentada, impingindo-lhe no auge do entusiasmo osso por carne e pelanca de vacca por lombo de porco. Aqui está, literariamente mal alinhavado, porem, fielmente descripto, o que era Jundiahy em 1885. Entretanto ainda ha quem suspire:

« Ai ! meu Jundiahy d'outr'ora,
quantas saudades tu me despertas ! »

Pois sim !

Não me proponho a descrever a verdadeira metamorphose porque passou esta Cidade, no curto periodo de 25 annos, porque isso alem de não caber nos estreitos limites de um trabalho feito ás pressas e de afogadilho, demandaria maior somma de conhecimentos e de competencia, qualidades que infelizmente me faltam para desenvolver um assumpto de tão delicada e de tão elevada transcendencia. Outros me substituirão; a esses, porem, não cederei a primasia de dizerem aos vindouros que os verdadeiros bene-

meritos dessa cruzada santa, desse fogo bemdito de melhoramentos e embellezamentos foram, cada um dentro das suas attribuições, os illustres e dignos deputados, Drs. Eloy de Miranda Chaves e Gustavo Paes de Barros; os coroneis Boaventura Mendes Pereira, Antonio Mendes Pereira, Julio Gandra, Eduardo de Castro e João Augusto de Godoy, meu saudoso e dedicado companheiro de redacção d'O *Jundiayense*; os srs. João Maria Gonzaga de Lacerda, Benedicto Feliciano de Moraes, José Pedro de Oliveira, Curado Junior,, Carlos Del Porto, Octavio Prestes, Manoel Pereira de Arruda e Arthur Guimarães; os Drs. Candido de Moraes Bueno, Olavo Guimarães e Francisco Cavalcanti e notadamente o digno e honesto actual Prefeito coronel Francisco de Paula Penteado, coração nobre e generoso, accessivel aos grandes e aos pequenos, character impolluto e de rigida tempera, administrador modelo e de largos descortinios e sobretudo bairrista de papo amarello, capaz de sacrificar a vida e seus proprios interesses em prol do engrandecimento do seu bello torrão. Não nasci em Jundiahy, porem, o meu amor por este lugar é tão sincero e tão entranhado; as amizades que aqui conquistei tão grandes e tão acimentadas que eu não vacillo em declarar que o affecto que sinto pela terra dos Queirozes não é inferior ao que me prende á velha e legendaria cidade sul-mineira — Jaguary — meu berço natal

Josè A. Cassalho Junior

—X+X—

Charadas Mephistophelicas 17 a 19

No liquido do affluente do Tocantins eu vi um peixe — 3.

Naquelle tempo a mulher de Jacob morava numa villa da provincia de Palermo — 3.

E o commandante turco andava acompanhado por um animal parecido com lagarto — 3.

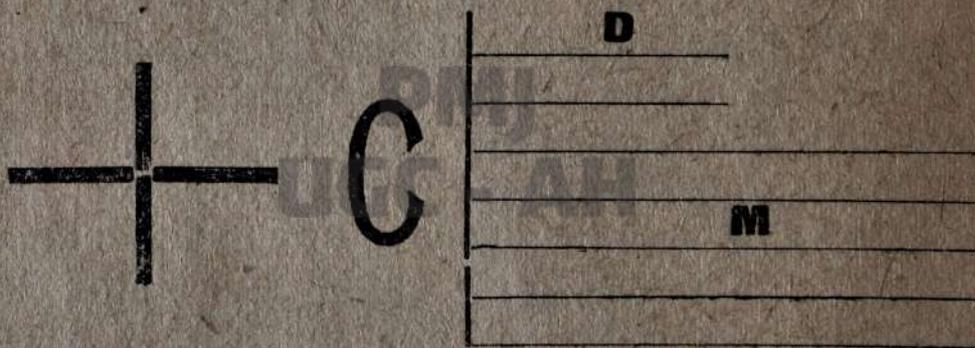
Araçunum

Enigma 20

Ao professor Miguel Carneiro Junior

Desciam dois sujeitos pela rua do Triumpho, seriam 11 horas da noite, duma sexta-feira e iam discutindo sobre almas penadas e assombrações, quando um grande cão saltou o muro do quintal da casa onde foi antigamente o «Casino», investindo para os dois noctambulos. Ambos, como que fulminados, cahiram sendo encontrados sem sentidos, ao amanhecer.

Levados á «Pharmacia Lacerda» e depois de medicados, recuperaram os sentidos e contaram o que havia succedido. Ao serem mandados em paz, dizia um para o outro: — E' bem verdade o que dizem que no mundo...

**Perguntas historicas 21 e 22**

Quaes foram as palavras proferidas pelo marechal Manoel Deodoro da Fonseca, ao assignar o acto de 23 de Novembro de 1891, renunciando a presidencia da Republica?

Em 11 de Junho de 1865, na memoravel batalha do Riachuelo, achava-se a bordo do vapor brasileiro «Mearim», um joven guarda-marinha que, apos bater-se denodadamente, cahiu ferido e expirou pronunciando uma unica palavra: — PATRIA !...

Qual o seu nome ?

J. B. FICUEIREDO

CADEIRA PUBLICA



1880

PMJ
UGC - AH

ENFERMIDADES E DESGRAÇAS

CAUSADAS PELA

PRISÃO DE VENTRE

A pessoa que soffre de prisão de ventre é um infeliz, é um irresponsavel; quem soffre de Prisão de Ventre, faz aquillo que não quer, ou deixa de fazer o que devia.—Quantos crimes se tem praticado por individuo cujo genio estava exasperado por muitos dias de falta de evacuações, e quantas familias arruinadas, quantos negocios perdidos, quantas desgraças que não se evitaram, pela falta de animo, pela preguiça, pela doença, emfim, daquelles que soffrem de Prisão de Ventre.

Em alguns individuos a Prisão de Ventre altera o genio, faz ficar de mau humor, irascivel, grosseiro; noutros causa tristeza, desanimo, preguiça, em uma palavra, causa a todos que della soffrem, a Infelicidade.

Muitas molestias do Estomago e do Fígado desaparecerão com a cura da Prisão de Ventre. Repare bêm cada um em si, nos membros da familia e nos conhecidos, que as dores de cabeça, tonteiras, vertigens, palpitações do coração, má digestão, desanimo, fastio, preguiça, calor no rosto, nevralgias, azia, hemorrhoidas, e outras manifestações infelizes, não tem outra causa senão a Prisão de Ventre.

E', pois, preciso convencer-se de que para ser feliz é necessaria não soffrer de Prisão de Ventre, é preciso evacuar todos os dias.

Pondo de parte os purgantes fortes, cujo uso frequente é muito prejudicial, aconselhamos apoiados em 40 annos de exito, a todos que soffrem de Prisão de Ventre, que usem as Pilulas antidyspepticas do Dr. Oscar Heinzelmänn, medicamento talmente apropriado a essa terrivel doença, que jamais a pessoa que o experimentou uma vez, deixará de usal-o emquanto for viva e tiver d'elle necessidade.

As Pilulas Antidyspepticas do Dr. Oscar Heinzelmänn curam as doenças do Estomago, Fígado e Intestinos, fazem evacuar diariamente uma ou duas vezes, conforme a dõse e a necessidade do doente; é um purgante tão suave que, tomadas á noite ao deitar-se, produzem evacuação natural, sem collicas no dia seguinte ao levantar-se, tonificando os intestinos e purificando o sangue, ao contrario da irritação produzida por purgantes fortes.

Os attestados que temos publicado e continuamos publicando são milhares; chamamos a attenção de todos para o attestado, que aqui publicamos, do Sr. Rodolpho Magalhães de Freitas, morador á rua S. Januario, 74.

Illmos. Srs.

Necessitando agradecer a alguém a felicidade de que novamente gozo e a qual julgava perdida completamente para mim, faço e vos envio esta declaração, dando-vos autorisação para que a façam publicar.

Desde minha ultima viagem a Portugal que comecei a soffrer, mesmo a bordo, de Prisão de Ventre, passando até 4 dias sem evacuar e só o fazendo quando tomava purgante. Durante 2 annos soffri sem interrupção dessa doença e tambem do estomago, tendo absoluta falta de fome; e não bebendo vinho ou licores porque ficava com a cabeça e cara a escaldar; tinha dores de cabeça que não cessavam com remedio algum, só passando quando tomava agua de Villa Cabras e conseguia evacuar. Duas semanas antes de voltar ao Brasil, por conselho de um amigo, o Dr. Carlos Belchior

de Souza comprei em Lisboa na Drogaria dos Srs. Vicente Pimentel & Quintans, rua da Prata, 194 e 196, as Pilulas Antidyspepticas do Dr. Oscar Heinzelmann, começando desde o dia seguinte novamente os meus dias de felicidade, recuperando em pouco tempo o appetite, podendo comer e beber de tudo e nunca mais soffri de Prisão de Ventre, usando sempre que tenho necessidade o remedio que restituiu-me o bem-estar completo

Satisfeita em parte a minha divida, peço-lhes acceitar as cordiaes saudações de quem é com toda consideração e apreço

De Vv. Amo. Gto e Cro.

Antonio Magalhães de Souza

CONVEM LER

As pessoas que soffrem de prisão de ventre, indigestões, palpitações, dores no coração, molleza, desanimo, fastio, tristeza, dores de cabeça, nevralgias enxaquecas, hemorrhoidas, doenças graves do estomago, figado, rins, intestinos, escrofulas e cores pallidas; pessoas fracas, nervosas, sem vontades propria; irregularidade na menstruação, corrimentos, flores brancas, fastio e tantas outras molestias consêquentes destas, serão radicalmente e em pouco tempo curadas com as PILULAS ANTIDYSPEPTICAS DO DR. OSCAR HEINZELMANN.

OBSERVAÇÃO UTIL:

As verdadeiras Pilulas Antidyspepticas do Dr. Oscar Heinzelmann tem os vidros embrulhados em papel encarnado; sobre os rotulos vae impressa a marca registrada, composta de trez cobras entrelaçadas formando o nonogramma — O. H. — Todas as que não apresentarem estes signaes devem ser recusadas como faisificadas.

Vende-se em todas as Pharmacias e Drogarias d'esta cidade.

Agentes em São Paulo: — **Baruel & Comp.**
Agentes geraes e unicos introductores no Brasil:
Silva Gomes & Comp. - Rio de Janeiro

Antiga Casa Juca Ferreira

DE *N. J. Oliveira*

Completo sortimento de ferragens, tintas, artigos para encanamentos, cimento, arame farpado, telhas de zinco, ferro em barra, formicida superior, seccos e molhados, sementes. — Importação directa de vidros para vidraças. Especialidade em machados marca «Agua» — Enxadas marca «Bezouro».

Rua Barão de Jundiahy — JUNDIAHY

CHARADAS 23 a 27

Come insectos esta ave 2—3

Instrumento de musica encontrado no rio Pó 1—1

No navio qualquer homem come uvas 1—2

Corre e gela em Portugal 2—2

⓪ deus escarnecia do mandrião 1—2

(Laguna, S. Catharina)

Olympio S. Conceição



Charada enigmatica 28

4—Anda cá leitor amigo
Vem commigo ao meu pomar
Pois tenho grande prazer,
Que uma fructa vás provar:
Pode ser branca ou vermelha
E gostosa ao paladar.

Seu nome bello, exquisito,
Jamais se deve alterar,
Pois se antes da letra ultima
Vogal se intercalar,
Surge molest a da pelle
Que o rosto faz deformar.—5

A. R. Guimarães

A tuberculose

Offerece-nos a flora brasileira um meio inestimavel para curar a tuberculose da larynge e a larynge syphilitica.

Um cosimento concentrado de jequirioba (jequiry do vulgo), tomado em gargarejos de quatro em quatro horas, tem sido o bastante para debellar affecções chronicas do genero acima citado.

Não somos nós, mas profissionaes de nomeada que o afirmam.

**Bisadas 29 e 30**

3 — O homem grosseiro, rude e glutão, para chegar ao seu *lar*, precisa atravessar o rio — 2.

3 — A tribu de indios do rio Negro usa *chá* puro e liquido — 2.

(Jundiaby)

Araçunum

DE LONGE

Esquecer-te não posso a imagem bella
Cheia de encanto e pallidez divina,
Como no azul a aurora peregrina,
Como no azul a peregrina estrella

Embora a vida seja atroz procella,
Embora a dor, que sempre me lancina
O coração me punja mais ferina,
Eu não te esqueço, anemona singella

Eu não te esqueço, a graça deslumbrante
A irradiar-te no dulcido semblante,
Como no espaço, o brilho da arvorada.

E vejo sempre o teu olhar sereno
Dulcido, infindo, qual da lyra um throno
A voar nessa aura leve e perfumada !
Amparo, 30-4-910.

PIRES DE GODOY.

ENIGMA 31

Ao amigo Antonio de Oliveira e Silva



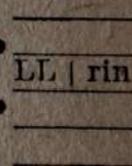
X



A
OO

Marechal

5000



AR
—
OO

Israelitas
Hebreus

(Jundiahy)

J. B. Figueiredo

UMA LEGENDA

LOGO depois que morreu o bom cura, aquelle velhinho sorridente e amigo das creanças, aquella povoação risonha, collocada nos ubertosos campos como um ninho entre flores polychromas, onde viviam, felizes e descuidosos, agricultores e pastores, como heroes de idyllica poesia, foi pouco a pouco se deshabitando.

Familia e familia, uma a uma, abandonava seus lares e haveres e ia, ao relinchar das tropas, ao tinir das campainhas, pela estrada afóra, pernoitando em ranchos, em busca de outras terras, p'ra alem da serra...

E, enquanto as violas soavam pelas pousadas, acompanhando o maguado canto da cabocla que saía de sua terra, a pobre villasinha, tão linda e tão cativante, com seus rosaes encantados e suas casinhas a alvejarem ao sol amigo, se foi ficando desolada, silenciosa e triste, qual maguadissima viuva, até que se achou completamente despovoada, sem o alegre bando de trefegas creanças trigueiras, sem as graciosas moreninhas, que iam, todas as tardes, de cantaro á cabeça, até á bica, da qual fluía um liquido deliciosamente fresco e cristallino, e, ao cair da noite, cantavam, em suas redes, singelas trovas populares, a pensar, quiçá, no «desafio» do amoroso sertanejo...

*
* *

Mas, porque abandonavam aquelle suave retiro e iam em busca de outras terras, de desconhecidas paragens?

Fôra o temor, ante um caso estranho e extraordinario, que a isso os impellira.

Desde a noite do dia seguinte ao em que fôra enterrado, na propria igrejinha que servia de matriz ao povoado, aquelle velhinho que ali se encerrara quasi toda a sua vida, — manso zagal a pastorejar aquelles entes ingenuos, que formavam o seu rebanho de fieis, mal soavam as doze badaladas da meia noite, ouvia-se o repicar festivo e estridente dos sinos e o ruido da onda popular que se dirigia á igreja...

Os mais corajosos abriam a janella e a rotula e nada viam: tudo era silencio e calma; apenas ladravam cães. A igreja fechada. Nem viv'alma nas ruas...

Mandaram buscar o vigario de uma cidade proxima. Houve rezas e muita agua-benta foi atirada ao tumulto do piedoso cura, o pobre velhinho encarquilhado que ali dormia o eterno somno, cercado do respeito e da gratidão de seus ex-parochianos.

Entretanto, não cessava o estranho caso: mal soavam, lugubrememente, tetricamente, as doze badaladas, ouvia-se o repique de sinos, o ruido das conversas e dos passos da massa popular, tudo como num domingo ou dia santo, á hora da missa... E os habitantes transidos, a tremer, no aconchego de seus leitos, oravam, oravam...

Por isso foram se retirando todos; a principio os mais medrosos, e depois os outros, até que a outrora linda villasinha ficou deserta, como uma tapéra, sem as gentis moreninhas e as trefegas creanças trigueiras...

*
* *

Nesse tempo, ignorando estar abandonada aquella terra, um moço viajor chegou á localidade, ja ao a-

noitecer. Em vão bateu ás portas, pois ninguem veio abrir-lhe uma siquer.

Embora tivesse estranhado o caso, foi á igreja e, achando-a aberta, entrou e foi dormir a um canto.

Como se achasse muito fatigado, adormeceu logo, mas foi acordado a meia noite pelo repicar dos sinos e pelo rumor do povo que penetrava no templo.

Ficou devéras surprehendido com o extravagante costume de se ouvir missa a taes horas, porem, a-promptou-se para tambem cumprir o preceito christão.

Indo ao corpo da igreja, começou a observar o padre que vinha da sachristia até o altar-mór, todos os instantes, afflicto, como si lhe faltasse qualquer coisa. Julgando haver falta de um acolyto e, por isso, não pudesse o sacerdote celebrar a missa, sendo essa a causa de sua ancia e inquietação, a elle se dirigiu, offerecendo-se para ajudal-o, pois conhecia bem o ritual.

O velho padre acceitou jubiloso o offerecimento e ambos celebraram o acto.

Findas as cerimonias religiosas, dirigiram-se á sachristia e lá o padre agradeceu ao moço o grande serviço prestado, dizendo: «Eu sou a alma encarnada do ultimo vigario desta terra. Commetti um grande peccado, pois, tendo recebido dinheiro para celebrar missa, deixei de o fazer. Após minha morte, não podia entrar no céo sem cebral-a, e ha muito tempo que isso procuro fazer, não conseguindo, porem, por não encontrar quem me auxiliasse. Hoje, graças a Deus, cumpro essa missão, livro-me do meu triste fadario e devo-o ao senhor. Deus vos recompense! Agora, ide dizer a todos que podem voltar aos seus lares, porque não mais ouvirão o repicar dos sinos ao soar da meia noite...

.

E a villasinha, a pouco e pouco foi voltando ao que era outr'ora, com as moreninhas graciosas, com as travessas creanças trigueiras, com as trovas populares, languidamente amorosas, cantadas em lares pobres, modestos e felizes...

*
* *

Eis a legenda, tal qual m'a contou um velhinho, era eu ainda menino.

(S. Carlos, 1910)

Ernestino Lopes

—XX—

Logogripho 16

Achei-me um dia, sem saber porque,
em templo magestoso,
onde minha alma deslumbrada vê
um vaso precioso; 1, 4, 5.

Notavel sacerdote ali rezava, 1, 5, 1, 5.
ao Deus do bom pastor, 1, 5, 3.
e um canto plangente se entoava 3, 2, 3, 4, 5.
com alma, com fervor!

Ao Supremo Senhor roguei, então,
com véra singeleza:
afastasse de mim, co' a santa mão,
a Deusa da pobreza!



Padre João José Rodrigues

PMJ
UGC - AH

PMJ UGC - AH

PADRE JOÃO JOSÉ RODRIGUES



O FINADO Padre João José Rodrigues, ex-Vigario de Jundiahy, nasceu na Cidade de São Paulo aos 12 de Outubro de 1845, sendo seus paes o Dr. João José Rodrigues e sua mulher D. Jesuina Ribeiro dos Santos Rodrigues, ambos Paulistas e pertencentes a distinctas familias de elevado prestigio e posição social.

Tendo seguido a carreira da magistratura, o Dr. João José Rodrigues residio em diversas localidades do Sul de Minas, onde os seus tres filhos João, Maria Joanna e Antonio Candido fizeram seus estudos primarios.

Havia por esse tempo na então prospera cidade de Baependy, um dos melhores collegios do Sul de Minas, a cuja frente se achava o eminente Orador Sagrado Monsenhor Conego Luiz Gonsalves Pereira de Andrade.

O Dr. João José Rodrigues ahi matriculou seus dois filhos, sendo que, em 1864 fez seguir para o Seminario de Marianna, o futuro Padre que, muito se empenhára para continuar seus estudos secundarios n'aquelle acreditadissimo estabelecimento de ensino, onde distinguio-se por sua applicação e comportamento, grangeando a estima e apreço de collegas e Professores, e mui especialmente do bom e virtuoso Bispo D. Antonio Ferreira Vicoso, por cujo intermedio obteve elle do Pai a ne-

cessaria autorisação para transferir-se para o Seminário do Caraça, mais especialmente destinado á carreira ecclesiastica, pela qual tinha decidida inclinação, aliás não amparada pelo Dr. João José Rodrigues.

Atacado de grave enfermidade dos rins que, tornou necessaria importante e perigosissima operação cirurgica, teve o joven Seminarista de interromper seus estudos, deixando o Caraça e voltando para Baependy, onde fez sua longa e difficil convalescença que, bem se assemelhava uma resurreição, tal o estado de depauperamento do corpo e do espirito em que o prostrou a molestia.

Por mais de um anno demorou-se o Seminarista na chacara de « Santa Martha », poetica residencia de seus Pais, nas proximidades de Baependy.

Não fazendo gosto que seu filho seguisse a carreira ecclesiastica, o Dr. João José Rodrigues esperava que, não voltando mais elle para o Seminário, sua inclinação religiosa se fosse diluindo no convivio social, entre as distracções e prazeres da vida secular, sempre cheia de encantos para a mocidade.

Tal, porém, não acontecia: quanto mais corriam os dias, tanto mais empenho manifestava o Seminarista em voltar para o Caraça a concluir seu curso de theologia para conquistar a ordenação sacerdotal, sonho doirado de sua vida.—Não obstante o apoio e empenho de sua piedosissima Mãe que, se deliciava com a idéa de ter um filho Padre, o regresso do Seminarista ia sendo sempre adiado sob diversos pretextos, resolvendo elle então dirigir-se ao Revmo. Bispo Diocesano, pedindo sua intercessão e amparo junto ao Pai, para que,

este o mandasse de novo para o Seminario. Atendendo aos instantes pedidos, o virtuoso Bispo, quando em visita pastoral á populosa e importante Parochia de Baependy, obteve do Dr. João José Rodrigues, permissão para levar comsigo o Seminarista a continuar seus estudos interrompidos, vendo assim o futuro Padre satisfeitos seus ardentese desejos, muito além do que podia esperar, porquanto seu amado Bispo o conservou junto á si no posto de honra de seu famulo, fazendo com mais commodidade seu espinhoso curso, observando os exemplos edificantes e recebendo as lições de virtude de D. Antonio Ferreira Viçoso, santo velhinho cujo nome tanto salientou-se no episcopado Brasileiro, deixando em sua passagem pelo mundo, o rastro luminoso de sua sabedoria, o perfume suavissimo de suas virtudes.

E tambem o Padre João José Rodrigues guardava profunda gratidão á memoria de seu Bemfeitor que, sempre procurou honrar.

Concluida com grande piedade e aproveitamento seu curso theologico, ordenou-se de Presbytero o Padre João José Rodrigues, e regressou para junto de seus Pais, na cidade de Baependy. Ali, na pittoresca vivenda de «Santa Martha», deslisaram-se felizes e despreoccupados alguns annos de sua vida de sacerdote, sem as responsabilidades do parochiato que, obstinadamente evitava, tendo apenas acceitado a Capellania das Aguas de Caxambú, onde ia celebrar nos domingos e dias santificados, resando sua missa diaria na propria chacara de «Santa Martha», onde com a necessaria licença da auctoridade ecclesiastica, tinha erigido uma capella, provida de todos os utensilios necessarios para o acto.

Como capellão de Caxambú, auxiliava com dedicação o benemerito e virtuoso vigario da populosa Parochia de Baependy, seu amigo Padre Marcos Pereira Gomes Nogueira, que, ainda hoje, com invejavel piedade, rege a mesma Parochia, tendo alcançado elevado posto entre as dignidades da Igreja, da qual é um ornamento por sua virtude e por seu saber.

Em Dezembro de 1875, a convite do seu irmão, o então Cap. de Engenheiros Dr. Antonio Candido Rodrigues, desempenhou no Estado do Paraná, importante commissão do Ministerio de Agricultura. O Padre João Rodrigues embarcou no Rio de Janeiro com destino a Curytiba, acompanhando sua cunhada D. Zulmira Rodrigues que se ia reunir a seu marido. Nesse Estado, na formosa cidade de Curytiba, que então principiava a desenvolver-se pela onda immigratoria de polacos que, com notavel solicitude o Governo Central localisava nas risonhas colonias que fundava em seus arredores, residio o Padre João Rodrigues por espaço de quasi dois annos, exercendo com inexcedivel dedicação e piedade o cargo de capellão das colonias, do qual exonerou-se em Maio de 1877, regressando para junto de seu Pai enfermo. Dotado de genio expansivo e jovial, bom e attraente, a sua partida foi muito sentida da população que o idolatrava, sendo imponentes as demonstrações de estima e affecto que recebeu por occasião de suas despedidas.

A 4 de Outubro de 1877, depois de prolongada enfermidade, falleceu o Dr. João José Rodrigues, nas Aguas de Caxambú em casa de seu genro Dr. João Capistrano Ribeiro de Alckmin, onde se achava de passagem para S. Paulo, depois de um

prodigioso esforço de vontade ter regularizado todos os seus negocios, vendido os bens de raiz existentes em Minas e despachado a mudança para aquella Cidade, onde, dizia elle, entregaria sua mulher á Mãe ainda viva D. Maria Joanna da Luz.

Ficando com a responsabilidade de Chefe da Casa, pouco tempo mais demorou-se em Minas o Pe. João José Rodrigues que, inspirando se nos desejos de seu Pai, transportou-se com sua Mãe para S. Paulo.

Nomeado Vigario de Santo Amaro, ali parochiou por espaço mais ou menos de tres annos, fazendo-se como sempre, amar e respeitar pela população, que admirava suas virtudes, sua inexcedivel bondade, seu notavel desprendimento pelos bens terrestres.

De Santo Amaro foi removido para a Parochia de Jundiahy que, até hoje, guarda saudosa recordação de seu Vigario, ao qual sempre tributou as mais expontaneas e inequivocas demonstrações de affecto e respeito.

A sua primeira missa celebrada em Jundiahy, foi no dia 2 de Fevereiro de 1880.

Depois de um Parochiato de perto de 6 annos, falleceu o Pe. João José Rodrigues, no dia 3 de Julho de 1887, victimado por uma pneumonia dupla, que zombou dos esforços e dedicação dos abalisados facultativos Dr. Cavalcanti e Cunha de Vasconcellos.

Foi essa insidiosa molestia adquirida no exercicio de seu sagrado Ministerio, quando pelos frigidios dias de S. João e S. Pedro teve de celebrar Missas em fazendas do Municipio.

Sua mãe a Exma. Snra. D. Jesuina Ribeiro dos Santos Rodrigues, já fallecida, se achava ausente

para a cidade de Silveiras, em visita a sua filha D. Maria Joanna Rodrigues de Alckmin, casada com o Juiz de Direito, Dr. João Capistrano Ribeiro de Alckmin, achando-se apenas em companhia do Vigario sua tia D. Maria Adelina Rodrigues, vinda de S. Paulo a pedido de sua cunhada D. Jesuina, que assim fazia sempre que tinha de ausentar-se.

D. Maria, aos primeiros symptomas da molestia, fez chamar por telegramma o irmão do Vigario Engenheiro Dr. Antonio Candido Rodrigues, em serviço de sua profissão na cidade de Casa Branca chegando elle e sua Senhora, no dia 30 de Junho para junto do leito do querido enfermo.

De nada valeram os cuidados e dedicações de que foi elle rodeado; a cruel molestia, parecendo ceder, recrudesceu repentina e inesperadamente na manhã de 3 de Julho e ás 11 1/2 da manhã, quando o sino da Igreja Matriz pausadamente annunciava a elevação da hostia, tambem elevava-se para os paramos azulados Celestes, a alma do Vigario de Jundiahy: morreu como um justo que era, inclinando ligeiramente a cabeça para o lado esquerdo, e deixando escapar doloroso suspiro!...

A triste noticia de seu fallecimento espalhou-se immediatamente por toda a Cidade, estabelecendo-se uma verdadeira romaria para sua residencia, em cuja sala, convertida em Capella ardente, ficou o corpo exposto. e assim ainda foi encontrado por sua Mãe que, havia sido chamada de Silveiras.

Foi indescriptivel o commovente encontro! Dilacerante o ultimo e desesperado abraço da Mãe amantissima ao corpo enregelado do filho idolatrado, do companheiro solícito de sua viuvez!

Foi imponente e solemne o sahimento do fere-tro!

A população inteira porfiava em testemunhar ao seu Vigario o amor que lhe tributava; ricos e pobres, grandes e pequenos, todos corriam a beijar aquellas mãos, onde o pobre sempre encontrava a esmola soccorredora, a contemplar aquella physionomia calma e boa, aquelle corpo em que pulsára um coração cheio de affectos para com todos, aquelles labios que sabiam transmittir com carinho a palavra do Divino Mestre, que sabiam consolar as magoas alheias e ensinar aos transviados o caminho do bem.

Foi um justo, foi um virtuoso, quasi um Santo o ex-Vigario de Jundiahy, Pe. João José Rodrigues.

Na sessão da Camara Municipal, do dia 15 de Julho de 1887, o vereador Luiz Estevam de Siqueira, usando da palavra disse que: «a dor que causava o fallecimento do reverendo Padre João José Rodrigues, ex-Vigario desta parochia, era participada pela Camara, e representante do municipio, cujo sentimento se tem manifestado por uma maneira tão expressiva, elle não era senão o orgam de seus municipes, pedindo que se consignasse na acta um voto de profundo pezar pela perda irreparavel do sempre chorado Padre João José Rodrigues. Indicava mais, que a Camara mandasse celebrar exequias no 30.^o dia de seu passamento».

O vereador Antonio Pereira Guimarães, indicou que á rua da Estação fosse dado o nome de Vigario João José Rodrigues. Ambas as indicações foram unanimemente approvadas.



PENSAMENTOS

O que não tem extensão não pode ter localidade
no espaço. Onde pois existe?

Quem confia em traidores a si proprio se atraiçoa

A natureza não nos engana, somos nós que nos
enganamos com ella.

Marquez de Maricá



☞ TUDO PASSA ☜

*Buscando um norte
Com europeis
Acham a morte
Pobres e reis...*

*Não vos importe
Almas cruéis
Que a minha sorte
Recrudeceis.*

*Si a minha vida
Foi investida
De outra afflicção;*

*Nem sempre dura
Uma tortura
No coração.*

Campinas

V. MELILLO



SERRARIA
« São João »

Os abaixo assignados têm a honra de communicar aos srs. proprietarios e constructores, que têm grande STOCK de madeiras de todas as qualidades e superior a preços modicos.

Tambem se encarregam de construcções e reconstrucções de qualquer obra e levantamento de plantas para o mesmo fim.

B. MORAES & COMP.

PADARIA E CONFEITARIA "COLOMBO"

COMPLETO SORTIMENTO de bebidas nacional e estrangeira, conservas, doces em calda, bombons perfumados, chocolate, manteiga, leite condensado, etc.

Rosquinhas, biscoutos, bolachas, pães de agua, sovados etc.

Largo da Matriz, 33

(Canto do Porto do General Osorio) — IGUAPE

Eurico Montinho

Engenho Central

«S. THEODORO»

Para beneficiar ARROZ

Propriedade de

SANCHES &

SANT'ANNA

IGUAPE

E. de São Paulo

Casa Zacharias

Armazem de fazendas, ferragens, Armarinho, Drogas, Roupas feitas, Calçados, Chapéos, Modas, Perfumarias, Machinas de Costura, Fumo em pacotes e Charutos

Deposito de ferro, cobre, zinco, obra de folha, louça, sal, kerozene, polvora, phosphoros, chumbo, vinho, cerveja, farinha de trigo, fubá de milho, e Generos Alimenticios

ZACHARIAS ASSIS

Successores de

Zacharias, Assis e Comp.

Telegrammas - Zacharias
CodiGo - **Ribeiro**

LARGO DA MATRIZ, 25

IGUAPE

Padaria e Confeitaria «Paulicéa»

CASA DE PRIMEIRA ORDEM NESTE GENERO

Tem sempre Pães de leite, de ovos, de centeio, doces frescos.
Aceitam-se encommendas para bailes, casamentos e baptisados.
Completo sortimento de bebidas finas, conservas, manteiga, etc.

Importação directa. Preços modicos de vinho
Bordeaux.

Rua Barão de Jundiahy-134

Jundiahy

EMILIO FEHR



Carolina Belotti Tarteica

Parteira de primeira classe

Brilhantemente diplomada pela Real Universidade
de Medicina de Insbruck—Austria.

Diplomada em seguida pela Faculdade Medica, da Real Universi-
dade de Pavia Européa.

Habilitada em Exame Obstretico, pela Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

Os documentos de habilitação em numero de dez, foram pre-
sentes e examinados pelos distinctos facultativos desta cidade de
Jundiahy e acham-se legalisados conforme dispõe as leis do Paiz.

Attende chamados a qualquer hora do dia ou da
noite.

Rua Dr. Torres Neves n. 24

Jundiahy

CHARADAS 32 a 38

Ao amigo Antonio J. Domingues

Primeira:—Effigie de uma deosa gravada na moeda 1—2

Segunda:—Bonita ave que me trouxeram de presente 1—2

Terceira:—Medida encontrada num rio da Siberia 1—2

Quarta:—O homem que descobriu o narcotico 1—2

Quinta:—Não pode ser pobre quem foi soberano 1—2

Sexta:—Uma senhora natural da cidade do Maranhão 1—2

Setima:—E' meu parente o senhor desta quinta 1—2

(Laguna=S. Catharina)

*Olympio S. Conceição***Anagramma 39**

— MARMARA —

Com esta parte do oceano

Sem igual.

Formar-se-á uma villa

De Portugal.

NOVISSIMAS 40 e 41

Uma letra no eixo 1—1.

No covil pára a desgraça 1-1

A. R. Guimarães

SYNCOPADAS 42 a 45

4—O insecto deu um vôo—3

3—A' sombra desta palmeira abrigou-se o commandante turco—2

3—Na pequena cidade da Syria tem uma fabrica de argolas—2

Araçunum

3—O vaidoso gira—2.

Pyrrho

LOGOGRIPHO 46

Resta-lhe só um recurso: é se raspar, 6, 2, 4, 1.

Conhecido como é, por torpe detractor, 3, 4, 5, 7.

Não creio que haja meio de poder evitar,

Que ande em sua pista, um observador.

A. R. Guimarães

Casa de Caridade «S. Vicente de Paulo» de Jundiahy

A nobillissima idéa de construir-se um abrigo n'esta cidade onde fossem recebidos os enfermos indigentes, pertence á Confraria S. Vicente de Paulo de Jundiahy, Na memoravel assembléa de 23 de Agosto de 1898 em que tão nobremente foi àgitada esta magna questão, que assignala um generoso movimento na philantropia reconhecida da nossa culta sociedade. Foi auctor do projecto o Sr. Socrates Fernandes de Oliveira. A' 28 de Outubro de 1900, foram iniciados os serviços da construcção do bello e hygienico edificio, que tão uteis serviços está predestinado a prestar à pobreza enferma d'estas cercanias. Presidia n'essa epocha os destinos da humanitaria associação o Sr. Zacharias de Góes, que incontestavelmente è um dos mais nobres obreiros d'este generoso ideal de caridade humana.

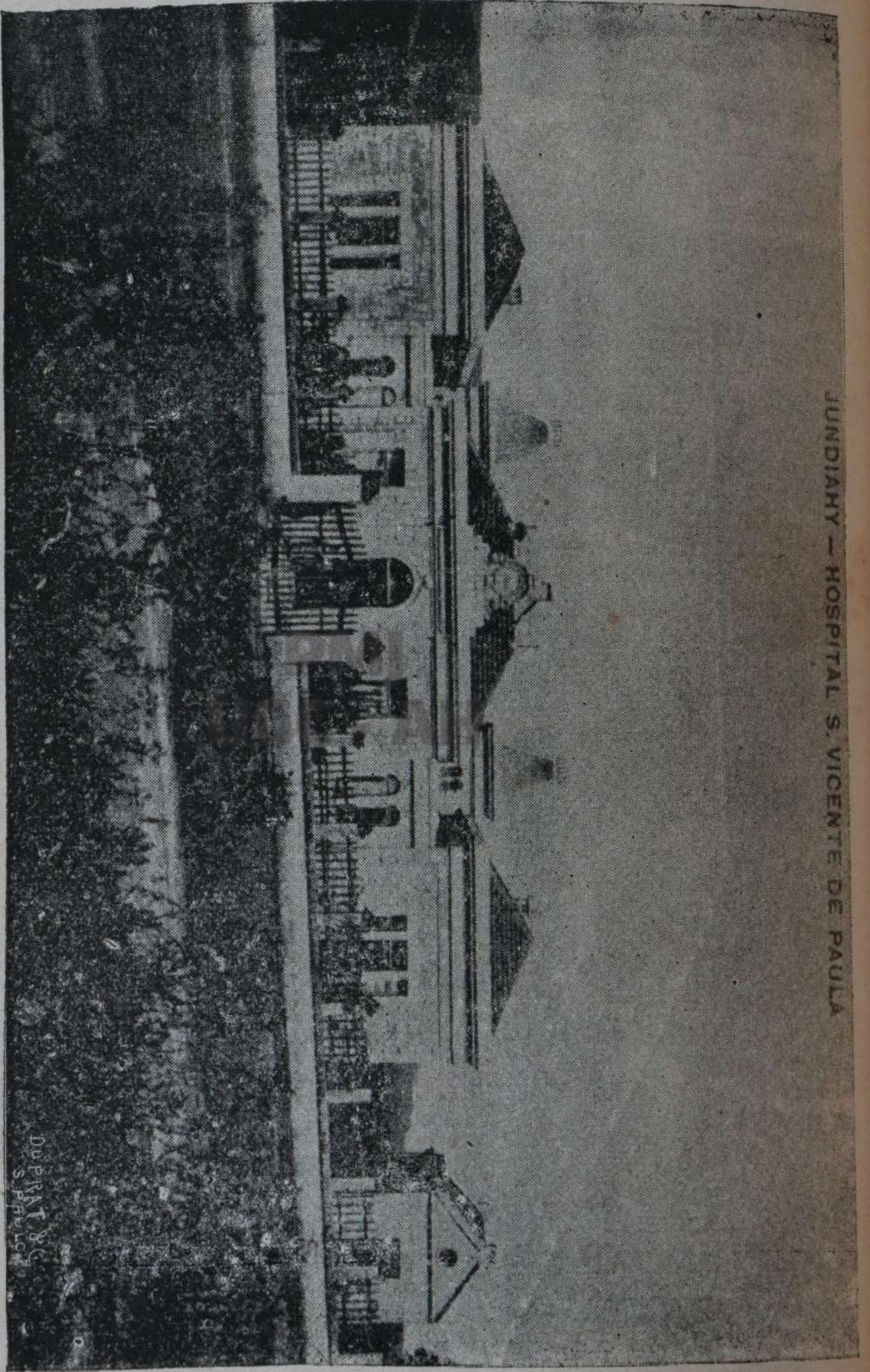
A 10 de Março de 1906, surgia como eloquente demonstração da força de vontade, da coragem e da energia de acção, esse templo vasto, elegante e hygienico que muito honra os destinos altruisticos d'esta terra. Na epocha inaugural presidia os destinos da "Confraria S. Vicente de Paulo" o infatigavel Sr. José Adrião Cassalho Junior, que allia em si as mais bellas qualidades que podem fazer o orgulho de um homem perante uma sociedade proba e vigorosa. O projecto, o plano de execução e administração technica architectonica pertencem ao competente Sr. Mauricio Dumangin.

A directoria da Confraria que presidiu durante o espaço que mediou entre a idéa e a execução d'esta nobre iniciativa era composta dos seguintes senhores: José Adrião Cassalho Junior, presidente; Luiz de Castro Barros, 1º. vice-presidente; Antonio de Paula Vianna, 2º. vice presidente; Pedro Leão Gomes, 1º. secretario; Quirino Aparecido, 2º secretario; Manuel Ignacio Moreira, 1º. thezoureiro, e Francisco Tenorio, 2º. thezoureiro.

Coadjuvou espiritualmente n'esta idéa o Revmo. Padre Marcello Annunziata, então vigario d'esta parochia, d'onde foi removido para a de Itatiba, (deixando n'esta cidade inumeros admiradores que profundamente lamentam sua ausencia).

A Confraria que levou avante a idéa da organisação do Hospital, alem dos membros da sua directoria, compunha se dos se-

JUNDIAHY — HOSPITAL S. VICENTE DE PAULLA



DUPONT & C
S. PAULO

PMJ
UGC - AH

guintes confrades activos: João Baptista de Souza Gomes, José Luiz Faggiano, Emilio Guzman, Carlos Hummel Guimarães, Joaquim de Paula Ferreira, Izidre Lopes, Francisco José Lage, João de Freitas Machado, Laercio de Araujo, André Lednik, Francisco Bueno da Oliveira, Theodoro Nilo Paes, Zacharias de Góes, Zadar Serrani, Romeu Oscar Paes, José Maffia, Joaquim Lino de Camargo, Benedicto Soares, Antonio Marcondes e Carlos de Oliveira Machado.

Alem desses confrades, contava tambem os seguintes aspirantes: Arthur Bazilio de Oliveira, Cantidio Rodrigues de Oliveira, Antonio de Oliveira e Silva, José Marques, Esmeraldo Gandra, Martinho Lino de Oliveira, Francisco Andrade, Pedro Siqueira, Pedro Barbosa, Francisco Lamanères, Lourenço Tavares, Gabriel La-Villa, Boaventura Eurico Pereira, Moysès Gandra, Antonio Lopes, Luiz Teixeira, José Aparecido Barbosa, Baziléo Faria, Alfredo Rodrigues de Oliveira, Francisco dos Santos Paes, Manoel Seoane e Paulo Corrêa da Silva.

*
* * *

A administração interna do Hospital está confiada à um grupo de irmãs Franciscanas, cujo zelo e dedicação têm sido admirados por todos aquelles que têm acompanhado com interesse a evolução historica do nosso Hospital.

N'ellas se encontra o caminho preciso para o desempenho cabal da missão que lhes está confiada e a energia para manter o respeito a que ellas tem direito e fazer respeitar assim a instituição que administram a contento de todos.

A disciplina, o zelo, o asseio do Hospital e dos doentes muito devem à dedicação das irmãs Franciscanas á quem a directoria da Confraria em boa hora escolheu para a fiscalisação interna do Hospital.

Essa é a opinião unanime de todas as pessoas que tem tido a felicidade de visitar o nosso Hospital.

Durante o anno de 1906, houve o seguinte movimento de doentes: Entrados, 207, sendo 204 indigentes e 3 pensionistas. Foram praticadas 16 operações e effectuados 231 curativos. Dos entrados, falleceram 15.

Durante o anno de 1907, houve 328 entradas, sendo 327 indigentes e 1 pensionista. Foram feitas 20 operações e procedidos 294 curativos. Houve 23 fallecimentos.

Durante o anno de 1908, houve 324 entradas, sendo 318 indigentes e 6 pensionistas. Procederam 21 operações e foram realizados 266 curativos. Houve 22 fallecimentos.

No decorrer do anno de 1909, houve o seguinte movimento:

Entraram, 338 doentes, sendo 336 indigentes e 2 pensionistas. Foram praticadas 20 operações e procedidos 281 curativos. Houve 26 fallecimentos.

No funcionamento regular do quatriennio passado, houve no Hospital o movimento seguinte:

1906:	207 doentes;	16 operações;	231 curativos;	15 obitos.
1907:	328 doentes;	20 operações;	294 curativos;	23 obitos.
1908:	324 doentes;	21 operações;	266 curativos;	22 obitos.
1909:	338 doentes;	20 operações;	281 curativos;	26 obitos.

Total: 1197 doentes; 77 operações; 1072 curativos; 86 obitos.

Estabelecendo uma avaliação estimativa minima, tem o Hospital prestado serviços clinicos e chirurgicos, na importancia de:

1197 doentes á razão minima de 20\$000 cada um:	23:940\$000
77 operações á razão minima de 100\$000 cada uma:	7:700\$000
873 curativos á razão minima de 10\$000 cada um:	8:730\$000
Somma Rs.	40:370\$000

Alem disso ha a acrescentar a importancia gasta em medicamentos, alimentação e vestuarios, fornecidos aos enfermos, que attinge a avultada somma. Mais longe tem ido a generosidade da Confraria São Vicente de Paulo, que soccorre um grande numero de familias parcas de recursos, fornecendo dinheiro, alimentos, roupas e medicamentos. N'um bello grito de generosidade abriga os necessitados de corpo e de alma.

O patrimonio do Hospital São Vicente de Paulo, de Jundiahy está avaliado pela forma seguinte:

Valor do seu predio e terreno	94.034\$880
Dois predios na Rua Senador Fonseca	8.751\$300
Um predio na Travessa N. 1	1.000\$000
Um lote de terreno na mesma Travessa	1.000\$000
Uma casa na Rua Adolpho Gordo	600\$000
Um predio na Rua Prudente de Moraes	200\$000
Um lote de terreno na mesma Rua	300\$000

Total Rs. 105.886\$180

O movimento financeiro do Hospital, durante o quátriennio de 1906 — 1909, foi o seguinte:

Anno de 1906:	Receita 19.175\$689	Despesa 19.064\$670
Anno de 1907:	Receita 22.991\$689	Despesa 22.783\$440
Anno de 1908:	Receita 14.376\$682	Despesa 14.232\$192
Anno de 1909:	Receita 14.391\$120	Despesa 12.941\$520

O Hospital conta com as seguintes subvenções officiaes annualmente:

Governo do Estado	10.000\$000
Municipalidade	2.000\$000

Avultado é o numero de corações magnanimos que sensibilizados pela sorte impia dos necessitados, tem concorrido com esportulas para a manutenção d'esta pia instituição.

A pharmacia do Hospital aviou desde a sua fundação até 31 de Dezembro de 1909, approximadamente 4.867 formulas medicas.

Desde o inicio inaugural do Hospital pela ordem chronologica tem si o seus médicos internos os Srs. Drs. Carlos Alberto Brandão, Manoel Chrysostomo de Almeida e Aristides de Campos Seabra.

O serviço cirurgico tem estado confiado ao Sr. Dr. Francisco Cavalcante, que tem si-lo auxiliado pelos medicos internos e tambem pelo Dr. Olavo Guimarães.

Exercem presentemente o mandato da directoria da Confraria S. Vicente de Paulo, os senhores: José Adrião Cassalho Junior, presidente; Luiz de Castro Barros, 1º. vice-presidente; João B. de Souza Gomes, 2º. vice-presidente; Joaquim de Paula Ferreira, 1º. secretario; Lourenço Tavares, 2º. secretario, e Manoel Ignacio Moreira, thezoureiro.

A Confraria é composta presentemente de 64 socio fundadores e confrades, 5 grandes benemeritos e 24 benemeritos.

Dezembro 1910.

* * *

Charada casal 47

O commandante dos gregos no cerco de Troya, assistiu Pyrrho immolar uma princeza sobre o tumulo de seu pae = 4

Polydamas

Logogripho 48

Ao Tiburcio de Siqueira

Sem ter a envergadura forte do guerreiro, 7, 8, 4, 4, 2, 6.
 Mas de viseira erguida, calmo, soóranceiro,
 Aqui estou, senhor Tiburcio de Siqueira,
 Na arena do combate, envolto em densa poeira.
 Não uso, não, o velho lemma: « p'ra vencer
 E' bastante matar, matar e não morrer» 5, 6, 4, 1, 3.
 Como velho romano, o antigo dictador 11, 8, 9, 9, 10.
 Que não teme, não crê nas iras do Senhor,
 A lucta em que me empenho è bella, sã, ideal,
 Não tem o objectivo tétrico do mal,
 Não tem o rubro sangue, a polv'ra, a crueldade...
 E' a lucta do saber no campo da verdade!
 Não tem como scenario a lendaria arena,
 Que, n'um dia de sol, de luz gloriosa e amena,
 Viu succumbir as hostes tão gloriosas
 De celebres guerreiros, sempre victoriosas!

(Jundiahy)

*P. Penteado de Castro***Logogripho telegramma 49**

Appellido de frade { 6, 2, 4, 8, 3.
 { 7, 5, 1, 8, 3.

(Jundiahy)

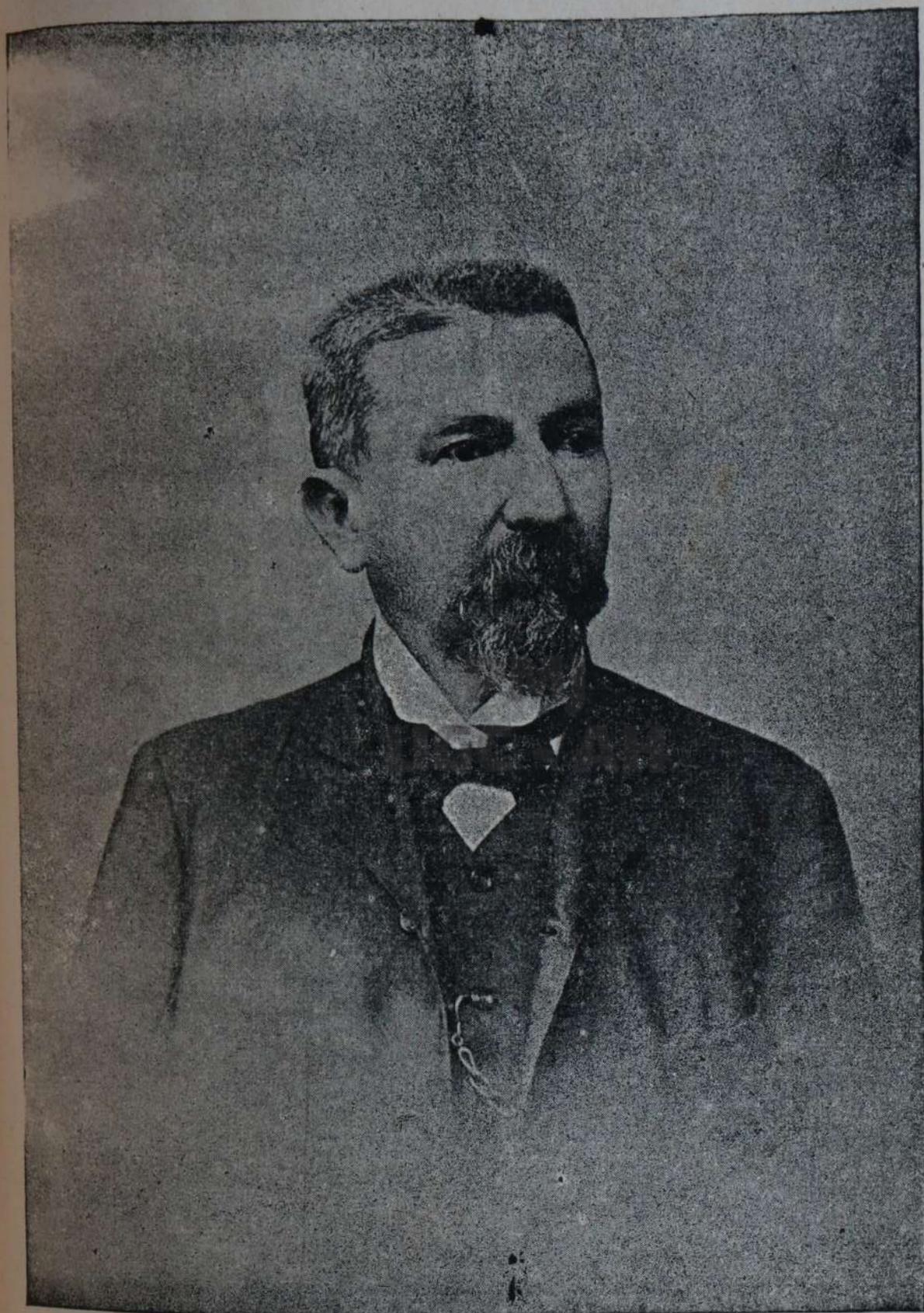
A. R. Guimarães

NOVISSIMA 50

Ha um instrumento que mede apenas palmo e meio
 e tem a forma de cunha 1—1

Jundiahy

B. Hudson



Commendador Luiz José Pereira de Queiroz

PMJ
UGC - AH

UM APOSTOLO DA CARIDADE



CONVIDADO bondosa e insistentemente para collaborar neste Almanach, onde scintilla a fina flor da intellectualidade jundiahense, outro assumpto se me não apresentou mais apropriado para este fim, que o de prestar a homenagem da minha penna a um dos mais humildes e mais incansaveis apóstolos da caridade que Campinas inteira venera e Jundiahy por certo não desconhece: o commendador Luiz José Pereira de Queiroz.

Traçar a biographia desse vulto, um dos mais bellos ornamentos da sociedade paulista; considerar os seus actos, lembrar os serviços que prestou á patria, á humanidade soffredora e á religião, é arrancar da modestia a mais completa e a mais perfeita, como dos veios mysteriosos duma gleba privilegiada, o diamante dum character que vale por todas as virtudes que se conhecem.

Ninguém ao vel-o é capaz de aquilatar a nobreza insuperavel de seu coração, e as raras qualidades de alma inquebrantavel. Por toda a parte onde os seus esforços heroicos semeiam os caminhos de bençãs e triumphos não apparecem jamais

as suas pegadas. E' o orvalho que fez brotar as flores da caridade que cultiva; é o céu que enviou as consolações que porejam das mansardas que visita e os soccorros que assediam os enfermos de que trata !

A natureza deste livro, porem, infelizmente, nos obriga a ser o mais breve possivel, e, porisso, em vez duma biographia bastante merecida, nos limitamos a publicar apenas, em ligeiros traços, os pequenos apontamentos que de momento nos occorrem percorrendo as Paginas da nossa carteira de lembranças.

Luiz José Pereira de Queiroz, filho do capitão José Pereira de Queiroz e d. Escholastica Saturnina Jordão, nascido em Jundiahy aos 8 dias do mez de Abril de 1847, é irmão da exma. sra. d. Gertrudes de Queiroz Telles, esposa do snr. Francisco Antonio de Queiroz Telles, sobrinho da viuva do Barão do Japy (Joaquim Benedicto de Queiroz Telles) e primo irmão da segunda Baroneza de Jundiahy, a saudosa d. Anna Fonseca.

Desde a mais tenra idade até hoje o característico flagrante de sua vida é a caridade. Não essa caridade que busina os soccorros distribuidos e que costuma erigir um monumento no theatro de cada uma de suas conquistas; a caridade que elle pratica constantemente é outra, que, como os regatos fertilisantes da floresta, escoando-se sob o massiço das folhagens, só apparece áquelles que o acompanham ou que por accaso o surprehendem no devotamento de sua evangelica missão.

E como si não bastasse, e como si pouco fosse receber, agasalhar e proteger carinhosamente a pobreza que costuma bater á porta de sua casa, elle foi procurar longe, bem longe de seus amigos

e de sua familia, no descampado solitario das campinas queimadas pelo sol, as creaturas mais infelizes da humanidade, as victimas mais asquerosas e torturadas pela desgraça: os morpheticos, para fazer delles o objecto de todos os seus carinhos.

Poucos, porem, costumam avaliar o sacerdocio destes apostolos e comprehender a sublimidade obscura desses devotamentos.

Assim é que no anno de 1855, contando Lúlú de Queiroz apenas 8 annos, foi enviado para Itatiba ao collegio de Francisco de Jesus onde aprendeu as primeiras letras.

Não que em Jundiahy por esse tempo faltassem escolas para isso, mas, assim o seu progenitor julgou prudente apenas soube por um amigo que o seu filho, diariamente, illudindo a vigilancia de todos, se dirigia clandestinamente á casa do preto Adriano, um pobre escravo de ha muito atacado pela morphéa e a quem o capitão José Pereira de Queiroz mandara construir uma casinha, ao lado da fazenda *Pau a Pique* que ainda conserva o mesmo nome e pertence á Baroneza de Anhumas.

Foi o primeiro castigo, imposto por uma louvavel prudencia, é necessario reconhecer, ao pequeno Vicente de Paulo.

Mas, porque essa creança havia de fugir dos braços maternas, abandonar os brincos infantis e atravessar os bosques, como um caçador furtivo, não atraz das borboletas ou em busca dos ninhos, mas, tão somente para ir bater á porta duma cabana solitaria, á casa malidicta e pavorosa dum negro escravo torturado pelo mal de S. Lazaro?

Exemplo tão admiravel de caridade eu não conheço que se lhe compare.

Feitos os seus primeiros estudos, seguiu para o Rio de Janeiro com a idade de 15 annos, indo (segundo os usos daquelle tempo) praticar no commercio de café, num estabelecimento de propriedade e sob a direcção do Visconde da Estrella.

Aos 18 annos voltou para sua terra natal onde abriu uma casa de commissões, e, como nunca olvidára o amor pelos infelizes, mandou construir logo diversas casinhas de madeira no sitio de *Currupira*, para abrigar os morpheticos que, a-cossados por toda a parte, dormiam por ali, ao relento, sob as arvores mais piedosas e menos desalmadas do que os homens, porque ellas lhes não negavam a sombra protectora de seus ramos.

Por esse tempo Luiz José Pereira de Queiroz contractou casamento com a exma. snra. d. Francisca Bemvinda Coelho, prendada filha de Joaquim José Coelho e d. Francisca Rosa Coelho. O auspicioso enlace realisou-se em S. Paulo a 2 de Junho de 1868 e delle houveram os seguintes filhos: Joaquim Marcellino, ja fallecido; d. Escholastica de Queiroz Damy, casada com Luiz Damy; José Pereira de Queiroz, casado com d. Dulce Leite de Barros; d. Maria das Dores Queiroz Guimarães, casada com o capitão Arthur de Queiroz Guimarães; Paulo; Laurival de Queiroz, secretario da Escola Complementar de Campinas; Simão; Luiz, segundo annista de direito; Margarida Maria; Francisca; Joanna e Brandina, sendo as duas ultimas ja fallecidas.

Vindo para Campinas foi nomeado sub-procurador da nossa Camara municipal em Maio de 1886 passando pouco depois a occupar o cargo de pro-

curador e finalmente o de thezoureiro, lugar que ainda hoje occupa com a competencia e o escrupulo e a honorabilidade que todos lhe conhecem.

Desde moço foi sempre um partidario convicto do regimen republicano e figurou entre o numero dos fundadores do Partido Republicano de Jundiahy, tendo assignado o celebre manifesto de 1869, publicado no jornal *A Republica* que a esse tempo editava-se na Côrte.

Espirito conciliador, liberal e progressista, elle nunca serviu-se da politica para auferir proventos e honrarias.

Membro do directorio politico actual da princeza d'Oeste, elle ja o foi uma outra vez num periodo agitadissimo da nossa vida politica, tendo como companheiros os snrs. Antonio do Amaral Lapa, José Paulino Nogueira, João Aranha, Dr. Carlos Guimarães, Dr. Adriano de Barros, e Dr. Joaquim Alvaro de Souza Camargo, estes dois ultimos eleitos para preencher as vagas verificadas pela scisão do P. R. F. (Partido Republicano Federal), com a retirada de José Paulino, neutro e Antonio Lapa, glycerista.

Campinas deve-lhe serviços de inestimavel valor, cuja relação se nos torna difficil fazer neste momento sem incorrer em gravissimas lacunas.

Todas as vezes porem que para um grande comettimento se faz mister uma dedicação a toda prova é o major Lúlú de Queiroz dentre todos o que mais trabalha e mais se esforça para a sua execução, comquanto seja elle o que menos apparece.

Assim o vemos nos ominosos tempos da epidemia de febre amarella a frente do comité de soccorros, na criação do bispado, na sociedade de

S. Vicente de Paulo e no Hospital de Morpheticos.

Em Campinas, como outr'ora em Jundiahy, os infelizes morpheticos occupam um lugar todo especial no seu coração.

— Um dia o Dr. Ricardo Gumbleton Dauntre, de saudosa memoria, indo a Jundiahy passou casualmente pelas casas a que ja nos referimos construidas para abrigo dos lazarentos, e perguntando a um seu companheiro de viagem veiu a saber do seu caridoso objectivo.

Ao voltar a Campinas (1886) propoz á Camara Municipal, de que fazia parte, a nomeação do nosso biographado para zelador do incipiente Hospital de Morpheticos desta cidade, lugar que ainda hoje occupa com a dedicação dum verdadeiro apostolo.

O Dr. José Lourenço de Magalhães, autor de diversas obras sobre a morphéa, num dos seus livros publicados sobre o assumpto, refere-se em termos elogiosos ao zelador do Hospital de Morpheticos de Campinas, que aponta como um modelo de hygiene e de conforto. Aliás é essa a impressão que dali trazem todos os visitantes.

Em attenção a esses e outros serviços relevantes a Santa Sé mui justamente conferiu lhe no anno passado o titulo de commendador da Ordem de S. Silvestre.

Cidadão prestante, chefe de familia exemplarissimo e um apostolo da Caridade, tal è em rapidas linhas o homem illustre a quem dedicamos esta pallida homenagem.

Homem illustre, sim; não dessa illustração vulgar de lantejoulas que pompeia nas gazetas, que arrota nos clubs, que se encastella nas assembléas e que se proclama nas esquinas,

Illustre pelos serviços prestados á causa pública, pela abnêgação, pelo heroismo com que se tem batido em defeza dos principios mais sacrosantos da patria e da religião.

Campinas

Vicente Melillo

LOGOGRIPHO 51

Aos Fortes

Em sombria prisão do «paço 7, 3, 6, 1.
 O rei Amalecita foi detido, 1, 2, 7, 4.
 Onde morreu de «fome» e sede, 4, 1, 6, 2, 7.
 Nem dar-lhe bebida era permittido. 1, 6, 5, 7.

Por companheiro teve um feio sapo, 1, 2, 5, 7.
 De grande bocca e de enorme «guella» 2, 3, 6, 7.
 Que o carcereiro por malvadez
 Ali collocou perto da janella.

Quereis saber de tudo isto
 Ao certo, quem foi o causador?
 Foi um dos que ha tantos,
 Um lisongeiro, um «antigo adulator».

Bello Horizonte

Polydoro (Circo François)

CHARADAS 52 a 54

Eu nada tenho, sou muito pobre 1—2
 No cesto o Antenor tem carne 2—1
 A mulher do Napoleão vende tecido 4—1

Polydamas

IMPOSSIVEL

*Que te esqueça, me dizem; mas loucura
É o pensamento dessa gente, quando
Suppõe, que eu posso te esquecer, deixando
De te amar, pondo termo á desventura.*

*Como olvidar-te, quando a luz fulgura
Da Crença para mim, no suave e brando
Fulgor do teu olhar, no meu pousando
Com ineffavel encanto de ternura.*

*Como esquecer-te, quando eu vejo em tudo,
O teu sorriso, o teu olhar e escuto
Tua voz que é a harmnoia com que me illudo.*

*Fulgando ouvir na terra o doce canto
Dos anjos, lá no azul, embora, em tudo
Eu tenha o coração que soffre tanto!*

Amparo, 30—6—1910.

Pires de Godoy.



CHARADAS 55 a 57

No edificio de Manguape, nasceu o historia-
dor 2—1.

No golpho de Phanar a agua é azul 1—1.

Neste rio phantastico, colhi uma planta 1—1.

Campinas

VIMEL



PMJ
UGC - AH

CASA SERENO

ANTONIO SERENO

Rua Barão n. 104

Doces finos, acceitam-se encommendas para bailes, casamentos e baptisados. Bebidas finas.

VENDAS A DINHEIRO

Alfaiataria

— de —

Josè Czarda

Recommenda-se em apromtar todo e qualquer trabalho em ternos para Homens e Meninos

Completo e variado sortimento de Fazendas francezas, inglezas, e das ultimas novidades
Esmerado gosto e perfeição—Executa-se qualquer encommenda em 24 horas.

Preços sem competidor

Rua Barão 110--Jundiahy

Engenho Central ZACHARIAS

de ZACHARIAS & ASSIS

N. 35—Largo da Matriz -- N. 35 — IGUAPE

Este engenho é movido a vapor e acha-se dotado de machinas da «The Engelberg Huller Co.» para o beneficiamento de arroz e café.

pletado 20 annos de idade, nessa risonha quadra em que a mulher:

«Se virgem, representa um ser quasi ideal
Que Deus mandou á terra em mystica figura
P'ra amar e ser amada e sempre terna e pura
E doce como a luz ao despontar do dia
Encher o nosso lar de caudida alegria...»

Quantos projectos, quantos desejos, quantas esperanças desfeitas de um momento para outro!

Talvez que a inditosa donzela, nos ultimos instantes de vida, tendo á cabeceira e ao redor do leito as pessoas de sua extremosa familia, muitas amigas e, quem sabe, muitos admiradores ou mesmo um noivo, ao qual amava e por quem era amada, exclamasse como o poeta, dirigindo-se á Morte:

«...Em nome do Porvir te peço...»

—«Não!» — «Em nome da minha mocidade!»

—«Não!» — «Em nome de tudo que estremeço...»

—«Não!» — «Em nome de Deus por piedade...»

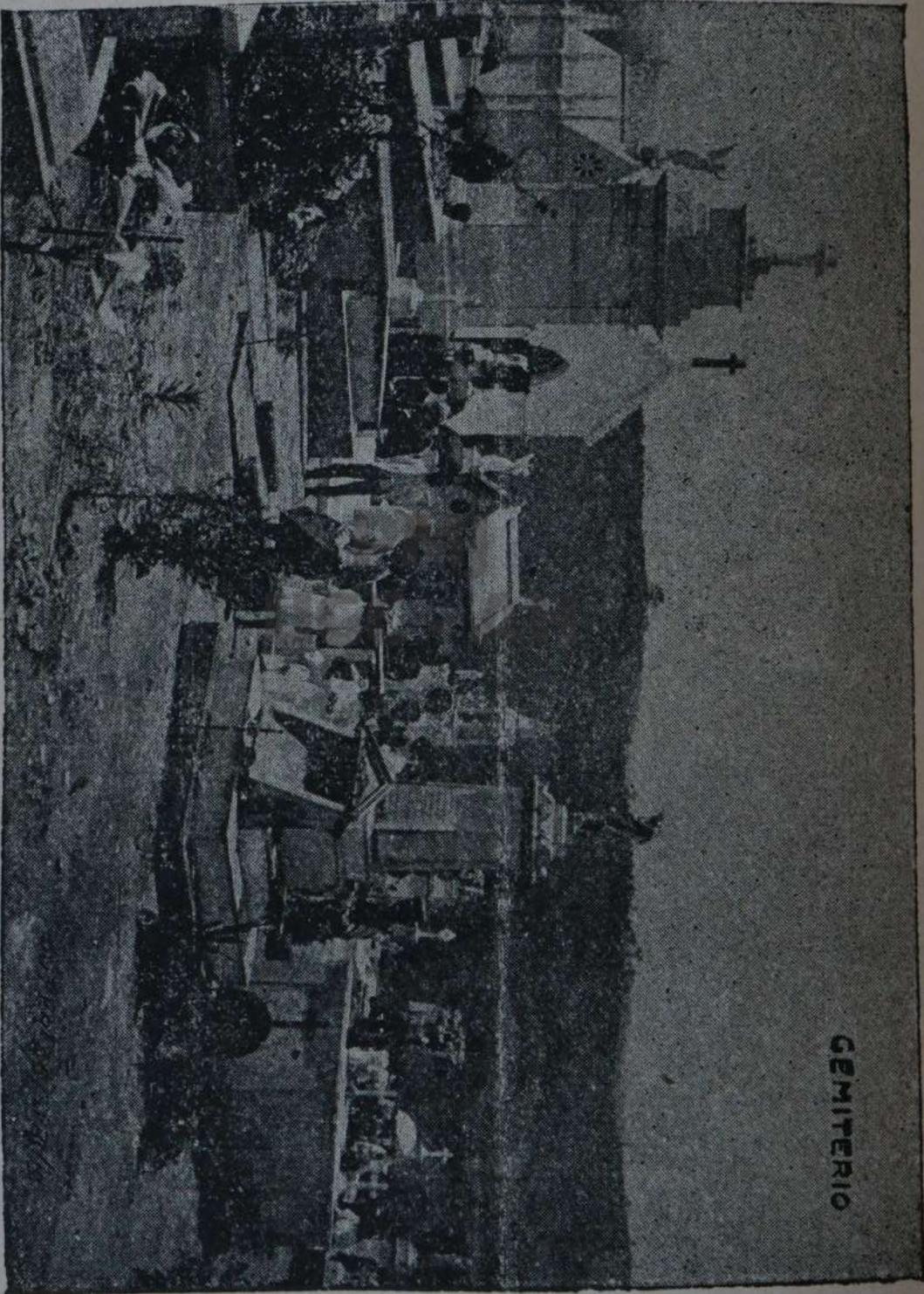
O porvir, a mocidade, o amor, não tiveram forças sufficientes para impedir que o «decreto» do Omnipotente fosse cumprido!...

Si a morte de um mau filho — vadio, bebado ou desordeiro — causa, ainda assim, sincero sentimento aos paes, qual não terá sido o desespero dos paes daquella que conforme acha-se gravado no frio marmore, era:

« uma donzela
Amada por seus paes como um thezouro;
Seus dotes eram: — A alma feita de ouro
E o coração de Santa! Orae por ella...»

24—9—1873

5—5—1893



CEMITERIO

PMJ
UGC - AH

Quem pode deixar de se sentir commovido ao ler tal inscripção, que equivale a um poema?... .

× Logo abaixo repousam os restos mortaes de Miguel e Vicente Grego, cujos retractos estão esculpidos no marmore. O primeiro nasceu em Tramutola (Italia) no dia 9 de Maio de 1809 e veio a fallecer em Jundiahy, no dia 10 de Outubro de 1890. = 81 annos 5 mezes e 1 dia ! Quantas coisas devia ter visto aquelle velhinho: quantos gozos, quantos momentos de alegria e tambem, quantos pezares !

Quando a Morte approximou-se do seu leito talvez ja estivesse aborrecido do mundo, não tendo motivos para dizer:

«E' um sonho que passa pela mente
 Numa veloz e lucida carreira...»

× Descendo, sempre descendo, achamo-nos a frente de um baixo «canteiro», com grades de ferro e duas coroas de «bisquit». Quaes são os entes que ali dormem o eterno somno ? Impossivel dizer, pois, não ha lousa nem inscripção: só as singelas cruces de ferro, com os numeros 1832, 1891 e 2450. O que podemos garantir, sem medo de errar, é que os entes que ali repousam ainda não foram esquecidos, abandonados, pois o «canteiro» foi ha pouco reformado, as flores estão viçosas...

× Um sem inscripção e outro, logo adiante, com uma inscripção para nós... indicifavel: Turco, Chinez ou Brasileiro legitimo ? Provavelmente turco ! E' o que podemos calcular a vista das ultimas palavras:

Ch. Mamunf' 22 Fevereiro 1888...

× Na parte baixa tem ja muitos lugares desoccupados... á disposição do respeitavel publico, por terem sido retiradas as ossadas dos parias...

seguintes palavras: «Honra e Trabalho — Coragem, Lealdade e Grandeza d'alma...»

Palavras justas, palavras mais apropriadas, não se poderia encontrar para, resumidamente, sobre a pedra de uma sepultura, deixar patente ao publico a «biographia» de um heroe ?

Qual é o jundiahyense que ignora os actos de bravura obrados pelo valoroso «voluntario da patria, nos longinquos e insalubres campos do Paraguay? E, si algum estrangeiro duvidasse da «honra, lealdade, coragem e grandeza d'alma» do preclaro cidadão, bastaria sómente citar-se o facto acontecido em Jundiahy, na occasião da proclamação da Republica: Emquanto alguns dos mais influentes monarchistas davam ás de «Villa Diogo» temendo a colera dos republicanos... de papos vermelhos, o major Sucupira conservou-se firme na sua crença politica, e, ao ser intimado para retirar-se no prazo de 24 horas, declarou solennemente que não se retiraria e resistiria até «queimar o ultimo cartucho!» E, como para dar provas de que saberia, como sempre, cumprir a sua palavra, tratou de transformar a sua casa em uma verdadeira fortaleza, da qual assumiu o commando, tendo ao seu lado innumerous amigos da cidade e dos arredores, e a sua valorosa esposa «modelo de virtudes christans...»

E si os jundiahyenses não tiveram de lamentar muitas mortes, muitas desgraças, foi porque pessoas honradas e criteriosas conseguiram acalmar os animos dos republicanos exaltados...

× O mauso!éo do sabio, virtuoso, honrado e caridoso padre João José Rodrigues, que foi construido ás expensas dos seus parochianos, como «tributo de saudade e veneração» é o mais elegante: encimado por estatueta e cruz de marmore, depois a effigie do mor-

× Na «rua» da «Capella» é onde se acham os melhores tumulos ou sumptuosos mausoléos, com bustos em marmore, grandes cruces, estatuetas de anjos, pertencentes aos antigos e considerados jundiahenses, ou que aqui residiam e falleceram:

Barão do Japy

10—6—1819

25—7—1888

Antonio de Queiroz Telles

(Conde de Parnahyba)

16—8—1831

6—5—1888

Rita M'Boy Tibiriçá Q. Telles

(Condessa de Parnahyba)

28—4—1841

26—2—1901

J. B. Queiroz Telles Junior

7—7—1844

21—9—1886

Padre João José Rodrigues

12—10—1845

3—7—1887

Baroneza de Jundiahy (1.^a)

6—7—1798

21—12—1887

J. Queiroz Telles

11—6—1829

17—5—1886

Commendador Antonio de Queiroz Telles

(Barão de Jundiahy)

2—2—1789

11—10—1870

Antonia M. Araripe Sucupira

22—7—1848

7—1—1910

Major Honorario Carolino Bolivar A. Sucupira

3—7—1843

16—2—1897

× José Zeferino de Faria Paes occupa, no correr dessa «rua» um modesto tumulo, porem, torna-se digno de menção, porque tendo aquelle cidadão nascido em 25 de Agosto de 1788 e fallecido em 23 de Outubro de 1878 tinha portanto, 90 annos, 1 mez e 28 dias! Talvez fosse o... Mathusalem de Jundiahy...

× Sobre a lousa do major Sucupira constam as

to illustre, mais em baixo o «calice», a «hostia» e as insignias sacerdotaes.

Com segurança podemos garantir não ter sido este virtuoso sacerdote o inspirador da popular quadra:

«Padre João foi dizer missa
Na capella do Belem...
Em vez de dizer: Oremus,
Disse: Maria é meu bem».

Si elle algum dia foi ao Belem (Itatiba) com certeza portou-se com a mesma seriedade, sempre bom, virtuoso, honrado e caridoso, como na sna idolatrada parochia. A elle não se poderia tambem dizer que fosse um dos ministros de Christo que «. . . em vez de se contentarem com uma modica sustentação para viverem e um simples vestido para se cobrirem, sem procurarem outras riquezas mais do que a pudicicia, a piedade e a humildade, só tractam de enriquecer por «fias» ou por «nefas...»

× E' a seguinte a inscripção da pedra sepulchral do Barão de Jundiaby:

«Foi o pae e o protector dos pobres...»

Quantas lagrimas enchugadas pelos actos de caridade do sempre honrado, sempre bondoso, sempre caridoso Barão !

Feliz aquelle que na hora da morte pode affirmar sem temor de ser desmentido, ter sempre cumprido o seu dever de bom catholico, dando preferencia ás «Obras de Misericordia», principalmente ás tres primeiras:

- 1.^a Dar de comer a quem tem fome;
- 2.^a Dar de beber a quem tem sede;
- 3.^a Vestir os nús...

× Na «rua» immediata encontramos o tumulo de João Antonio da Silva Porto.

1—12—1848

26--8—1892

Olhar energico, mas, sympathico; bigode elegante e cavaignac a Campos Salles.

× Proximo, a «capellinha» á memoria do estimado jundiahense A. L. da Fonseca, dentro da qual vemos um crucifixo, uma imagem de N. Senhora e varias coroas...

× Na frente o mausoléo á memoria de Anna Joaquina do Prado, Baroneza de Jundiaby (2.^a)

4—5—1821

28—2—1906

No alto um «anjo» em ponto grande, mãos postas e olhar fixo no ceo, como a dizer: «No ceo receberás, com juras, o pagamento dos bens que fizeste na terra...»

Sim! Quem ignora os beneficios feitos aos pobres e aos desprotegidos da sorte? A' sua procura não iam somente os doentes e os incapazes para o serviço, mendigar um pedaço de pão, mas, sim, tambem aquelles que por um capricho da sorte ou devido a momentanea falta de juizo, se achavam sem empregô, luctando para manter-se honradamente.

E a popular matrona, seguindo sempre o exemplo de seus antepassados, a todos attendia, com bondade e delicadeza, tendo sempre palavras de animação e carinho, mostrando assim comprehender que:

«
Nem só da mão sae a esmola.
Sae tambem do coração... »

Muito curiosa seria si podessemos organizar uma estatistica dos empregos arrançados pela/respeitavel se-

nhora, para os seus protegidos, nas Estradas de Ferro, na Camara Municipal, no Commercio, na Lavoura...

× Na «rua» transversal está o singelo tumulo do major João Teixeira Cavalleirós.

7—9—1837

19—10—1897

Conhecemol-o pessoalmente: sempre alegre, sempre risonho, e para todos os assumptos tendo sempre boas pilherias. A sua divisa era: «tristezas não pagam dividas...» Não obstante elle não as ter. Muito galbofeiro, mas sempre prompto para prestar serviços aos amigos, aos pobres e mesmo ás pessoas desconhecidas. Muitos favores recebemos do util e bondoso cavalleiro, quando aqui esteve, por motivo de doença, pessoa de nossa familia.

Quasi rente á taipa, na divisa da parte antiga com a moderna, está o tumulo do capitão Antonio Siqueira Moraes.

2—12—1828

11—10—1871

Teria sido este o tão falado capitão-mór, sobre o qual corre tanta «lenda?...»

× Proximo está o mausoléo de Antonio de Queiroz Ferreira

1—10—1854

20—5—1892

Na pedra marmore, a extremosa esposa mandou gravar a seguinte quadra:

«Tristes saudades vim chorar,
Na tua campa fria;
Quando d'este mundo despedir-me
Virei fazer-te companhia.»

A esposa cumpriu a sua promessa? Cremos que sim; após lermos a inscripção que se acha na base do monumento: «Prudencia — 1900 — 75 annos».

× Nos tumulos visitados por nós, somente encon-

JAPIM



SENTADO á sombra do «murici» um mancebo indigena desferio seu canto de amor :

— Quando Japim com os olhos vivos mirou as faces trigueiras de Jandyra, seu coração bateu trez vezes e trez vezes o echo da floresta, levou de quebrada em quebrada o seu canto.

Jandyra nasceu para fazer Japim feliz e o guerreiro filho da raça valente dos «Carijòs» vae conquistá-la na prova do amor. O braço forte de Japim invencível, vae desferir o golpe contra os inimigos que querem roubar-lhe Jandyra, a flor de seus labios.

Si Jandyra não dér sua rede de esposa a Japim, a floresta vae repetir o seu canto de guerra, atirado pela *mubra* do *pyquara* dos guerreiros *carijòs* cujo nome ja chegou até *Tupan* e passou muito alem das montanhas azues.

Japim não treme diante do jaguar dos bosques, e muito menos não tremerá diante dos inimigos que querem roubar a virgem que encheu seu peito de amor e amarrou a vontade sua.

Japim vae empunhar seu arco que despede a flecha mensageira certa da morte, e correndo vai ao campo dos *Maramomis* desferir seu canto de amor.

Jandyra nasceu para viver com Japim e não para

JUNDIRAHY - VILLA ARENS



PMJ
UGC - AN

DUPPERT & C
S. PAULO

PMJ
UGC - AH

fazer feliz um guerreiro estranho, que não seja o valente filho da invencível raça dos *carijós*.

Japim vai partir; se Jandyra não lhe der o seu labio para beijar, o guerreiro voltará depressa para preparar a guerra; Jandyra precisa dizer a Japim que seu amor o acompanhará até o dia em que for descansar no eterno *camocim*.

Japim vai partir: Quando tres soes transpuzerem as montanhas azues, o coração de Japim voltará contente por possuir Jandyra, ou triste por ter de levar aos guerreiros da raça dos *Maramomis* o grito de guerra ao som da *inubia* do *píquara* dos *carijós*.

O indigena encaminhou-se pela floresta, continuando o êco a repetir as ultimas phrazes do seu canto de amor.

J. B. Figueiredo.



CHARADAS 61 a 68

O seio da mulher offerece uma substancia aromática 2—1.

A canoa descia o rio em procura duma fructa 2—1

Necessitamos aqui no Brasil dum alcaide 2—1.

Canto triste sob a copa duma arvore 2—1.

No braço de mar aportou uma canoa que vinha da California 1—2.

Polydamas.

De duas uma: è letra ou titular 1—1

Dois e dois, é questão de ver 1—1

Da encruzilhada torno correndo sempre com o em-
brulho 1—2—2

Ytú

F. Cintra

Fabrica de Chapas Esmaltadas

Massucci & Petracco

Officina de gravuras e Placas de Metal, Typographia e Carimbos de Borracha.

Marcas Recortadas de Zinco e Cobre. Marcas a Fogo. -- Sinetes para Lacre. Carimbos para Sabão, Couro e Rolha--**Rua Florencio de Abreu, 6 a--S. Paulo.**

Fabrica de calçados "CLARA"

Especialidade em calçados finos para senhoras, homens e creanças—**Largo da Matriz 19—**

JUNDIAHY

Pompilio Gennari

Esta bem montada fabrica, dispondo de machinas aperfeiçoadas, está nas condições de aceitar qualquer encommenda, executando-as com perfeição e por preços excepcionaes.

DEPOSITO DE COUROS.—Os proprietarios communicam aos seus collegas que, tendo recebido directamente da Europa um vasto e escolhido sortimento de couros, estão habilitados a qualquer fornecimento, mediante modica porcentagem sobre os vantajosos preços que conseguiram das casas exportadoras.

Armazem de Seccos e Molhados

DE

Pedro Taddei—Rua Rangel Pestana n. 90

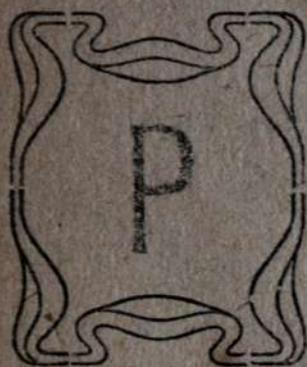
Jundiahy

Vende-se generos nacionaes e estrangeiros, bebidas de todas as qualidades, louças, etc.

PREÇOS MODICOS



JUNDIAHY HISTORICO



PROCURAR historiar os factos passados ha centenas de annos, testemunhados tão somente pela natureza virgem e sobre os quaes os documentos são tão falhos e ao mesmo tempo tão escassos, é uma tarefa penosissima, que demanda tempo dilatado para colligir, aqui e ali, dados positivos, catheticos, que attestem a veracidade dos factos que hão de constituir as provas exuberantes da historia.

Jundiahy, comquanto seja uma cidade antiquissima e tradicional, não apresenta do seu passado, um vestigio seguro por onde possa seguir com probabilidade de exito o historiador imparcial.

Essa missão trabalhosa é que vamos tentar, valendo-nos de documentos que conseguimos colligir, não sem muito custo, e, de conjecturas que, amparadas pelo raciocinio, guiar-nos-ão a hypotheses accitaveis.

Pelos annos do primeiro quartel do seculo XVII, a Villa de *Piratininga*, em crescente prosperidade, era o ponto procurado pelos colonisadores, que o

governo portuguez enviava em continuas expedições com o intuito de povoarem a rica possessão arrancada por uma casualidade, dos mares, pela esquadra que em 1500, sob o commando de Pedro Alvares Cabral, buscava a rota das Indias.

Entre as lévas de colonisadores, a mór parte, era constituída por sentenciados a degredo, mandados para o Brasil, aproveitando desse modo o governo, dum meio facil de ter sempre a colonia em progresso, ao mesmo tempo que se via livre de maus elementos na metropole.

Jundiahy, que significa na lingua dos naturaes da terra *Rio dos bagres*. é hoje uma das mais florescentes cidades do Estado de São Paulo e está situada á Noroeste da Capital, sobre extensa e aprasivel collina, cercada de valles e á margem do rio que lhe empresta o nome.

Sendo o rio de que se trata mui piscoso, principalmente em bagres, chamados pelos indigenas *jundiá*, deu esse nome azo a que a hoje nossa terra recebesse o mesmo nome com a dissinencia *y*, que na lingua *tupy* significa rio.

Jundiahy, teve começo pelo anno de 1615, por immigração que para aqui foi feita por Raphael de Oliveira e pela viuva Petronilha Rodrigues Antunes, naturaes de São Paulo, os quaes, com suas respectivas familias, tendo ficado criminosos, para fugirem á perseguição da Justiça, se internaram pelos sertões, assentando vivenda no lugar em que está hoje, a povoação e edificando logo depois uma Capella sob a invocação de Nossa Senhora do Deserto.

Não ha, segundo as mais cuidadas investigações, meio de se apurar onde foi o ponto inicial da nossa terra.

Certamente a fertilidade do solo ou o conhecimento do aldeamento de Jundiahy, attraiu novos aventureiros e o concurso de alguns indigenas da tribu dos *Guayanazes*, dominadora dos campos de *Piratininga*, impulsionou de certo modo o povoamento, até que o Capitão-Mór Manoel de Quevedo Vasconcellos, como Loco-Tenente procurador do Conde de Monsanto, donatario da Capitania de São Vicente, deu-lhe o foral de villa a 14 de Dezembro de 1655.

A lei provincial n. 25 de 28 de Março de 1865 elevou a Villa de Jundiahy, á cathegoria de cidade.

A cidade está collocada a 23° 2' de latitude Sul, e 331° 3' 30" de longitude Oeste; dista 55 kilometros e meio da Capital; 38 kilometros de Campinas e 50 de Ytú. A altitude sobre o nivel do mar, é nos trilhos da S. P. R. 704^m5 e no largo da Matriz 750^m.

A superficie approximada da area do municipio é de 1.052.900 metros quadrados, dos quaes prestam-se á cultura 702.900 metros quadrados, e estereis por serem rochosos, alagadiços e de outras naturezas 350.000 metros quadrados. A area cultivada é calculada em 24.000 metros quadrados e a inculta é de 678 900 metros quadrados.

Da superficie total, 340.000 metros quadrados são occupados por florestas, 50.000 por pastagens e 95.000 por planicies.

O municipio possui a *Serra do Japy* com a altitude de 1.225 metros, occupada por grandes florestas e apresentando terrenos em sua maioria, de quartzo granitico; a *Serra do Botujurú*, com a altitude de 1.006 metros; o *Morro do Mursa*, com 1.100 metros de altitude e de constituição geologica

predominante granito, e occupado tão somente por vegetação rasteira, especialmente capim; o *Morro Grande*, com 1.200 metros, occupado por florestas e apresentando camadas geologicas de granito, quartzo e feldspatho; o *Morro Agudo*, com 1.075 metros, constituido por florestas, quartzo e granito; o *Morro Noraéga*, com a altitude de 1.200 metros, possuindo ricas florestas e solo de feldspatho.

Os pontos mais baixos do municipio, são: *Sapezal*, *Re-tem-tem*, *Banhado do Jacaré* e *Ilupéva*, com depressões medias de 200 metros.

O solo é constituido por rochas eruptivas: granito, hornblende, basalto, mica-schistos, schistos, argilosos, quartzo e feldspatho.

Banham o municipio, os rios: *Jundiahy*, com um curso de 50 kilometros; o *Jundiahy mirim*, com 20 kilometros, lança-se no *Jundiahy*, pouco abaixo da Ponte de Campinas; o *Guapéva*, com 20 kilometros, lança-se no *Jundiahy*, junto á Ponte de São João; o ribeirão da *Cachoeira*, com 15 kilometros; o da *Ermida*, com 13, e o do *Cururú*, com 12 kilometros. Os rios *Jundiahy*, *Guapeva* e o ribeirão da *Ermida*, são aproveitados como força hydraulica, sendo os dois primeiros e o *Jundiahy-mirim*, mui piscosos.

Com excepção do *Jundiahy* que nasce no municipio de Atibaia e lança-se no *Tieté* junto ao *Salto de Ytú*, todos os outros tem na cente e foz dentro do municipio.

O *Jundiahy* e o *Guapeva*, dão occasião a enchentes prejudiciaes e não são navegaveis devido aos muitos obstaculos: saltos, corredeiras formadas por blocos de pedras e rocha nativa e pela pouca profundidade. Nas margens do *Jundiahy*, existem

para mais de 20 kilometros de terrenos alagadiços formando enormes pantanos.

As produções principaes do municipio são, no reino vegetal: café, milho, feijão, mandioca, batata, arroz, uvas e fumo; do reino animal: gado vacum, suino, lanigero e aves; do mineral: tijolos, telhas, louças de barro, tubos para exgottos e pedras graniticas.

A renda do municipio está orçada no corrente anno em 318:000\$000, e a sua população, eleva-se a 25.000 habitantes.

Os limites de Jundiahy, segundo o Relatorio do dr. Nabuco de Araujo, em 1852, eram incontestados.

A lei n. 12 de 10 de Junho de 1850, que até 1852 não havia entrado em execução, marcou os limites do municipio pelo modo seguinte:

«Com Parnahyba: Principiam no pico do *Morro Guaxinduva* e deste á barra do ribeirão *Juruvaúva* no *Jundiuvira*, dahi pelo espigão mais alto a procurar o cume do *Morro da Lavra*, deste ao *Morro Rosario* no *Taboão*; dahi ao ribeirão *Abreu* e por este, depois de atravessar a estrada, seguem pelo corrego da esquerda até a sua cabeceira, dahi até á estrada nova de Jundiahy á Capital, até encontrar as divisas de Juquery, que ficam sendo as mesmas reconhecidas até o presente.

«Com Campo Largo: Principiam na fazenda, outr'ora do Alferes Teixeira e actualmente dos Siqueiras, sendo dita fazenda pertencente ao municipio de Jundiahy; dahi em linha recta, ao *Morro dos Buenos*, conforme as antigas divisas até o *Alagado* onde começam as divisas entre Belem e Campo Largo; do *Alagado* até suas cabeceiras, onde seguem o espigão até descer no corrego da agua-

da do finado Estevam Soares; por este abaixo até a barra do ribeirão do *Morro Azul*, donde seguem a rumo ao sitio outr'ora de Bartholomeu Franco até o espigão do *Morro Azul*, seguindo por elle à cabeceira do *Corrego Fundo*, pelo qual descem até o rio *Atibaia*, atravessando-o a rumo direito por terras de João Alves Cardoso, até encontrar as actuaes divisas entre Jundiahy e Bragança, que ficam sendo as mesmas até o rio *Jaguary* e por este abaixo até o ribeirão dos *Moraes*».

«Com Campinas: Principiam no referido ribeirão dos *Moraes*, isto é, em sua barra no *Jaguary* até o espigão, seguindo por este até sahir no caminho de ditos *Moraes* para a freguezia de Belem, seguindo pelo mesmo caminho até a Serra que divide as terras de Joaquim Ferreira Penteado com as de José Pires de Camargo; por esta Serra adiante até o *Morro Agudo*; dahi pelo espigão abaixo até o rio *Atibaia* e descendo por este até a barra do ribeirão *Domingues*, subindo-o até um correjo secco, sito á direita, e por este acima até a *Serra de Pirapóra*; seguindo por esta pela frente da casa de Francisco de Moraes Campos até o morro denominado do *Rangel*, e deste a rumo ao tanque do finado Ignacio Dias, pelo ribeirão até a estrada velha, desta a rumo até o espigão da estrada nova, entre os sitios de Lino Antonio Guedes e Anastacio de Tal; daqui ao correjo de José Caetano de Macedo e por elle abaixo até o moinho ao mesmo pertencente, indo deste lugar a rumo ao tanque de José Francisco Xavier dos Santos, no rio *Capivary*; dahi em rumo ao portão do dito Santos, sito na estrada de Constituição (hoje Piracicaba) até encontrar as antigas divisas de Campinas, no correjo dos *Moreiras*, as quaes divisas fi-

cam sendo as mesmas anteriores á lei n. 25 de 16 de Março de 1847 a qual e mais disposições em contrario ficam revogadas».

A lei n. 12 de 1850, foi alterada pela de n. 14 de 21 de Abril de 1853, que alterou as divisas de Jundiahy.

«As divisas entre Jundiahy e Parnahyba principiarão no pico do *Morro Guaxinduva* a rumo direito ao *Morro Voturantim*, atravessando o ribeirão *Jundiuvira* alem da morada de Pedro José de Araujo e do *Voturantim* ao *Morro da Lavra*, deste ao *Morro Rosario*, no Taboão; daqui ao ribeirão *Abreu* e por este, depois de atravessar a estrada, seguem pelo corrego da esquerda até á cabeceira do mesmo e dahi até a estrada nova de Jundiahy á Capital até encontrar as divisas de Juquery, que ficam sendo as mesmas reconhecidas até o presente».

A lei n. 29 de 6 de Maio de 1854 declarou que o Governo, ouvindo as respectivas Camaras Municipaes, marcaria as divisas entre Jundiahy e Parnahyba, dependendo sua approvação definitiva da Assembléa Provincial.

A lei n. 55 de de 26 de Fevereiro de 1881 revogou a lei acima, bem como as de n. 14 de 21 de Abril de 1853 e n. 12 de 10 de Junho de 1850, que alteravam as divisas entre Jundiahy e Parnahyba.

A lei n. 7 de 20 de Março de 1877 alterou as divisas entre este municipio de Jundiahy e o de Campinas:

«Começam no tanque da fazenda de Souza Camargo a rumo direito ao rumo da Sesmaria outr'ora pertencente ao finado Barão de Jundiahy e por este rumo seguem até o da divisa da fazen-

da denominada *Rio da Prata* com a denominada *Sítio Grande*, e por este rumo até os cafezaes de José de Queiroz Telles; e dahi procurará o ponto extremo dos cafezaes de Francisco Antonio de Queiroz Telles, que se acham encravados na fazenda *Rio da Prata*.

As divisas entre Jundiahy e Campo Largo, foram marcadas pela lei n. 20 de 13 de Abril de 1877 :

«Começam no *Alagado* até suas cabeceiras, de onde seguem o espigão, procurando a cabeceira do correjo que serve de aguada a Bento Manoel da Cunha; e pelo correjo abaixo até a foz do ribeirão do *Morro Azul*; e dahi a rumo do sítio outr'ora de Bartholomeu Franco, até o espigão do *Morro Azul*, seguindo por este até á cabeceira do *Correjo Fundo* e por este até ao rio *Atibaia*, atravessando-o a rumo direito por terras de José Alves Cardoso até encontrar as divisas da cidade de Bragança».

A lei n. 83 de 21 de Abril de 1880, marcou os limites de Jundiahy com Itatiba, do seguinte modo :

«Principiando no *Alagado*, seguindo as divisas antigas entre Jundiahy e Itatiba até dar no sítio denominado *Tapera Grande* e fazenda *Paraiso* e dahi seguindo por terras da mesma fazenda até dar no espigão do *Jardim e Monte Alegre* e por este até encontrar o espigão do *Guatemy* que divide com o *Monte Alegre e Cachoeira* e dahi até encontrar as divisas de Campinas».

A lei n. 5 de 20 de Fevereiro de 1882, revogou esta disposição.

A lei n. 158 de 30 de Abril de 1880 assim marcou as divisas de Jundiahy, Campo Largo e Itatiba :

«Começam no alto do *Botujurú*, seguem o espigão até o alto do *Morro Grande* o deste ponto ao *Pau Cavado*, deste passam atravessando o correjo no lugar denominado *Limeira* até chegarem a um alto e deste procurando outro alto do lugar denominado *Paiol Grande* seguem este espigão abaixo até a cabeceira do correjo que serve de aguada de Bento Pereira do Prado; seguem depois por este correjo abaixo até o rio *Jundiahy*; atravessam este rio a rumo ao alto que fronteia a morada do mencionado Bento; descem do mesmo alto a cabeceira do ribeirão do *Perdão* e por este abaixo até onde faz barra o correjo que serve de aguada da morada do finado Jacintho Pires Franco e que actualmente é de Francisco Franco da Silveira e dahi seguem a rumo ao espigão mais alto do cafezal dos herdeiros de José Maria de Aquino e dahi a rumo ao espigão que de um lado desagua para o *Caxambú* e do outro lado para o correjo *Alagado* e dahi seguem dividindo com a parochia de Itatiba a rumo ao espigão mais alto do cafezal de Francisco José Soares e que serve de divisa de seu sitio e dos herdeiros de Jacintho José Soares; descem do dito espigão a aguada de Felipe e dahi a rumo ao espigão que vem do cafezal de Joaquim Antonio de Camargo; deste espigão a rumo ao cafezal de José Soares de Camargo, no alto dos *Pintos* e do cafezal a rumo, passando pela casa do finado Salgado até o correjo *Salgado* e seguem por este abaixo até o rio *Atibaia* e por este acima até as divisas na parochia de Campo Largo com a cidade de Atibaia existentes antes da lei n. 41 de 3 de Abril de 1873, art. 3 e seguem as mesmas divisas e as antigas de Juquery até o alto do *Botujurú*, onde tiveram principio».

A lei n. 31 de 23 de Março de 1882 transferiu para este municipio a fazenda *São Bento* de propriedade de Francisco de Moraes Campos, pertencente até então á Indaiatuba.

A lei n. 70 de 27 de Março de 1885 desligou de Indaiatuba para Jundiahy a fazenda de José Estanislau do Amaral.

A lei n. 34 de 13 de Abril de 1886, annexou a este municipio as fazendas *Quilombo* e *Rio das Pedras*, de João Alves de Siqueira, que pertenciam a Parnahyba.

A primeira demarcação de limites entre Jundiahy e Campinas, teve logar a 15 de Dezembro de 1797, com a presença das Camaras Municipaes das duas Villas e muito povo.



Povoadores de Jundiahy

Com intuito de dar incremento á povoação de Jundiahy, a Camara Municipal, em sua sessão de 27 de Janeiro de 1657, fez doação de terras ás pessoas em seguida nomeadas, sob condição de edificarem dentro do prazo de seis mezes reque-
rendo alinhamento:

1 — Gaspar de Luveyra, 12 braças, na quadra fronteira ao pelourinho.

2 — Estacio Ferreira, 40 braças na rua Direita, no espaço que vae da casa de Gaspar Sardinha, na quadra do meio em que está o pelourinho.

3 — Antonio Alvares Bezerra, 20 braças de testada e 30 de quintal, na rua Direita, atraz do quintal de Manoel Pretto Jorge, e outra data de 40 braças na travessa que vae para a aguada.

4 — Antonio Gil, 20 braças na rua Direita que vae para a casa do padre, até entestar com a data de Maria Cordeiro.

5 — João Leme do Prado, 35 braças na praça do Pelourinho, dividindo por um lado com Antonio Quaresma de Almeida e por outro com o capitão Pascoal Ribeiro de Faria.

6 — Manoel Fernandes Neves, 20 braças no lugar em que o mesmo tem uma casa de palha.

7 — Manoel Antunes Pretto, 20 braças de terras que vão da casa de Matheus Luz para a banda de Jeronymo Bicudo.

8 — Gaspar Sardinha, uma data que vae de sua casa até chegar á rua que sahe do pelourinho.

9 — Joaquim Paes Malho, 15 braças, correndo do seu rancho até a praça do pelourinho.

10 — Joaquim Ribeiro, 20 braças, partindo da passagem pertencente a Agostinha Rodrigues.

11 — José de Oliveira, 25 braças, na travessa que vae para a banda de «Jundiahy», entre a cadeia e Gaspar Sardinha.

12 — Manoel Madeira, e sua mãe Isabel Bicu-do, (*) 30 braças de testada e 30 de quintal, na rua Direita, por traz de Domingos Cordeiro e José de Oliveira.

13 — Lazaro Machado, 20 braças de testada e 20 de quintal, por traz do quintal pertencente a Bento Gil.

14 — Joaquim Raposo Bocano, 20 braças na rua Direita, começando da roça de Gaspar Sardinha, fronteira á quadra de Estacio Ferreira e até a travessa que vae para o rio Jundiahy.

15 — Sebastião Martins e seu irmão Jacyntho Nogueira, 20 braças, por traz dos quintaes de Mathias Machado Castanho e Pero Leme do Prado.

16 — Miguel Fernandes da Costa, 20 braças pegadas ao terreno demarcado para edificação da Casa do Conselho, rua acima em frente dos chãos pertencentes a Estacio Ferreira.

17 — Pedro Alvares Bezerra, 25 braças, na rua que está atraz das taipas de Manoel Preto Jorge e descendo pela ladeira.

(*) Na petição dirigida á Camara pelos dois supra-citados, elles dizem ser dos primeiros povoadores da Villa, e tal consta do despacho dado pela Camara, ao deferir-lhes a petição.

18 — Antonio de Oliveira e Estevam Fernandes, 40 braças, começando da casa do padre até ao ribeiro.

19 — Jacome Antonio, 20 braças, partindo de Francisco Gaio até ao adro da igreja.

20 — Francisco Fanacho e Domingos Antunes, 40 braças, principiando da data de Pedro Cabral de Mello, pela rua que vae á casa de João Leme do Prado.

21 — Gaspar de Souza Falcão, 20 braças, pegadas a Estacio Ferreira.

22 — Estevam e Francisco Cabral Tavora, 40 braças em frente ao rancho de Jeronymo Camargo até chegar ao rancho do dito Estevam Cabral, correndo rua acima até ao adro da igreja.

23 — Antonio de Freitas, 20 braças, na rua Direita que vae da igreja para a casa de Francisco Gaio, partindo da morada de Jeronymo Camargo e no becco para a banda do rio Jundiahy.

24 — Domingos Alvares Fernandes e Jeronymo Bicudo, 40 braças, até o ribeiro da aguada ficando os mesmos obrigados a darem entradas e saídas a quem fôr á aguada.

25 — Jeronymo Camargo, (povoador da Villa) 20 braças na rua Direita que vae da igreja á casa de Francisco Gaio, para as bandas do rio Jundiahy.

26 — Pedro Fernandes, 20 braças, na quadra da cadeia e 6 braças em frente ao pelourinho e mais 14 braças, na outra banda da rua Direita que fica para a banda do rio Jundiahy.

Na sessão de 10 de Fevereiro do mesmo anno de 1657, a Camara concedeu novas datas, sob as mesmas condições anteriores.

27 — Antonio Luiz de Pinna, 20 braças partindo de Matheus Luiz para o «tejuapar» de José de Oliveira e 40 braças para o lado do ribeiro da aguada.

28 — André Bernardes, 20 braças, partindo do oitão de José de Oliveira, até ao pé da cruz de Joaquim Leme do Prado e os campos.

29 — Joaquim Bernardes, 20 braças, do oitão de Pedro Luiz, pela rua que vem do juiz Pedro Cabral até ao «tejuapar» de José de Oliveira e 40 braças na acima.

30 — Manoel Antonio, 20 braças partindo de Joaquim Ribeiro para cima.

31 — André Luiz, uma data nas paragens que vão de Francisco Gaio para o lado de Gaspar Sardinha, pela rua que por traz do mesmo Gaspar vae dar na roça de Francisco Gaio.

32 — Luiz de Gões, 20 braças partindo de José Fernandes de Oliveira para o lado de José Duarte

33 — Mathias Guedes, 20 braças partindo do oitão de Domingos Antunes para baixo.

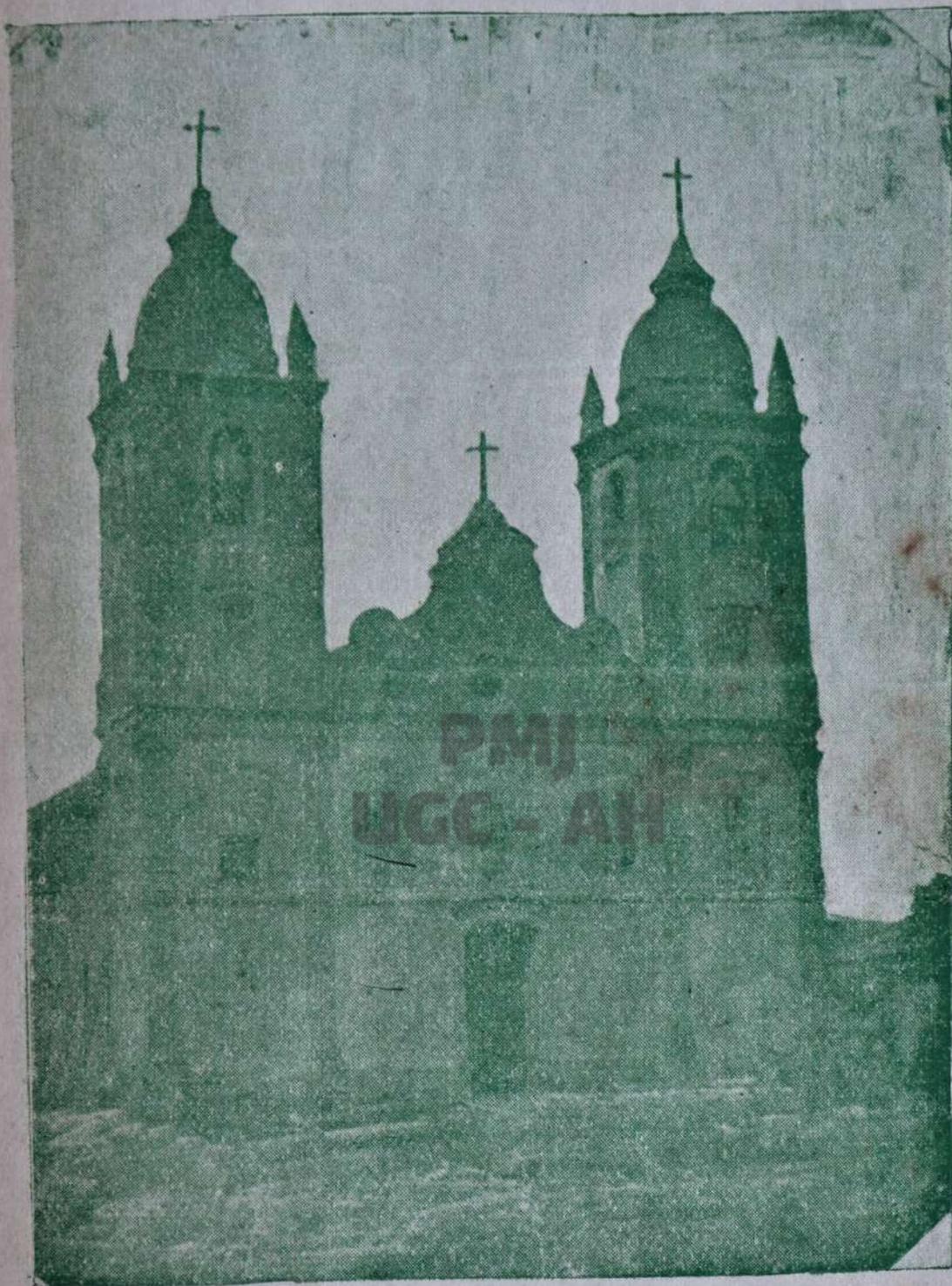
34 — Joaquim Paulo, 40 braças, na rua que passa por traz de Gaspar Sardinha e pela rua abaixo que vae ao «Jundiahy».

35 — Manoel Pretto Jorge e Francisco Gaio, (primeiros moradores desta Villa) 20 braças a cada um.

36 — Domingos de Gusmão, 20 braças partindo do oitão de Mathias Guedes.

37 — Antonio do Prado, 40 braças, do oitão de Pedro Cabral correndo para e rua de Joaquim Leme.

38 — Sebastião Ignacio, o moço, 20 braças na rua Direita que vae da casa de Gaspar Sardinha para o chão de Gaspar de Souza á Misericordia.



Matriz velha de Jundiáhy

Torres concluidas em 1836, reparada em 1858, e
demolida em 1886.

PMJ
UGC - AH

39 — Estevam e Joaquim Alvares Bezerra, representando suas irmãs menores Maria dos Anjos e Agostinha Rodrigues, datas nos limites da Villa, sobre o ribeiro da aguada.

40 — Simão Jorge Ferreira, 20 braças na segunda quadra do meio, depois do pelourinho, na rua Direita que vae da casa de Gaspar Sardinha para a de Estacio Ferreira.

41 — Francisco Vaz Ferreira, 20 braças na quadra segunda do meio, depois do pelourinho, na rua Direita que vae da casa de Gaspar Sardinha para a de Estacio Ferreira.

42 — Francisco Jorge Pretto, Domingos Jorge Antunes e Miguel Rodrigues Pretto, 20 braças a cada um, começando pela rua que vae por traz dos chãos de Agostinha Rodrigues e Maria Jorge, correndo para a roça de Antonio Alvares Bezerra.

43 — Matheus Luiz, 20 braças, partindo dos chãos de Antonio Luiz e correndo para o seu «tejuar».

44 — José Antunes, 10 braças, partindo dos chãos de Manoel Antunes e correndo para o «tejuar» de Jeronymo Bicudo.

45 — Antonio Gil, o moço, 20 braças, na rua Direita que vae das casas de Gaspar Sardinha, começando dos chãos que estão reservados para a Santa Misericordia, correndo para a fazenda de Estacio Ferreira.

Em 9 de Março, do mesmo anno, novas concessões de cartas de datas, foram feitas pela Camara, interessada em dar incremento ao povoamento da Villa.

46 — Maria Jorge e Agostinha Rodrigues, 20 braças, partindo do chão da Misericordia rua acima

47 — Francisco Sutil, José e Gaspar Sardinha, 30 braças, partindo da rua dos Antunes para os chãos de Antonio Alvares Bezerra até o rancho de José de Oliveira.

48 — Manoel Castanho, 20 braças, na rua que vae pelos fundos de Gaspar Sardinha, das casas que ja tem feitas, ficando os chãos doados do lado da igreja matriz da Villa.

49 — Gaspar Sardinha, o moço, Pedro da Silva e Antonio Sutil, 20 braças a cada um, partindo do Estacio de Góes Raposo.

50 — Maria de Pinha, viuva, 20 braças, partindo das datas de Domingos Alvares, correndo para cima e o quintal até ao ribeirão.

51 — Francisco Luiz, 6 braças, partindo dos chãos de Antonio de Freitas, correndo para as bandas de Francisco Gaio e rio Jundiahy.

52 — Joaquim Paes, o moço, Salvador Dias das Neves, Samuel Jorge, Francisco Jorge, José Pretto, Anna Maria Paes, Marianna Paes, Antonia Dias e Maria Fernandes, os chãos que partem de Manoel Antonio pela rua acima, que vae da casa de Pedro Cabral de Mello para a de Estacio Ferreira, até ao olho de agua que serve de fonte a esta Villa, que fica para o Ponente, 6 braças a cada um.

53 — José Duarte da Silva, 20 braças, na quadra fronteira a Joaquim Maciel, o moço, da banda do rio Jundiahy e na rua de baixo.

54 — Antonia de Pinna e Maria Cabral, 40 braças em quadra, no limite da Villa, na rua Direita que vae por baixo da banda da praça de Pedro Cabral.

Pouco a pouco iremos tentando reivindicar a

memoria dos povoadores da nossa terra, sepultados de ha muito na noite fatal do esquecimento á espera, talvez, da justiça da historia, tardia em verdade, porem, nunca sem esperança de ostentar a sua alvorada.

Quando, pela mente dos povoadores desta terra teria passado a ideia, de que, após quasi trez seculos, dos depoimentos dos archivos, surgiriam aos olhos das gerações, os seus nomes, dignos da veneração das massas contemporaneas.

E' a justiça da historia, qual nova P'oenix, ressurgindo das suas proprias cinzas, para de mysterio em mysterio conduzir-nos á alvorada da nossa existencia.

Cada nome será de hoje para o futuro, um marco glorioso para a posteridade, que os venerará como uma reliquia excelsamente santa, fachos refulgentes nas paginas da Historia de Jundiahy.

Que cada nome dos povoadores da nossa terra, seja para as gerações actual e porvinda um patrimonio da mais elevada estima, porquanto representa a tanacidade da força humana numa epoca de luctas sem os recursos dos nossos tempos.

Justiça aos povoadores de Jundiahy, sepultados na noite do Tempo, porem, redivivos perante a voz da historia, a unica mestra imparcial que sabe abrigar sob o manto seu, todos os individuos sem seleccional-os pelas posições ou nobreza de estirpe.



PENSAMENTO

O publico é, relativamente ao genio, um relógio
que se atraza. *Baudelaire*

Logogripho 69

P'la terra semeaste a negra dor,
 Foste devéras rei dos scelerados,
 Os teus crimes nos causam tanto horror
 Té agora que os seculos são passados 4, 5, 3

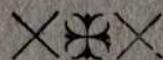
A Historia, em livros venerados,
 Affirma-nos, sim, que a tua sorte dura
 Foi, no dizer de sabios respeitados,
 Teres duas caras numa sò figura 1, 6, 4, 2.

E' devéras, senhora, asneira pura 6, 4, 4, 6.
 Não crer no que a Historia nol-o diz 4, 6, 3, 3,
 Quando affirma e veraz nos assegura
 Que o passaro possue bello matiz 4, 2, 3, 5.

Nas estações frigiditas, invernosas,
 Duras, frias, nevoentas, escabrosas,
 Tal vestido seria deprimente;
 Mas os feros guerreiros, ja passados,
 Nas lendarias entradas e fossados,
 Delle usaram mui vezes certamente.

Jundiahy

B. Hudson

**CHARADAS 70 a 72**

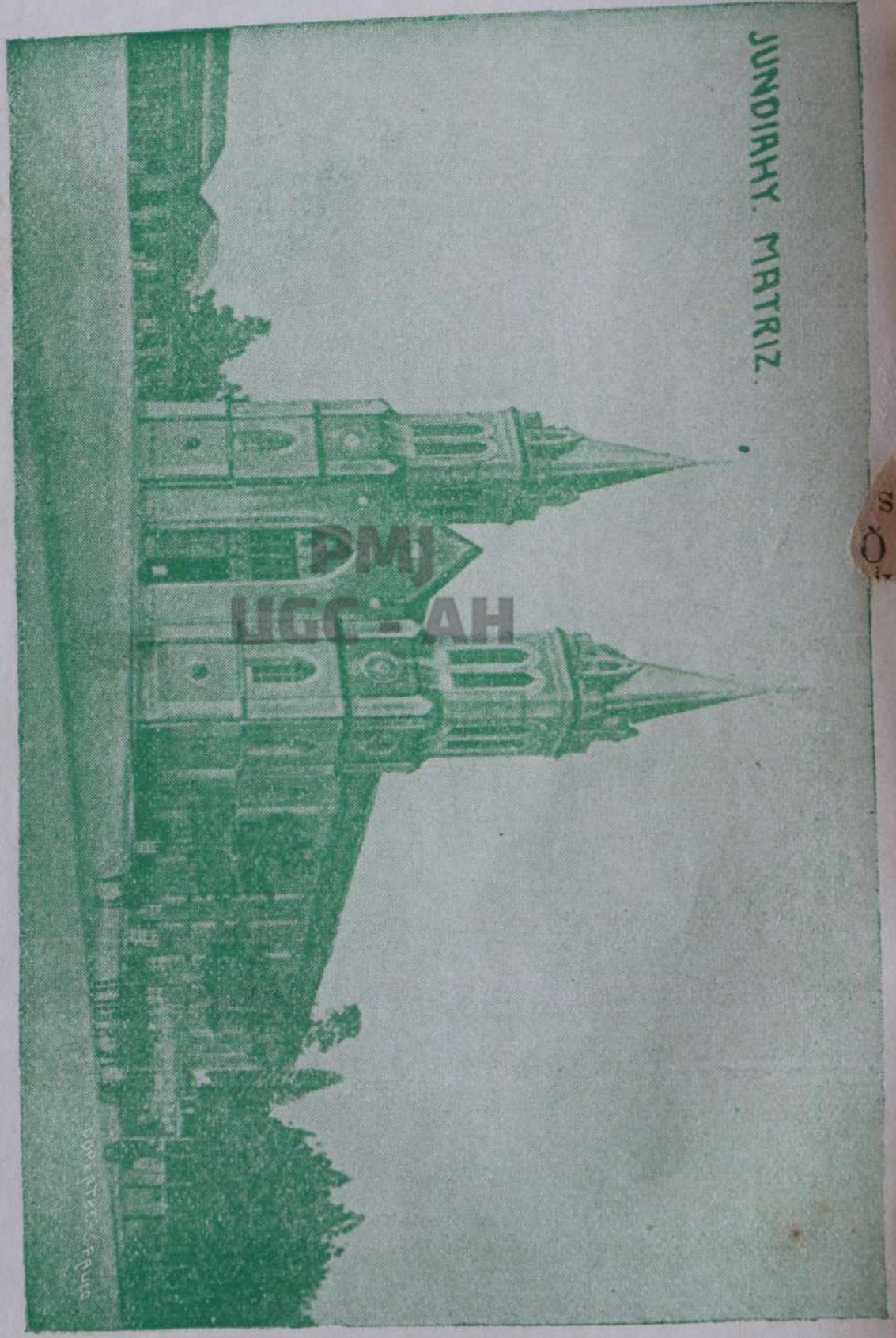
A minha sorte é subir ao alto do monte para pro-
 curar mostarda 2—2.

A mulher que viajava na embarcação deu causa
 á confusão 2—2.

Branca era a mulher que obrigou Cabral a desco-
 brir o Brasil 1—3.

Polydamas

JUNDIAHY MATRIZ



DMJ
LIGG-AH

5
Q

1875

PMJ
UGC - AH

Ephemerides jundiahyenses

1667

Janeiro 15 — O procurador do Conselho, requer á Camara « da parte desua mag^{de} se fizesse alcaide q. neselitava Este povo e serematase os susidios das aguardente, Evinhos, azeites, vinagre Emelado. E acanada de aguardente custeira meia pataqua, a aguardente demilho adous tostois a pecaleira, vinho da terra seis vinteis a pecaleira, azeite, doze vinteis a pecaleira, vinho do reino, dous tostois, o melado quatro vinteis a medida, vinagre seis vinteis, a botija de aguardente de cana a meio tostam, a de milho a tres vinteis. E quem vender EmCanadas paguará mais dous vinteis de Cada Canada ».

Janeiro 16 — « Os Juizes pascoal dias Rodrigues e Cristovão de paiva, apresentam á Camara suas cartas de uzanssa do ouvidor para Exerserem seus Cargos ».

Janeiro 18 — Prestou juramento para exercer o cargo de alcaide da Villa, Estevam Maciel.

Janeiro 29 — A Camara resolveu que fosse feita a estrada Real desta Villa para São Paulo.

Maior 21 — João Mendes de Mattos, procurador

do Conselho, requer á Camara a nomeação de dois homens ricos e de dois pobres, para *fintarem* os moradores da Villa.

« E Loguo no mesmo dia mes Eano, E Camera ConCordarõ os ditos senhores ofissiais da Camera p^a Efeito da finta do Real pidido [*ha uma palavra inelegivel*] Estassio Fr^a. — Bastiam Luis. — M^{el} Antunes, de que lhe derão Juramento dos Santos Evangelhos que Bem Everdadeiramente fizesem Esta finta p^a Efeito desse pagar o Real pidido de que oprometerão fazer sobreo juramento q. tinham de que mandarão fazer Estetermo Em que todos sse assinarõ. E eu p.^o Alveres Bz^{ra} EsCrivão da Camera o EsCrevi. Roiz. — + Doprado — Auriques — + dematos ».

Junho 4 — Foram chamados para prestarem juramento do que venderam sem licença, os taverneiros da Villa.

« E Loguo no mesmo dia, mez Eanno E na mesma Camera forão Chamados os taberneiros q. nesta villa avia, q. foi jasinto Nogueira E estevão Masiel E ambos de dous juntos lhe forão dados Juram^{tos} do santos Evangelhos Em que puzerão sua mão direita E prometerão desCruvir a berdade do que venderão. E pello Juiz ordinario pascoal dias Rodrigues lhe foi dado Juramento Eheles deserão q. não venderam mais q. vallia de hũa pataqua que venderam sem almotasar por estar auzente o almotassé, de que fizerão e mandarão fazer Este termo em que se assinarão ».

Setembro 29 — Faltando na Camara dois vereadores e estando um de cama, forão chamados os homens bons do povo e escolheram para vereaa-

dores João de Oliveira da Costa e João Dias de Vergara.

Outubro 1 — Foram nomeados fintadores da Villa, Estacio Ferreira, Domingos Cordeiro, Gaspar Sardinha da Silva e João Paes Malho.

1668

Fevereiro 25 — A vereança deste dia, foi presidida pelos «dois Juizes Juntos E os ditos Juizes apresentarão ssuas Cartas de uzanssas do ouvidor desta Caphetania. E pera ssaverem do Bem E Comum deste povo. Epello Breador mais Baltezar de magalhais CoElho foi preguntado Ao procurador do Comsselho m^{cl} Frz. varella, ssetinha que requerer p^a o Bem E Cumum deste povo ofizesse disse Edeu por resposta Erequeria q. mandassem fichar hù Coartel Emllugar Custumado p^a que os moradores desta dita villa allinpem as Ruas Com penas de ssinCo tostois.»

« Elloguo no mesmo dia mes E an noatraz declarado Ena mesma Camera ConCordarão os offisiais da Camera que aviam dessefazer Camera Cada mes por respeito da llemitasam desta dita villa, E os moradores della terem ssuas fazendas llonge. E mandaram amin Escrivão Escrevesse por assento de que Eu Escrivão da Camera o Escrevi E o assentei. E Concordaram mais Emtressi q. p^a E Cumum deste povo faziam E ordenavam p^a sser fintados os moradores desta dita villa E nomeavam Cristovo de paiva E domingos Cordeiro E João Pais malho E pasCoal dias Rodrigues de que forão Chamados E dados Juramentos dos ssantos Evangelhos q. Bem E verdadeiramente fintassem os mo-

radores desta dita villa p^a Efeito de sser paguo o pedido Real de ssua mag^{de} o que Elles assim o-prometerão fazer E se assinarão Com os ditos ssenhores. E eu p^o Alvarez Bz^{ra} Escrivão da Camera o Escrevi. João Pais Malho — Cristovão de paiva — domingos Cordeiro — B^{ar} de magalhais CoElho — M^{el} Frz. varella — João Alvarenga — F^{co} Cordero de payva — F^{co} Ribiro.

Março 24 — Foi prohibido a toda e qualquer pessoa « vender ssem lissemsa desta Camera assim devara Como de Covodo Epezo Emedidas.»

Junho 23 — Foi affixado edital avisando ao povo que ia ser feita a arrecadação do pedido Real.

Dezembro 22 — Balthazar de Magalhães Coelho, propõe que seja tirado um rol da arrecadação do pedido Real, cuja importancia está depositada em mãos do capitão Paschoal Ribeiro de Faria, 10\$280; de Domingos Cordeiro, 6\$680; do juiz Antonio Ribeiro, 3\$320, e do juiz Francisco Cordeiro 7\$040, sommando 27\$320.

Nota á margem: — A arrecadação foi pequena devido á grande peste que deu na Villa e a retirada de muitos moradores para o sertão.

1669

Fevereiro 7 — Foi resolvido que o serventio do caminho do mar, fosse feito pelos moradores desta Villa.

Abril 21 — «Aos vinte e hù do mes de abril da hera de mil Esseis ssentos e ssessenta e nove

annos Em esta villa fermoza de nossa ssenhora do destero de Jhundiahi na Casa deputada p^a sse fazer Camera estando os ofisil Juntos assaver Juizes domingos Cordeiro E fr^{co} de farias Breadores fr^{co} Cabral de tavora, Lucas frz' de matos, p^o vas da silva, procurador do Comsselho p^o de agiar. E perante os ditos ssenhores appareseu o m^{to} reverendo padre frei João do Esperito ssanto relligioso do patriaca ssam Bento, prezidente da Casa desta dita villa E porelle foi dito Erequerido aos ditos ssenhores ofissiais da Camera que lhe dessem Comprimento a Escritura q. avião feito ao m^{to} reverendo padre provenssial frei F^{co} da vegetassam dandolhes a esmolla q. os moradores lhe tinham prometido E fazendo o Combento hú ssitio Eteras Contendo na Escritura. E a Juda de negros para se fazer. E pellos ditos ofissiais de Camera foi dito ao dito padre quiera vindo assua notissia em Como na Comgregassam de purtugal sse avia desfeito o que o padre provenssial frei F^{co} da vegetassam tinha feito não se fazendo o Combento nesta dita villa q. da Escritura Consta. E que vindo o novo provenssial q. sse espera E Confirmando de novo o que o dito provenssial passado fes Estavão prestes para acudir atudo o que puderem de que de tudo fis estetermo Em Camera Em que sse assinarão os ditos ofissiais Com o dito padre. Eu p^o Alvarez Bz^{ra} Escrivão da Camera o escrevi F^{co} de faria — Fran^{co} Cabral de tavora — Lucas Frz' de Matos — domingos Cardoso — P^o daguiar P^o vas silva — F. João do Esp^o Santo, prezidente».

Maio 7 — O povo pediu á Camara que mandasse buscar um novo vigario, visto estar a Villa sem parochio.

Setembro 15 — Sendo o povo da Villa muito pobre, e não podendo pagar a finta Real e ao vigario, foi deliberado pôr em pregão a venda do vinho, aguardente, vinagre e azeite, sendo arrematado por João Leme do Prado, pela quantia de 58\$000, monopolizando desse modo a venda daquelles liquidos.

Outubro 20 — Foi declarado sem effeito o contracto feito com João Leme do Prado, para a venda exclusiva de vinho, aguardente, vinagre e azeite, visto o mesmo não ter satisfeito o pagamento ou offerecido fiador.

1787

Janeiro 28 — A Camara por ordem da rainha d. Maria I, resolveu tomar luto por motivo da morte do rei d. Pedro III, de Portugal.

Dezembro 20 — A Camara recebeu um officio do capitão-general da Capitania, recommendando que para os cargos de juiz ordinario, vereadores e procuradores da Villa, se elegessem pessoas que bem os podessem servir.

1798

Janeiro 28 — Foi eleito para o cargo de capitão de ordenanças da Villa de Jundiahy, Manoel Antonio de Siqueira, obtendo tambem votos, o alferes José Vicente Ferreira e Francisco Guedes.

Fevereiro 4 — Foi eleito juiz ordinario da Villa, José de Siqueira Pinto.

Junho 24 — Foram eleitos almotacéis da Villa, o capitão Francisco Correia de Lacerda e o alferes Antonio Joaquim da Silva Prado.

1799

Janeiro 30 — O capitão-general Bernardo José de Lorena, ordena á Camara da Villa, que remetta-lhe uma relação dos seus rendimentos.

1800

Agosto 3 — O juiz ordinario Eleuterio da Silva Prado, resigna o seu cargo, allegando ter de mudar-se para São Paulo e viajar para Curityba.

1801

Janeiro 11 — Foram eleitos, para juiz ordinario da Villa, o capitão Antonio Castanho de Azevedo; para vereadores, José Ribeiro Guimarães, furriel José Bueno de Oliveira, sargento Antonio Joaquim da Silva Prado e procurador do Conselho, José Mariano de Oliveira.

Agosto 10 — Tendo o vereador José Ribeiro Guimarães, se auzentado para as minas de Goyaz, foi eleito para substituil-o Domingos Pinheiro de Oliveira. A eleição foi presidida pelo desembargador da comarca de São Paulo, dr. José Joaquim de Almeida.

Novembro 23 — Foi movida no juizo de São Poulou, uma acção de sequestro e embargo contra o procurador do Conselho, Faustino Gonsalves da

Silva, sobre o alcance em que foi multado na prestação de contas ao dr. Ouvidor e Corregedor da Comarca.

Novembro 30 — O juiz presidente da Villa, Salvador de Oliveira Prado, lavrou protesto contra o acto da Camara, mandando sequestrar os bens de Faustino Gonsalves da Silva, por um supposto desfalque.

1807

Setembro 16 — O ouvidor-geral Miguel Antonio de Azevedo Veiga, visitou em correcção a Villa de Jundiahy, e reunindo « o Juiz Ordinario Presidente e Officiaes da Camara, homens bons, Republicanos, Nobreza e mais pessoas » em audiencia o dito Ministro ordenou que a Camara se reunisse todos os sabbados, sob pena de devassa geral e servindo como auto de Corpo de Delicto, a falta do termo de vereança.

1829

A Camara arrecadou durante o anno financeiro de 1829, a importancia de 424\$565 e accusou uma despesa durante o mesmo exercicio de 356\$541. A Camara era composta pelos vereadores Joaquim da Silva Prado, José Vicente Ferreira, Manoel Francisco de Oliveira, Thomé Joaquim de Passos, Antonio de Queiroz Telles, Joaquim Floriano de Barros e Luiz Antonio da Cruz, servindo no cargo de secretario Modesto Pereira Lomma.



1830

Do Balanço da Receita e Despeza da Camara durante o anno de 1830, respigamos, a titulo de curiosidade, os seguintes topicos :

« Rendimento de 24 capados vendidos nas Casinhas, a 50 réis cada um. 1\$200

« Rendimento de 27 alqueires de farinha de milho, de que pagam 20 réis. \$540

« Férias de 9 dias de serviço para extirpação do formigueiro atraz da matriz, a 240 réis. 2\$160

O porteiro da Camara recebia o ordenado de 6\$700 por trimestre; o procurador 6 por cento sobre a receita, o que regulava 8\$434 por trimestre; o secretario da Camara, ganhava 25\$000 por anno, e o carcereiro, 838 réis por mez.

1833

Julho 4 — José Francisco A. Barretto de Camargo, visitador ecclesiastico das parochias da diocese de São Paulo, visita a Villa de Jundiahy que tinha como parochio o padre Joaquim de Siqueira Moraes.

1834

Junho 16 — D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, bispo de São Paulo, attende ao seguinte requerimento desta Villa :

« Exmo. Sr. — Diz Joaquim de Siqueira Moraes, Vigario Encomendado da villa de Jundiahy, deste Bispado, que na distancia de um quarto de legua daquella Villa, se acha edificada uma Capella de Santa Cruz, em terreno humido por ter uma

grande lagoa visinha, vinte passos mais ou menos: razão por que o supplicante e mais povo daquella villa concorreu com esmolas avultadas para a factura d'uma nova Igreja dentro da villa em um largo alegre e seco, para a mesma devoção que tem de festejar a Sancta Crus no dia de sua Invenção é por isso que os Supplicantes P. a V. Ex^a R^{ma} se digne anuir ajusta petição do Sup^e facultando licença para se levantar a nova Igreja de Sancta Cruz. — E. R. M.

Setembro 17 — A' Camara é dirigido o seguinte officio :

« Illustrissimos Senhores da Camara Municipal. — Joaquim de Siqueira Moraes, Vigario encommendado desta villa, Leva a presença de Vossas Senhorias o despaxo que alcançou do Excellentissimo Bispo deste Bispado para mudar-se a Capella de Santa Cruz, para hum lugar mais proximo a esta villa como seja o largo do Rocio, e para ter bom exito a dita mudança se recorre a V. SS^{as} afim de concederem o dito lugar mandando demarcar e alinhar pelo competente arruador, em face proporcionada a extenção do vento, ou como seja de comodidade, e espera de Vossas Senhorias o defferimento como for de razão: E. R. M. »

A Camara deu o seguinte despacho á margem: « Conceda-se o lugar exigido pelo supplicante, sendo defronte do quintal do Vigario Pupo, ficando defronte, digo, mediando os dois Becos e livre a rua das Flores. Passo da Camara de Jundiahy, dezasete de Setembro de mil e oito centos e trinta e quatro. Presidente *Montes*. Secretario *Oliveira*.

1839

Fevereiro 12 — Attendendo ás solicitações da Assembléa Legislativa Provincial, o bispo D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, concede ao povo da Diocese o uso de carne em dias de jejum visto a escacez de peixe.

Fevereiro 20 — Foi concedida licença para a trasladação das imagens para a nova Capella de Santa Cruz, visto estar concluida a capella-mòr.

1842

Junho 6 — A Camara da Villa de Jundiahy, foi notificada pelo Governo da Provincia, da dissolução da Camara dos Deputados.

Junho 13 — A Camara, manda felicitar o Governo da Provincia, pelo seu acto, dissolvendo a Camara dos Deputados.

Agosto 1 — E' elevado a 1:000\$000 o patrimonio dos sacerdotes ou ordenandos.

Agosto 4 — Foram multados por faltarem á sessão do jury, Antonio Joaquim Pereira Guimarães e o padre Pedro Dias Paes Leme.

Setembro 19 — A Camara recebeu communição do conselheiro José Carlos Pereira de Almeida Torres, de ter assumido a presidencia da Provincia.

Outubro 19 — O vereador Tavares Cunha, par-

ticipa á Camara, não poder comparecer á sessão por estar com um tumor nas nadegas.

Outubro 20 — O vereador José Correia Pupo, foi multado em 4\$000, por faltar a duas sessões da Camara.

Outubro 21 — O vereador José Caetano de Macedo, participa a Camara, que só poderá comparecer á sessão do dia seguinte, por não estar prompto para assistil-a. Foi multado.

1843

Janeiro 7 — Os vereadores Francisco Simão Tavares e Gabriel de Godoy Moreira, participam não poderem comparecer ás sessões da Camara, por estarem com um dedo do pé molestado.

— Na mesma sessão desse dia, o vereador José Caetano de Macedo, propoz que a Camara ordenasse ao procurador do Conselho, para que durante as sessões conservasse na sala, um pote com agua, um copo e um ourinol.

Janeiro 9 — Francisco Xavier de Paula, requer á Camara, perdão da multa que lhe foi imposta pelo fiscal, por «expixar» um coiro de boi na rua.

Fevereiro 20 — A Camara recebeu officio do coronel Joaquim José Luiz de Souza, participando ter sido nomeado presidente e commandante das armas, por Carta Imperial de 9 e Decreto de 11 de Janeiro de 1843.

×



JUNDIAHY - Ponte sobre o Guapeva

PMJ
UGC - AH

supp
s. epure

PMJ
UGC - AH

1845

A Camara arrecadou durante o exercicio, a importancia de 662\$287 e despendeu 527\$700.

1849

Outubro 21 — Pelo vigario Estanislau José Soares de Queiroz, foi solennemente benzido o Cemiterio no alto do Anhangabahú. A acta da cerimonia é do theor seguinte: «Aos vinte e hum dias do mes de Outubro de mil oito centos e quarenta e nove, em cumprimento á Portaria do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Vigario Capitular Lourenço Justiniano Ferreira, pela qual havia por bem conceder-me faculdade para benzer hum Cemiterio para nelle se enterrarem os Bexiguentos, a qual Portaria foi requisitada pela Camara deste Municipio ao Excellentissimo Presidente desta Provincia, o qual obteve-a do mesmo Reverendissimo Vigario Capitular, segundo prescreve o Ritual Romano de Paulo Quinto, junto com os Sacerdotes residentes nesta, Sachristão com Cruz, Acolitos e concurso de Povo fui ao lugar em que se edificou o novo Cemiterio de muros rebocados e calhados a cal com porta sufficiente, e com húa Cruz collocada no meio delle, fiz solennemente a Benção guardadas todas as cerimoniaes, e Rubricas. E para constar como manda a mesma Portaria que archivada fica com os mais papeis desta Parochia, faço este termo.

O Vigr^o Estanislau José Soares de Queiroz »

Acclamação de D. Pedro I

O facto desenrolado a 7 de Setembro de 1822, nas margens do *Ypiranga*, repercutiu entusiasticamente no coração do povo brasileiro e a acclamação do protagonista para assumir o primeiro posto do paiz, tornava-se de inadiavel necessidade.

Jundiahy, não foi surda ao clamor geral e o seu povo attendendo á voz de chamada, fez coro com o Brasil inteiro acclamando o seu primeiro soberano.

Esse acto, por demais solenne, ficou perpetuado no documento seguinte, prova exuberante do civismo jundiahyense.

« Veriação de 12 de Sbro de 1822.

Aos doze dias do mes de Outubro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos e vinte e dois, nesta Villa de Nossa Senhora do Desterro de Jundiahy, Comarca da Cidade de São Paulo onde o Senado da Camara da mesma Villa se reoniu, e tendo convocado o Povo e Tropa, lhes foi proguntado pelo Juiz Presidente em altas vozes, se hera das suas espontanias vontades, que se aclamasse a sua Alteza Real o Principe Regente Protetor e Defensor Perpetuo constitucional do reino do Brasil prestando o mesmo Senhor previamente o juramento solenne de guardar, manter e defender a Constituição Politica que fizer a Assembléa Geral Constituinte do Brasil, e

logo que assim otasse declaração solememente a sua independencia, e que por ella protestão defender e dar a vida, e foi aclamado com o mayor alvoroço de prazer Primeiro Imperador do Brasil O Senhor Dom Pedro primeiro, por vontade unanime dos mesmos Povos e Tropa, em firmeza do que se assignarão no Livro das Verianças do mesmo Concelho, e no mesmo acto derão os vivas seguintes: Viva a Nossa Santa Religião — Viva a independencia do Brasil — Viva a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Brasil — Viva o Imperador Constitucional do Brasil o Senhor Dom Pedro primeiro — Viva a Imperatriz do Brasil, e a Dinastia de Bragança, Imperante no Brasil — Viva o Povo constitucional do Brasil. E por esta forma e maneira houverão por findo este termo de Veriança em que se assignarão com o Clero, Tropa e Povo, eu Antonio José de Carvalho, Escrivão da Camara que o escrevi».

(*Seguem se 109 assignaturas*)

Afóra essa acclamação solenne, ainda a Camara em nova sessão deliberou enviar uma mensagem ao Principe Regente. A copia da acta dessa reunião, é a seguinte :

« Veriação de 15 de Sbro de 1822

Aos quinze de Outubro de mil oito centos e vinte e dois, nesta Villa de Jundiahy, Comarca de São Paulo em Casa de residencia do Juiz Presidente o Sargento-Mór Jozé Manoel Tavaves da Cunha, onde se convocarão os Vereadores e Procurador do Conselho, para o feito desescrever á Sua Magestade Imperial, e á Camara da Côrte do Rio de Janeiro, participando-se-lhe deshaver Aclamado por

Ignacio Bueno de Sigr^a
Almotacé, Manoel Soares Ferraz
Almotacé, Antonio de Queiroz Telles
Escrivão da Camera Raymundo Silva Prado
Vigar^o Collado, Fran^{co} Correa Pupo.
Pe Fran^{co} de Ol^a Carv^o
Pe Pedro Dias Paes Leme
Pe Joaquim de Siqueira Moraes
Pe Antonio da Costa Guim^{es}
Capitam-Mór, José Vicente Ferreira
Coronel, Joaq^m Antonio Guim^{es}
Sargento-Mór, José Manoel Tav^{es} da Cunha
Sarg^{to}-Mór, Joaq^m Ant^o de Oliv^r^a
Sarg^{to}-Mór, Joaq^m José de Moraes
Sarg^{to}-Mór, Jozé Castanho de Moraes
Capitam Fran^{co} da Costa Alz'
Capitam Fran^{co} X^{er}
Cap^m Jozé Per^a de Queiroz
Cap^m João de Oliveira Cardoso
Cap^m José Galvão de França
Cap^m Fran^{co} Antonio da Cruz
Cap^m Mel Fran^{co} da Cruz Almada
Cap^m Joaq^m Paes de Oliveira
Sargento-Mór M. Fran^{co} do Amaral Gurgel
Fran^{co} Dom^{os} Frz'
Tenente João Baptista de Oliveira
Ajude Manoel Fran^{co} de Oliveira
Ten^{te} Jozé dos Santos Reis
Alf^{es} Clemente da Costa Alz'
Alf^{es} Luiz Antonio da Cruz
Alf^s José Corrêa Pupo
Alf^{es} Thomé Joaq^m de Passos
Alf^{es} Raymundo Cardozo de Oliv^r^a
Sarg^{to} Joaq^m Correa Pupo
Sarg^{to} Jozé Alz' dos Santos

vo da Villa de Jundiahy, revestiu-se de uma imponencia que faria honra aos nossos dias, e que, na epoca de que se trata, constituiu por certo uma grande e proveitosa licção de civismo.

Era que o Brasil atravessava então, um periodo de imprevistos e por isso mesmo, maior devia ser o sentimento de amor à patria, hoje, tão ingratamente malbarateado.

O acto do juramento de um simples projecto de Constituição, bastou para despertar o povo da Villa de Jundiahy e chamal-o ao cumprimento de um dever imperioso, qual fosse o de prestar obediencia á lei que ia ser promulgada para reger os destinos de um novo imperio, na sua alvorada promissora.

Mais uma gloria para a nossa querida terra e um novo galardão para a historia do passado.



PMJ
UGC - AH

ABASTECIMENTO D'AGUA

O abastecimento d'agua á população, pertence hoje á Municipalidade e dispõe no manancial do *Japy*, de 2.332.800 litros em 24 horas; com o novo encanamento a represa do *Japy* fornecerá mais 1.382.400 litros em 24 horas. O manancial adquirido no anno de 1910 no *Morro* fornecerá em 24 horas 691.200 e que dão uma totalidade de 4.406.400 litros d'agua em cada 24 horas.

O gasto é feito pelo orçamento seguinte :

A Companhia Paulista, consome diariamente 400.000 litros.

A Sorocabana Railway Company, 80.000 litros, também diários.

Cada predio dispõe de 2.000 litros diários, estando abastecidos 1.760, o que dá um consumo de 3.520.000 litros por dia, restando ainda liquido para abastecer mais 200 predios, levando-se em consideração que o consumo poderá augmentar devido ao gasto do metal dos diafragmas.

Os serviços do abastecimento d'agua foram iniciados pelos engenheiros Fonseca Rodrigues e Ataliba do Valle em 25 de Dezembro de 1901 sendo a Empresa encampada pela Municipalidade em 1910.

A corporação municipal ao serem iniciados os trabalhos para o abastecimento d'agua á popala-

ção, era constituída pelos drs. Francisco Antonio de Albuquerque Cavalcanti, Antonio de Souza Freitas, Raymundo Pennaforte do Sacramento Blake, srs. coroneis Antonio Joaquim Pereira Guimarães, Arthur Rodrigues e Floriano Antonio de Moraes, major Antonio Maria da Costa Wilk e João Baptista Gomes de Siqueira.

A primeira estaca, foi collocada em frente á casa da Camara, edificio onde hoje funciona o grupo escolar «Conde de Parnaíba» no dia 26 de Maio de 1901, dando a primeira pancada do estylo, o presidente da Municipalidade, dr. Cavalcanti, assistindo ao acto todas as associações desta cidade, Collegio Florence e grande massa popular



LOGOGRIPHO 73

(ao collega J. B. Figueiredo)

Para este logogripho fazer 11, 2, 8, 4, 10.
 Quasi que perco a cachola, 11, 15, 3, 9.
 Pois a metrica e o verso, 8, 13, 5, 11, 15.
 Tem me dado trato á bola.

Bem diz o antigo rifão:
 «Quem te manda a ti
 Sapateiro, tocar rabeção ?

Mas, vamos ao que é permittido, 1, 7, 6, 15.
 E' tempo de dar com o basta, 8, 12, 4, 14, 2.
 Ahi vae agora o conceito:
 Quem tempo perde, tempo gasta.

Vós que entre os charadistas
 Sois valente capitão,
 Dizei-me: com que palavras
 Fechava os discursos Catão ?

Bello Horizonte

Polydoro (Circo François)

—×+×—

NOVISSIMA 74

Um cidadão tanto andou 1
 Sem destino, a esmo, a toa,
 Té que a serpente encontrou 2
 A banhar-se na lagoa.

Jun liaby

B. Hudson

POSTAL

A um amigo que mandou-me um soneto em francez

Ho lá, je ne savais
Que mon petit ami
Des rimes en français
Avait de já écrit.

En bien, mais il faudrait
Les mettre sous l'abri
De la *Grand mère*, d'après
Laquelle toujours on vit

UGC - AH
Histoire avec un H,
Vous me pardonnerez
Bien sûr, c'est mon avis.

Que ceci ne vous fâche...
De vous, vous le savez,
Je suis toujours ravi.

Campinas

V. Melillo



PENSAMENTO

A mulher é feita para aturar e o homem para ser aturado.



CORREIO

Cartas ordinarias — 100 réis para a interior e 200 réis para o exterior por 15 grammas ou fracção de 15 grammas.

Não ha limite de peso ou dimensão para esta classe de correspondencia.

As cartas não franqueadas, pagarão no destino o dobro do porte ou insufficiencia; as de procedencia estrangeira pagarão 300 réis por 15 grammas ou fracção

Bilhetes postaes simples — 50 réis para o interior e 100 réis para o exterior, cada um.

Bilhetes postaes duplos — 80 réis para o interior e 200 réis para o exterior, cada um.

Os bilhetes postaes de industria privada deverão ter as mesmas dimensões e consistencia do bilhete postal official, podendo conter no anverso e no verso vinhetas, impressões, gravuras, chromos, etc., não sendo, psrem, permittido o emprego da armas das Republica.

Os bilhetes postaes de industria privada pagarão a taxa de impressos quando, em lugar das palavras—Bilhete postal ou equivalentes—que devem ser riscados, tiver o de—Impresso—não podendo conter no respectivo verso senão o endereço do destinatario e no inverso a assignatura do remettente.

Cartas-bilhetes — 100 réis para o interior e 200 réis para o exterior, cada uma.

Impressos — 20 réis para o interior e 50 réis para o exterior por 50 grammas ou fracção.

Os maços de impressos como os de manuscriptos não podem exceder ao peso de 2 kilogrammas nem apresentar sobre nenhum dos lados dimensão superior a 45 centímetros. Em cylindros ou rolo poderão ter 10 centímetros de diametro por 75 de comprimento.

Jornaes e Revistas — 100 réis para o interior por 100 grammas, e 50 réis para o exterior por 50 grammas ou fracção de 50 grammas.

Esta classe de correspondencia está sujeita ás condições de expedições estabelecidas para os impressos, quando destinados ao exterior.

Comprehende-se como jornaes e revistas as publicações periodicas distribuidas ao menos uma vez por trimestre destinadas a espalhar informações, noticias, questões scientificas, politicas, industriaes, etc.

Para o exterior da Republica pagarão taes publicações a taxa de impressos, isto é 50 réis por 50 grammas ou fracção; para o Brasil continuarão a gozar da taxa de 10 réis por 100 grammas ou fracção.

Manuscriptos — 150 réis para o interior e 250 réis para o exterior por 50 grammas ou fracção.

Amostras — 100 réis para o interior e 150 réis para o exterior por 50 grammas ou fracção.

Peso maximo 250 grammas, para o interior da Republica, dimensões $30 \times 20 \times 10$ centímetros. Em cylindro ou rolo 30 centímetros de comprimento por 15 de diametro. Peso maximo 350 grammas, para o exterior.

Encommendas — 150 réis só para o interior por 50 grammas ou fracção. (Não se expede para o exterior)

E' obrigatorio o registro de encommendas. Taes objectos terão como limite: peso maximo, 3 kilogram-

mas, $40 \times 16 \times 22$ centímetros. Em cylindro ou rolo, poderão ter 30 centímetros de comprimento por 10 de diametro.

As encommendas com valor pagarão, alem das demais taxas: 500 réis, até 10\$000; e 250 réis por 5\$000 ou fracção de 5\$000 excedente.

Assignaturas de caixas — Preços por semestres adiantados: 25\$ na Capital Federal; 20\$ nas agencias de primeira classe; 16\$ nas sub-administrações, e 10\$ nas demais agencias.

Vales postaes — Os tomadores de vales postaes pagarão, alem da taxa e registro: 400 réis até 25\$; 700 réis até 50\$; 1\$200 até 100\$; 1\$750 até 150\$; 2\$250 até 200\$, e 500 réis por 100\$ ou fracção excedente de 200\$.

E' obrigatorio o registro de cartas remettendo vales.

Objectos agrupados — E' permittido reunir em um só volume objectos de natureza diversa, ficando os volumes sujeitos á taxa do objecto de correspondencia, nelle contido, que a tiver maior. Se no volume houver encommenda, será obrigatorio o registro.

Registro com valor — Limite maximo 300\$. As cartas pagarão além do porte, registro e outra qualquer taxa a que estejam sujeitas, até 10\$ 300 réis e 150 réis em cada 5\$000 ou fração de 5\$ excedente.

Expressos — Para que um objecto de correspondencia procedente de qualquer repartição postal seja entregue, logo após a chegada da mala, por carteiro expresso, pagará o remettente, além de todas as demais taxas a que esteja sujeito o objecto 500 réis.

O objecto em que não fór satisfeita integralmente qualquer das taxas será entregue pelos meios ordinarios, ainda que tenha pago a taxa especial de 500 réis.

CHARADAS 75 e 76

Encontrei o homem que disse possuir a biographia do valente almirante hollandez 2—1.

Na povoação da Hungria, a festa de casamento é feita no dia seguinte ás nupcias 2—2.

Jundiahy

L. A. S.



Enigma-charada 77 e 78



(Jundiahy)

J. B. Figueiredo



CHARADAS 79 a 82

Assucar crystallizado, foi o carregamento desta cidade levado pelo cavallo magro e fraco 2—1.

Possue mel, senhora minba predi ecta 2—2.

O homem trouxe de Bornéo uma moeda de valor correspondente a 4\$725 réis 4—2.

Aqui no buraco cahiu um animal 4—2.

F. G.

A ITALIA

Trecho de um discurso pronunciado na Academia Hespanhola



SENHORES, tenho dito que a idéa do progresso é a idéa de todos os povos europeus, e tenho dito mal. Ha um povo que todos admiram por sua grandeza, e do qual todos vós vos compadeceis por suas desgraças. Italia, Italia, patria de nosso espirito, berço de nosso pensamento, mãe de nossa lingua, templo de nossa religião. Italia, a maior, porem, a mais inteliz das nações; Italia, cuja vida tem sido um eterno tormento; cuja historia tem sido um prolongado Calvario; dilacerada, ao começar a idade moderna, pelos barbaros que não encontravam nem Marios nem Scipiões em seu caminho triumphal; suspensa de uma sombra de imperio, cujo throno se alçava nas obscuras serras do feroz Arminio; dividida entre seus castellos feudaes e seus turbulentos municipios, sem acertar nem com a liberdade, nem com a auctoridade, nem com a aristocracia, nem com a democracia; enamorada de um ideal de governo perdido no passado, amor tão puro e tão esteril como o amor de Petrarca; aberta a todos os ventos da tempestade e á todos os povos da terra por sua theocracia cosmopolita, ora desesperada e sumida como austera penitente no pó com Savanarola, ora alegre e risonha como uma baccbante com Boccacio e Ariosto, porem perseguida e violada sempre pelos reis da terra que iam

buscar um raio de sol a seu céu, e um raio de immortalidade á sua historia; obrigada a cobrir de quadros, a ornar de estatuas, a povoar de harmonias desde o porto do tormento, seus mesmos calabouços, isto é, os palacios dos seus verdugos, como o rouxinol prisioneiro delicia com suas enxeixas o ouvido do barbaro que o arrancou á liberdade dos bosques; sempre desgraçada, ainda que reparta seu coração entre todas as regiões da terra, para que lhe perdoem sua grandeza; e dá á França o pensamento de S. Thomaz, á Allemanha o pensamento de Giordano Bruno, á Hespanha a alma de Christovam Colombo e ao céu o commentario de Galileu; Italia que vê seus filhos errantes ou mortos ou escravos, assim como em litteratura nos deixou o cantico de desesperação desde o Dante até Leopardi, e em musica o soluço do desterro desde Palestrina até Bellini; e em pintura, ao lado de tantas imagem risonhas, o Jeremias da desesperação, traçado pela titanica mão de Miguel Angelo, em historia nos legou o dogma da retrogradação, com Machiavel e o dogma do fatalismo com Vico; vingança que toma de todos os seculos, pelas injustiças de que tem sido victima, esse Lazaro dos povos, cuja resurreição mostraremos a nossos filhos, como o milagre que prova o poder e a santidade do nosso seculo.

Emilio Castellar



Enigma 83

T A

T A

Polydamas

CASA INGLEZA

F. Kenworthy & Comp.

Fazendas, Ferragens, Molhados, etc.

Agentes da CASA EDISON

Rua Vigário João José Rodrigues N. 11

JUNDIAHY

Armazem de Seccos e Molhados

— DE —

Francisco Rouco & Irmão

— FABRICA DE VASSOURAS AMERICANAS —

Rua Prudente de Moraes N. 136 XXX JUNDIAHY

Completo sortimento de Seccos, Molhados, Ferragens, Louças,
Porcelanas e Cristaes.

Importação directa de generos nacionaes e estrangeiros

Especialidade em superiores VINHOS PARA MESA

Tudo de primeira qualidade e preços os mais rasoaveis p ossiveis.

A FOLHA

Livraria, Papelaria, Typographia e Pautação

**Casa preferida para compra
de artigos escolares.**

Rua do Rosario, 54

JUNDIAHY

HOTEL S. PAULO

PROPRIETARIOS :

FLORAMANTE & FERREIRA

Successores de Augusto Rollo — Largo da Matriz (sobrado) com fundos para o mar. — IGUAPE, Estado de São Paulo.

Montado com todo o capricho dispõe de excellentes e confortantes acomodações para os srs. viajantes e exmas. familias. Banhos a qualquer hora. — Presteza, asseio e modicidade em preços.

Excellent Bilhar = Gerente, Sebastião F. de Moraes.

LOJA OTTOMANA

— DE —

José João Maluf

Completo sortimento de Fazendas, Armarioho, Chapèos, Calçados, Roupas Feitas etc. — Vendas por atacado e a varejo — Preços sem competidores

Rua do Rosario n. 77 — Jundiahy

CASA SANCHES

Seccos e Melhados — Comissões e Consignações

SANT'ANNA & C.

Armazem de Fazendas, Roupas feitas e Armarioho. — Ferragens, chapèos de sol e de cabeça, calçados, drogas, objectos de escriptorio, espingardas, machinas e fumos. Cobre, Ferro, Zinco, Chumbo, etc., etc. — Deposito de sal, kerozene, assucar e farinha de trigo. — Endereço Telegraphico «Sanches»

IGUAPE = Estado de S. Paulo

Typographia

Carvalho

Largo da Matriz

IGUAPE

PMJ
UGC - AH



TRAHIDORA



ASTA senhora!... Nem mais uma palavra mentirosa de amor.

Que vossos labios emudeçam para sempre afim de que novas victimas não sejam sacrificadas aos vossos caprichos de mulher, ás vossas fallazes promessas,

Basta senhora!... Immensos são já os amargosos tragos que me fizestes sorver na taça chrystallina da Illusão, embriagando-me no lupanar do Desengano.

Sois bella!... Tendes nos olhos a luz que fascina, que embriaga, que enlouquece, e nos labios tendes sempre phrases de desprezo, de desdem, de traição.

A vossos pés depusitei um mundo de esperanças e o meu futuro, que com um sopro somente ruíram por terra espesinhados por vós ingrata, que não soubestes avaliar a sinceridade do meu amor.

Podeis partir senhora!... Eu, fico disilludido, desenganado e só!... Não faz mal. Um dia, quando reconhecerdes a enormidade do vosso desprezo,

tereis desejos de remedial-o, mas, será tarde; a estrada percorrida, cobriu-se de espinhos que vos dilacerarão os pés mimosos com que calcastes os meus sonhos de mancebo, as minhas illusões de moço.

Si conseguirdes romper os abrolhos do caminho, encontrar-me eis chorando a vossa ingratição, a fronte abatida pelo peso da vossa trahição.

Proeurareis reanimar-me, mas, será muito tarde. O descrente do mundo, será ja então a victima offerecida em holocausto ao sacrificio do amor.

Basta portanto, senhora!... Nem mais uma palayra de vossos labios mentirosos!... Nem mais uma promessa falsa de amor!... Nem mais uma illusão arrancada do meu peito.

Vossas juras, são palavras atiradas ao furor dos ventos que passam, levando-as para longe, bem longe, como um attestado de que sois a mais perfida das mulheres, a mais ingrata das creaturas.

Murmuram as aguas limpidas da corrente o seu hymno costumeiro; os passaros entoam seus cantos melodiosos; só vós, perversa seductora, entoaes sempre uma nova phrase de desengano, desfolhaes novas flores de illusões.

Basta, porem!... O gladio com que feristes o meu pobre coração, abriu enorme ferida que sangra incessantemente e que jamais cicatrizar-se-á enquanto em minha mente existir um raio da vossa infinda trahição.

Basta senhora!... A minha alma inconscientemente, deixou-se enlevar pelas vossas palavras de amor, mas, coitada, foi illudida!...

Hoje, chora e nos seus momentos de serenidade, procura reviver o passado, reconstruir tantos sonhos desfeitos, para logo após, mergulhar-se no-

vamente no mesmo pelago de soffrimentos, onde foi lançada pela vossa crueldade.

A vossos pés senhora, eu, victima sacrificada aos caprichos do amor, depositei a mocidade com todo o seu cortejo de chiméras, a alma embalada em sonhos venturosos, recebendo como recompensa a vossa ingratição, a vossa perfidia.

Basta senhora!... Nem mais uma palavra, nem mais uma phrase de amor, para não avivar no meu pobre coração a dor que lhe crucia.

J. B. Figueiredo.

NOCTURNO

Inedito

E' meia noite. Espero. Sinto os passos
Do ultimo apressado viandante.
E a inercia, que me envolve, nos espaços
Junta-se á poeira de um luar fluctuante.

Por este sonho ardente oiço os abraços,
Phrases de amor na camara elegante...
Pelo seio aromal da noite os braços
Estendo sem cuidar que estás distante.

Espero. Na amplidão sonòra, á toa,
Cheio de ti meu pensamento voa,
—Branças nuvens dispersas no ar parado.

Sei que não vens, não voltas mais-que importa?
Hei de ficar olhando aquella porta
Por onde se sumiu teu vulto amado...

Logogripho 84

No teu regaço senhora, 3, 6, 5, 2, 1, 4, 7.

Brinca a filhinha innocente, 6, 3, 2, 1, 7.

Senhora, como é formosa 6, 5, 4, 1, 3.

Essa creança ridente.

Seu nome, bello entre os bellos,

Qual linda rosa em botão,

Merece cantos singelos,

Pura filha do sertão.

Polydamas

**O CÃO MORTO**

Jesus chegou um dia a uma cidade e ao atravessal-a, viu um grupo de pessoas que contemplavam um cão morto, que trazia ao pescoço a corda com que fora enforcado.

O cão ja estava podre e cheirava mal.

E todos que se achavam em torno daquelle animal em decomposição, examinavam-n'o fazendo commentarios.

—Como empesta o ar! — dizia um, tapando o nariz.

—Por quanto tempo ainda — accrescenta outro, continuará este maldito cão a envenenar o que se respira nesta rua?

—Olhem a sua pelle! — exclamou um terceiro — parece um coalho de leite ruim...

—E as orelhas? — observa outro — deitam uma aguadilha verde de putridas borbulhas...

—Teria sido estrangulado porque se tornou hydrophobo ou ladrão ? indagava por fim uma outra pessoa.

Jesus, que se acercou daquelle grupo e ouviu todos esses commentarios, lançou então um olhar de compaixão sobre o immundo animal e disse :

—Oh ! mas os seus dentes são candidos e bellos como a neve...

O povo então, que não o conhecia, maravilhou-se de ouvir palavras ungidas de tanta doçura, sobre aquella alimaria pobre, e em coro exclamou :

—Quem serà este homem ?

Não deve ser outro senão Jesus de Nazareth. Só elle é capaz de tamanha piedade antes a carcassa de um cão morto.

E todos se retiraram, inclinando respeitosa-mente a cabeça diante do Filho de Maria.

Leon Tolstoi



PENSAMENTOS

A prova da excellencia de um bom livro é algumas vezes a escassez dos louvores conferidos ao seu autor.

As constituições politicas modernas são como as obras de casquinha de prata, que pelo uso e fricção as perdem em pouco tempo, e apresentam o seu fundo de metal de pouca valia e azinhavrado.

Ninguem sahe da companhia de um homem douto e sabio, que não tenha aprendido d'elle algumas verdades importantes.

Marques de Maricá

ACEPIPES

Sopa de camarão

Deitam-se os camarões a ferver em agua e sal. Passada uma hora, quando a fervura se manifestar em grossos aljofares, vae-se-lhe pingando o conteúdo de dois ou quatro ovos, sem se mexer, de forma que os pingos, á medida que forem cahindo no caldo, talhem, e assim formem pequenos boccados. Junta se-lhe depois uma folha de salsa, e deste modo vae á mesa.

Feijão preto á brasileira

Escolhe-se e lava-se uma porção de feijão preto; escorre-se e põe-se a ferver em agua durante seis ou oito horas, juntando-se de vez em quando um pouco de agua quente, á proporção que secca. Estando cozido, escorre-se a agua.

Derretem-se, por outra parte, duas colheres de gordura, deitam se-lhes umas folhas de cebolas, um dente de alho, e sal; em seguida, junta-se ao feijão; mexe-se com uma colher de pau, machuca-se bem o feijão, e junta-se tambem o caldo que se escorrer, ferve-se até quasi seccar a agua, e serve-se.

Empada de gallinha á mineira

Refogam-se duas gallinhas com quatro colheres de gordura; cortam-se depois em pedaços, e accrescentando quatro chicaras de agua, sal, salsa

cebolas, pimenta e um palmito cortado. Deixa-se ferver sobre brazas, até o caldo seccar; tiram-se os ossos e accrescentam-se as suas moelas e figados, e oito ovos cosidos duros. Enche-se a forma com este picado, assa-se no forno e serve-se quente.

Ovos cosidos sem casca

Estando em uma vasilha larga agua quente com sal, quebrám-se os ovos na vasilha da agua, de maneira que fiquem inteiros, e conservem a sua fôrma, ficando separados um do outro, para não adherirem; deixam-se cozer emquanto se conta trezentos; tiram-se com uma espumadeira e servem com molho de carne ou em legumes.

Perú lardeado e assado no espeto

Toma-se um Perú novo, lardeia-se-lhe o peito com toicinho fino, e põe-se de molho em vinagre, cravo da India, folhas de louro, cebola, pimenta e sal; passadas quatro horas, enfia-se no espeto e assa-se, humidecendo-o com um copo de leite bem gordo e depois com o molho que pingou e serve-se com salada.

Panquecas de batatas

Ferve-se uma porção de batatinhas, descasca-se e pisa-se bem; mistura-se com uma colher de fubá mimoso, uma de assucar, dois ovos batidos, uma colher de manteiga, sal, meia chicara de leite e leva-se a fogo brando.

Sopa de figado

Toma-se um pedaço de figado cosido, o qual se passa por uma peneira, por meio de repetidas

fricções, e junta-se-lhe meia garrafa de vinho branco, duas outras de agua, umas cascas de limão, canella, passas, assucar e um pouco de sal; dá-se-lhe umas fervuras, engrossando-a com algumas gemmas de ovos.

Frangos dourados

Assa-se no espeto um frango, depois de esfregado com sal e pimenta e envolvido em papel untado de manteiga; estando assado, tira-se e corta-se em quatro pedaços, envolvendo-os em gemmas de ovos batidas, e fregem-se em manteiga, pingando-lhes por cima o resto dos ovos e, estando fritos de ambos os lados, servem-se com vagens bem novas.

Peixes estufados

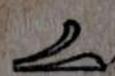
Depois de limpo o peixe, ferve-se com vinho branco com sal, pimenta, salsa e aipo; tira-se e deixa-se esfriar, deitando-lhe uma porção de manteiga derretida e envolvendo-o com uma camada de pão ralado; põe-se sobre o prato e mette-se no forno até tomar cor e serve-se.

Salada de pimentão

Tomam-se bons pimentões, metade verde e metade vermelhos, mas, doces, tira-se a semente e deitam-se uns cinco minutos em agua quente; depois escorrem-se e deitam-se em uma saladeira com rodellas de cebolas.

Tempera-se com azeite, vinagre, sal e serve-se




MELANCHOLIA


*O meu sabiá, pobresinho,
Esteve hontem mui tristonho,
Parecia immerso em sonho
Na gaiola o coitadinho.*

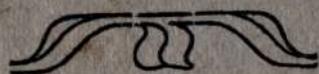
*Penhando acaso no ninho
Quente, macio e risonho
Que perdera? Não. Medonho
Isso é p'ra um passarinho.*

*Entristeceu-o o sol posto
Grande manto de desgosto
Que com a noite desceu;*

*Por não haver cá na terra,
Luz, e nem agua da serra,
Nem luz, nem agua do céu.*

Jundiahy

T. Siqueira



CHARADAS 85 a 87.

Por causa de uma nota está no xadrez o ministro do Japão 1—2.

Educou Baccho ao som do tambor e bebendo deste vinho 1—2.

Tem o castigo de levar um socco, por ser cabeçudo 1—2

Bello Horizonte

Polydoro (Circo François)

IMPOSTO DO SELLO

Pela tabella B § 4 do decreto n. 3564, de 22 de Janeiro de 1900, que dá regulamento para a cobrança do imposto do sello federal, estão sujeitos ao sello de estampilha de 300 réis os recibos particulares e outras declarações de pagamentos effectuados, qualquer que seja a forma, para expressar o recebimento de 25\$000 ou mais, e, bem assim os recibos sem declaração de valor.

Pela tabella A § 1 do mesmo decreto pagam sello proporcionar os papeis em que houver promessa ou obrigação de pagamento ou traspasse, ainda que tenham a forma de recibo, carta ou alguma outra; os que contiverem distracto, exoneração, sobrogação ou garantia e liquidação de sommas e valores; os recibos que declarem valor recebido por conta de pessoa differente da que ordena o pagamento, excepto os que forem *duplicata* dos passados nos documentos em que o pagamento é ordenado; tudo na seguinte proporção:

Até o valor de 200\$000, 300 réis; de mais de 200\$ até 400\$000, 440 réis; de mais de 400\$ até 600\$000, 660 réis; de mais de 600\$ até 800\$000, 880 réis; de mais de 800\$ até 1:000\$000, 1\$100; e assim por diante, cobrando-se mais 1\$100 por 1:000\$000 ou fracção dessa quantia.

Estão, pois, sujeitos ao sello proporcional os recibos passados pela fórma ordinariamente usada no commercio: *Recebido de Fulano, por ordem de Sicrano e conta de Beltrano.*

Pagam, porem, sómente o sello fixo de 300 réis, na primeira via, os recibos passados pelas seguintes formulas:

Recebido de Fulano, por conta e ordem de Sicrano.

Recebido de Fulano, por conta de Sicrano, a quem credito.

Fica sujeito á multa de 100\$ a 500\$000 o que firmar documento sujeito ao sello, sem que este (tenha sido satisfeito, e bem assim aquelle que, para evitar o pagamento, passar segunda via de documento do qual não tenha existido a primeira.

As denuncias das infracções dessa natureza podem ser dadas por qualquer particular.

Os papeis e documentos não sellados em tempo ou que o tenham sido com taxa inferior á devida, e bem assim os que não tiverem a estampilha inutilizada de conformidade com as prescripções do regulamento do sello, ficarão sujeito á revalidação, pela fórma seguinte:

1º Pagando 10 vezes o valor do sello, até 30 dias da data em que o mesmo se tornou devido;

2º Pagando 25 vezes o valor do sello, até 60 dias da data em que o mesmo se tornou devido;

3º Pagando 50 vezes o valor do sello, de 60 dias por diante a contar da data da omissão.

Os papeis serão sellados, collocando-se a estampilha e inutilizando-a com a data e assignatura, escriptas parte no papel e parte no sello, de modo que uma e outra fiquem por cima da mesma estampilha.

—X+X—

NOVISSIMA 88

O rei da Italia é um soberano elegante 2—1.

J. C.



QUADRO

*Ao lado da mãe que lia,
No seu bercinho deitado,
Um céu de azul rendilhado,
A creancinha dormia.*

*De vez em quando, embalado.
Por algum anjo que via,
O innocentinho sorria
Riso bemaventurado.*

*Como todas, carinhosa,
A mãe attenta bondosa,
Para o filho e, aos lampejos,*

*Do seu amor maternal,
Casto, immenso, sem igual,
O vai cobrindo de beijos.*

Jundiahy

T. SIQUEIRA



CHARADAS 89 e 90

O preso ao ser agarrado ia correndo com o cofre 4—2.

O homem muito magro causa pena por ser apurado no vestuario 3—1.

CAMORS

Casamento civil

O Ministerio da Justiça expediu em data de 17 de Julho de 1889 o seguinte aviso sobre os actos do casamento civil:

«Havendo a Constituição estabelecido expressamente a gratuidade da celebração do casamento, não cabem por este acto emolumentos, nem ao juiz nem ao official do registro, devendo assim considerar-se revogado o art. 122 da lei 181 de 24 de Janeiro de 1890.

Quanto á obrigatoriedade da precedencia do casamento civil á cerimonia religiosa, o Congresso Nacional por mais de uma vez, a tem repellido como offensiva ao art. 72 §§ 4º e 7º da Constituição, considerando, portanto, revogado o decreto n. 521 de 26 de Junho de 1890; não se pode por consequencia, prohibir a celebração de tal cerimonia antes de effectuado o acto civil.

Finalmente, no tocante ás custas de habilitação para o casamento e ás do registro de nascimentos e obitos, a materia acha-se regulada pelos arts. 123 do decreto n. 181 e 42 do decreto n. 9.886 de 7 de Março de 1888. Contra os abusos e extorsões devem as partes reclamar aos juizes, a quem incumbe punir os escriptaes e officiaes.»

O art. 123 do decreto n. 181 de 24 de Janeiro de 1890 dispõe que o official do registro perceberá dos pregões de edital dos proclamas e das certidões de habilitação dos contrahentes 1\$000 de cada acto.

O art. 13 da lei n. 813 de 23 de Dezembro de 1901 isentou do imposto do sello «todos os papeis, documentos, justificações, etc., referentes ao acto civil.»

São effeitos do casamento civil, unico reconhecido no Brasil :

1º Constituir familia legitima e legitimar os filhos anteriormente havidos de um dos contrahentes com o outro, salvo se um destes, ao tempo do nascimento ou da concepção dos mesmos filhos, estiver casado com outra pessoa ;

2º Investir o marido da representação legal da familia e da administração dos bens communs, e dos que, por contracto ante-nupcial, devam ser administrados por elle ;

3º Investir o marido do direito de fixar o domicilio da familia, autorisar a profissão da mulher e dirigir a educação dos filhos ;

4º Conferir á mulher o direito de usar o nome da familia do marido e gozar das honras e direitos que pela legislação brazileira se possam communicar a ella ;

5º Obrigar o marido a sustentar e defender a mulher e os filhos ;

6º Determinar, finalmente, os direitos e deveres reciprocos, na fórma da legislação civil, entre o marido e a mulher e entre elles e os filhos.

NASCIMENTOS

Todo o nascimento que occorrer na Republica deve ser dado a registro dentro de tres dias.

O prazo è, porém, de 8 dias para aquelles que residem de 1 a 8 leguas de distancia da séde do termo, de 20 para os de 10 a 20 leguas e de 60 para os de maior distancia.

Se, porém, á menor distancia das mencionadas houver inspector de quarteirão, a declaração dever lhe-á ser previamente feita, e, em vista da certidão deste funcionario, far-se-á o registro.

Esgotados os prazos referidos, nenhuma declaração para o registro será attendida sem ordem da autoridade, ficando o infractor sujeito a multa da lei.

O official do registro, bem como o inspector de quarteirão, quando tiver motivo para duvidar da declaração, poderá ir a casa do recém-nascido, verificar a sua existencia, ou exigir attestação do medico ou parteira que tiver assistido ao parto, ou testemunho de duas pessoas idoneas.

No caso de ter a criança nascido morta, e não de ter morrido na occasião do parto ou dentro dos 30 dias, bastará uma declaração assignada pelo pae ou mãe ou por quem suas vezes fizer, e por duas testemunhas presenciaes.

O nascimento será communicado pelo pae : em sua falta ou impedimento, pela mãe; no impedimento de ambos, pelo parente mais proximo, sendo maior; na sua falta ou impedimento, pelo facultativo ou parteira que tenha assistido ao parto, e por pessoa idonea da casa em que occorrer, si sobrevier fóra da residencia da mãe.

O assento do nascimento deverá declarar : a data e a hora certa ou approximada ; o sexo : se é gêmeo (e, neste caso, se nasceu em primeiro ou segundo lugar); se é legitimo, illegitimo ou exposto ; nomes e sobrenomes que houverem de ser posto ; si nasceu morto ou morreu no acto ou depois do parto ; a ordem de filiação ; os nomes completos dos paes, naturalidade e profissão ; a parochia ou logar onde casaram e a residencia ou domicilio actual ; nomes completos dos avós paternos e maternos ; nomes completos, domicilio e residencia actual de duas testemunhas, pelo menos, assim como a profissão destas.

Podem ser omittidos, se dahi resulta escandalo, o nome do pae ou da mãe ou de ambos, e quaesquer das

declarações precedentes que fizerem conhecida a filiação.

Quando se tratar de filho illegitimo, não se declarará o nome do pae sem que este expressamente o autorize e compareça, por si ou por procurador especial, para assignar o respectivo assento com duas testemunhas.

O registro do nascimento não legitima o filho natural nem o habilita á successão paterna.

O nascimento de brasileiro em paiz estrangeiro deve ser registrado no respectivo consulado.

OBITOS

Occorrido o fallecimento, deverá ser feita a respectiva communicação ao official do registro civil, authenticada por attestados de medico ou cirurgião e, se não o houver na localidade, de duas pessoas qualificadas.

Na impossibilidade de ser encontrado o official do registro dentro de 24 horas depois do fallecimento, ou tendo sido causa da morte molestia contagiosa, a juizo do medico, o enterramento poder-se-á fazer com autorisação do inspector do quarteirão.

O mesmo far-se-á fóra das povoações em logares que distem mais de uma legua do cartorio, devendo em tal caso a communicação ser feita dentro de 8 dias, para aquelles que residirem até 8 leguas de distancia, de 20 para os de 10 a 20 leguas, e de 60 para os de maior distancia.

São obrigados a fazer a communicação :

O chefe de familia, marido ou mulher, a respeito do conjuge fallecido, seus filhos, hospedes, aggregados e criados :

O filho, a respeito dos paes, o irmão a respeito do irmão e das mais pessoas da casa ; o parente mais proximo, sendo maior e achando-se presente ;



PMJ
UGC - AH

PMJ
UGC - AH

est
cer
çã
m
cin
me
ca
pl
ni
ju
pr
in
tu
ta
n
ra
s

O administrador, director ou gerente de qualquer estabelecimento a respeito das pessoas que ali fallecerem.

Na falta de algumas destas pessoas, a communicacão deverá ser feita por quem tiver assistido aos ultimos momentos do finado, ou pelo visinho que do fallecimento houver noticia.

O assento de obito deverá conter: o dia, hora, mez e anno do fallecimento; o logar deste, com indicação do districto a que pertencer o morto; nome completo, sexo, idade, estado, profissão, naturalidade e domicilio ou residencia; se era casado, o nome do conjuge sobrevivente; se era viuvo, o nome do conjuge predefunto; se era filho legitimo, natural ou de paes incognitos, ou exposto; nomes completos, profissão, naturalidade e residencia dos paes; se deixou ou não testamento, bem como filhos legitimos ou naturaes reconhecidos e seus nomes e idade; se foi a morte natural ou violenta e a causa conhecida; o logar onde vae ser sepultado.

— — —

Penalidade — Toda a pessoa, nacional ou estrangeira, que, tendo obrigação de dar a registro algum nascimento ou obito, não fizer as declarações competentes dentro dos prazos marcados; incorrerá na multa de 6\$000 a 20\$000, elevada ao duplo no caso de reincidencia.

Emolumentos — Pelo registro de nascimentos se pagará 500 réis e pela certidão de obito, 400 réis por lauda de 33 linhas.

Pelas buscas, pagar-se-á 200 réis por anno, contados os annos do segundo em diante, depois da data do assento. Em caso nenhum, se cobrará mais de 5\$000.

Se a parte indicar o mez e o anno do assento, a despeza será sómente de 500 réis.

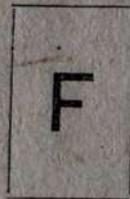
As pessoas notoriamente pobres estão isentas de qualquer dispendio.



Enigma 91



(Jundiahy)



AA



J. B. Figueiredo



Perguntas historicas 92 e 93

Qual foi o general inglez que, depois de se haver distinguido nas batalhas contra Carlos VI e Carlos VII, foi vencido por Joanna d'Arc, em Patay e mais tarde vencido e morto no anno de 1453 em Castillon?

Em que dia travou-se entre Napoleão I, e os inglezes e prussianos, a memoravel batalha de Waterloo.

Elisa

Os insectos do algodoeiro

São grandes as perdas que os agricultores do algodoeiro soffrem com os insectos. Nos Estados Unidos este assumpto tem chamado muita attenção dos entomólogos, e elles calculam que, não fossem os insectos, a colheita do paiz seria maior por 250.000 fardos, do valor medio de 50.000 contos de réis. Alguns fazendeiros, para livrarem as suas plantaço da praga, teem experimentado ultimamente uma mistura de arsenico e farinha de trigo ou gesso, espalhada na planta emquanto humedecida pelo orvalho. Querendo indagar si este remedio era realmente bom, o Director geral da Repartição da Agricultura de Washington expediu uma circular a seus correspondentes, pedindo-lhes que respondessem a certos quesitos. O resultado deste inquerito é muito curioso, e este assumpto é de tamanha monta para o Brazil que devemos abrir espaço ás suas principaes conclusões.

As colheitas, com effeito teem lucrado muito e não raramente teem sido salvas com a applicação de puro e genuino arsenio e de farinha de trigo, misturada na proporção de uma parte daquelle para 25 ou 30 partes desta. Tambem produz bom effeito o arsenico dissolvido n'agua, mas o outro meio é o melhor, pois o arsenico não se dissolve facilmente. Em todo o caso, é preciso cuidado que a preparação não seja forte de mais, pois do contrario mataria as plantações.

E' preciso mais que as arvores estejam humidas para que o arsenico em pó fique pegado bem

ás folhas da planta. Para se misturar o arsenico pode-se usar não só de gesso, mas tambem cal, cinza e farinha de trigo, de bôa ou de má qualidade. A farinha é o melhor composto.

Depois de chover, é preciso esparzir uma dóse da preparação, porquanto as chuvas limpam das folhas todo o arsenico.

Creem muitos que o uso do arsenico é perigoso. No Sul não tem havido casos fataes, entretanto é bom que a pessôa que o applica as plantas, fique sempre voltado de costas para o lado d'onde sopra o vento, de modo que evite tragar o composto. Deve-se tambem pôr cuidado em não deixar gado algum comer as folhas do algodoeiro assim tractado.

Alguns agricultores teem lançado mão d'outros expedientes, taes como agua salgada, kerosene, e agua ensaboada, mas estes não são melhores do que o arsenico.



ISENÇÃO DO JURY

Pela lei n. 43 de 1º de Março de 1893 (Reforma Judiciaria) estão dispensados de servir no jury durante as respectivas funcções: o presidente e os secretorios do Estado; os membros do poder legisl tivo do Estado ou da União; os representantes do ministerio publico, quer da União, quer dos Estados; os collectores de rendas publicas e escrivães da collectoria; os delegados e sub-delegados de policia e os empregados de policia; os professores publicos primarios; os militares e officiaes das forças estaduaes em serviço activo; os empregados publicos federaes (de pharóes, telegraphos,

correios e alfandegas); os directores das secretarias de Estado; o thesoureiro e pagadores; os empregados das estradas de ferro, ainda que particulares.

Poderão ser dispensados, se o requererem:

Os maiores de 60 annos de idade; os medicos, sendo um sò no lugar; os pharmaceuticos, não tendo ajudante ou sendo um só no lugar; os professores particulares de ensino primario; os que no anno anterior tiverem effectivamente servido durante uma reunião do jury, ou o juiz de facto da urna suplementar que tiver servido na reunião anterior; os operarios e os jornaleiros; os ministros de qualquer religião.



CHARADAS 94 a 97

A occasião fáz do homem um ladrão 2—2.

E' mau assucar o da primeira planta 2—1

Grande numero de tonsurados foram immortalisados por este poeta 1—1.

Um vigia com esperança 1—3.

T.T.I.A.



AMOR

O passaro ama o verde ramo, onde constro e o ninho; a flor ama a brisa que lhe furta beijos; o cysne ama a limpida fonte em que se banha; o nauta ama o bello ceu de sua patria; a natureza inteira é uma harpa melodiosa de amor, que resoa pelas abobadas celestes e vai expirar junto ao throno da Divindade.



QUEIXUME

Hontem n'um galho â tardinha,
Quando o sol rubro descia,
A' hora d'*Ave Maria*,
Chorava endeixa a rolinha.

O seu queixume continha
Allivio a dor que sentia,
Ao ver que a noite cahia
E o companheiro não vinha.

No triste ninho, coitada,
Vendo-se só, olvidada,
Teve saudade, arrulhou ;

Depois... da noite ao enleio
Um sonho ou um devaneio
Da rola a queixa estancou.

Jundiahy.

T. SIQUEIRA.

PENSAMENTO

Uma fidelissima esposa deve ser tão unida ao seu caro consorte no prospero como no adverso, tão fina na alegria como na tristeza, tão amante na vida como na morte.

Saror Joanna Ines de la Cruz

A SORTE GRANDE

O Lucrecio era um velho, filho da bella Lutzitania, que não sabia ler, conhecendo somente os numeros.

Um bello dia, ao homem lhe dá na *telha* comprar um gasparzinho da loteria, tentando assim a sorte.

Andou a roda. O Lucrecio possuia o bilhete 8609 e fazia mil projectos se por acaso tirasse a *taluda*.

No dia seguinte o homem, mal rompeu o sol, correu a estação para comprar o jornal e ver se tinha ganho a sorte.

Depois de muito esperar, chegou o trem e o Lucrecio ancioso comprou todos os jornaes do dia...

Leu-os, ou melhor, fingiu lê-los, e de repente dá um prisco e desanda pela plataforma.

Chegando a casa, quasi nem falar podia de esbaforido :

—Então, não te disse mulher, que eu arrebatava hoje com estes *tatarecos*,

E começou a jogar pela janela á fora todos os cacarécicos que lhe adornavam a casa.

—O' homem, tu estás louco?

—Qual louco, nem meio louco. Tirei a sorte grande e podemos nos considerar ricos.

—Mas como sabes que fostes premiado?

—Cá está no jornal, o premio maior sahiu no numero 8609; é o meu bilhete, com mil raios!... Agora sim, temos dinheiro até não querer mais. Deita fogo nos meus fatos velhos que amanhã vou receber as notas..

—Quem déra que assim fosse...

—O' Maria, pois então tu não me crês? Só se eu não fosse quem sou para faltar com a palavra. Qual o que! vamos deitar fogo em tudo, que amanhã teremos a casa remontada de novo. E se tu, mulher, não fazes o que te digo, olha que eu te racho!

E o homem no auge da alegria, continuou na sua faina de destruição.

Em menos de uma hora, na casa do Lucrecio nada mais havia.

Os projectos foram postos em pratica e no outro dia lá foi o homem receber a taluda.

A mulher ficou esperando os trastes novos... os vestidos de seda... enfim, tudo que compõe uma casa aristocratica.

A' tarde, no fim da rua, desponta o Lucrecio com um fato roto e o chapéu desabado.

A pobre mulher idealisava mil cousas, furto... conto do vigario... quando o homem chega quasi chorando:

—Estamos desgraçados mulher, eu li o numero de pernas para cima. O premiado foi o 6098 e não o meu que è 8609. Mil raios o partam!

E ambos desataram em prantos de causar pena.

J. B. FIGUEIREDO.



ASSEIO

Modo de limpar e lustrar a prata

Ferve-se o objecto que se quer limpar na mistura seguinte: agua 4 garrafas, sal ammoniaco meia onça, pedra hume meia onça, cal meia onça; depois de tirado e enxuto, esfrega-se com magnesia calcinada, ou com giz.

Oleo de flor de lorangeira

De oleo de amendoas, recente, 4 onças e de oleo essencial de flôr de lorangeiras meia oitava; vascoleja-se bem o vidro, e está feito.

Por este mesmo methodo, e quantidades fazem-se todos os mais, havendo os oleos essenciaes que acima dissemos.

Pomada de babosa para cabellos.

Toma-se meia libra de folhas de babosa, soca-se grosseiramente, e faz-se ferver em uma e meia libra de azeite doce novo, e meia libra de vinho branco de Lisboa, passada meia hora, retira-se do fogo, coa-se e ajunta-se uma libra de tutano de vacca, ou sebo de veado e duas oitava de essencia de bergamota, uma oitava de essencia de limão, e meia oitava de essencia de alfazema.

Visgo para apanhar passaros.

Ferve-se oleo de linhaça uma libra, até ficar na metade, dissolvem-se nelle depois, 3 onças de breu.

Verniz de Alambre.

Derrete-se sobre brasas uma libra de alambre, ajuntando-se quando estiver derretido, uma onça de oleo de linhaça quente, mexe-se bem, e tira-se do fogo ajuntando aos poucos, e mexendo sempre, libra e meia de essencia de terebenthina.

Este verniz é hoje muito usado nos Estados-Unidos da America do Norte para envernizar mobilias carrinhos, etc., por ser muito lustroso; é igual ao melhor verniz da China.

Modo de branquear a palha.

Como na palha ha diversas graduações mais ou menos carregadas, começa-se por branqueal-as para lhes dar uma côr uniforme.

Para isso, estende-se num quadro bem fechado aonde se accende enxofre.

Bastão vinte e quatro horas para a branquear bem; mas para a fazer flexivel, sem a manchar, põe-se durante tres ou quatro horas em grandes tâaes molhados.

Meio de conservar a madeira.

Dissolvem-se oito libras de sulfato de cobre, e molhe-se cinco a seis vezes com esta solução, por meio duma brocha ou dum panno, a madeira depois de bem secca; ficará esta livre do cupim, do caruncho e qualquer madeira branca afinçada, durará tanto como a melhor madeira de lei.

Meio de tornar a roupa incombustivel

Para a roupa, principalmente os vestidos das senhoras, não pegarem fogo, basta molhar o panno com uma solução feita de uma oitava de chlorato

de zinco, em uma garafa de agua; este panno sendo molhado e depois seccado ao sol, carboniza-se sem pegar fogo.

Meio de tirar nodoas de sêbo.

Quando as nodoas são formadas pelo sêbo, tira-se facilmente, introduzindo fel de boi puro dentro do panno, por meio de uma agulha de fazer meias; deve-se principiar pelo meio da nodoa, e com paciencia alcança-se o que se pretende; quando se vê que o sebo está inteiramente destruido, lava-se o panno bem em agua morna, e logo depois em agua fria.

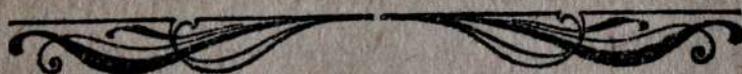
Meio de furar o vidro.

Essencia de terebenthina duas onças e 6 oitavas, dente d'alho e sal d'azedas 4 onças, deite-se o sal d'azedas na essencia, ajunte-se ao succo o mesmo o alho cortado, e deixe-se o alho macerar durante 8 dias, agitando de tempos a tempos.

Quem quizer furar vidro, lance uma gotta desta mistura no logar conveniente, e fure em seguida com um buril, mais ou menos grosso, segundo as dimensões que o buraco tiver.

Meio de branquear os ossos.

Tome-se cal viva e um manipulo de farello; lance se tudo numa panella nova com sufficiente quantidade de agua. ferva-se com os ossos, até que estejam perfeitamente desengordados.



Os prejuizos da Civilisação

Dentre todas as calamidades que negrejam em nosso meio artistico nenhuma se me afigura mais tenebrosa, actualmente, do que o Cinematographo.

E' o mais solemne desmentido á pretensão que temos de ser um povo amante da arte.

—Onde a Tragedia que arranca lagrimas para nos divertir, que faz fallar as dores de Edipo coberto de sangue, excitando em nós tudo o que a piedade tem de terno e o odio, de terrivel ?

—Onde a Comedia que faz brilhar á luz da ribalta e á musica dos risos, tudo quanto as paixões tem de ridiculo e o imprevisto de grotesco ?

—Onde o Theatro Nacional, esse ideal tão acariciado por temperas de aço e que como outros nobres ideaes se evaporou quem sabe para sempre, á mingua de adhesões que mendigava por toda a parte, aos grandes e aos pequenos amadores da Patria, aos amadores da Arte, aos amadores do Bello ?

A decadencia da Arte Theatral entre nós é uma realidade e mais do que uma realidade é um facto de ha muito consumado.

A parte os grandes centros populosos onde o capitalismo onnipotente se permite a phantasia e o luxo de frequentar o Lyrico, e os cafés cantantes na sua falta, onde mais do que a Arte vae ad-

mirar a impudicicia e as formas torneadas das estrellas, hoje, o publico se contenta a ir assistir ao Cinematographo, com seu cortejo de polkas e de valsas, com seu reale o de musicas escuras a lembrar um circulo de çavallinhos de pau. E' o gosto da epocha.

Nós vimos, para nossa eterna vergonha, platóas que patearam o «Guarany» e a «Lucia de Lammermoor» por cousas de nonada e applaudir fitas do *cinema*!

O gosto pelas Artese stá hoje tão apurado que já nos contentamos com sombras; esta é a verdade. Emquanto as emprezas do Pathé Frères abarrotam os cofres de ouro os artistas cançados de representar ás moscas morrem a fome em qualquer agua-furtada ou, por muito favor, num catre da Santa Casa, si não buscarem a tempo outro meio de subsistencia.

Não seria de admirar, si o Theatro Municipal a inaugurar-se brevemente na Paulicéa estreasse com um variado e surprehendente espectaculo de gala cinematographico.

E' o espectaculo da moda, é a mania da novidade que nos empolga.

O mesmo acontece com a musica. Hoje, com a *pianola*, toca-se piano com a mesma facilidade com que se pedala uma machina de costura. Vem a proposito citar a exclamação de uma menina vendo um marmanjo pedalar ao piano um trecho difficil de Wagner. Ora, a gente gasta tanto tempo a aprender um pouco de musica e vem um diabo desses que não conhece uma nota, tocar com os pés o que a gente não sabe tocar com as mãos!

A photographia faz o mesmo com a pintura e por esse andar quem sabe onde iremos parar!

São os prejuizos da civilisação! São os contrastes do progresso...

Hontem a ribalta era inundada de luz.

A claridade do gaz era pequena: veio o bico Auer, veio a electricidade para incendial-a de fulgores.

Hoje, como tudo se transformou!

Fechando completamente o palco um grande quadro branco como um sudario orlado de negro se levanta aos olhos dos espectadores.

De repente apagam-se todas as luzes, um foco luminoso projecta-se no panno, annunciando em caracteres vermelhos, em castelhano ou outra lingua que menos se pareça com a nossa, a *Fada Azul*, o *Passarinho verde* ou o *Noivo em coegas*.

Ha uma trepidação na superficie illuminada onde se fixam os olhos maravillhados dos assistentes. A musica geme uma valsa somnolenta enquanto os quadros se desenrolam cheios de peripicias chatas e incolores apezar de serem coloridas. De vez em quando uma risada alvar cahe das torrinhãs e com ella, como um punhado de nozes, despenhadas do gallinheiro sobre a platéa um punhado de palmas quebra o silencio da sala.

Quando a fita termina reaccendem-se os lustres, a musica é estrangulada e no fundo do palco de novo se destaca o grande quadro branco, vazio e immaculado, orlado de negro como um grande lenço de lucto que estremece ao contacto da agua com que o borrifam dois moleques, armados de brochas, para tornal-o desse modo mais transparente: são as lagrimas, as unicas lagrimas, que cahem no proscenio onde se ergue o tumulto da Arte.

V. MELILLO.

Logogripho 98

Na encosta do monte escarpado, na fenda da rocha hiulca, desafiando a furia dos vendavaes, como uma heroína invencível, glorificada em mil pelejas, se erguia qual rainha, dominando o hermo da montanha, uma *flor* mimosa, cujas petalas eram outras tantas fulgurações desprendidas das estrelas em noites enluaradas de verão. 7, 16, 3, 8, 18, 15, 13.

Como um precito, perdido em meio dos rochedos, eu, deixei-me extasiar ante a flor no hastil pendida, e com os pés ensanguentados de viajar dominado pela desdita, tentei em um derradeiro esforço beijar a rainha do ermo, que se fazia cercar de borboletas multicores, temerosa de tocar as petalas delicadas que sentir se iam maculadas com o seu *pudor* ferido. 12, 6, 1, 14, 19, 5, 4, 9.

Dormi embalado, pela oressa da montanha, mensageira dos perfumes inebriantes, que de quebrada em quebrada acordavam o soturno das serranias, entoando hymnôs ao *sol* moribundo ou canticos festivaes a aurora nascente. 10, 22, 20, 4, 21.

Embalado nas azas da briza montezina, sonhei *senhora* com teu nome dulçoroso e tentei transpor-me ao paraizo idealizado, porem, embaide, a chamma do amor não me deu lento e cahi ferido no soturno da serrania, onde um abysmo enorme abria as fauces, para ser o eterno sepulchro do precito. 11, 20, 3, 4, 15, 13, 17.

Hoje, no meu somno de morte, a flor no hastil se ostenta, e ao passar a oressa mensageira de hymnôs festivaes, vós *senhora*, repetir comeis ella, arrancado da vossa alma pura o nome do desgraçado trovador que dorme na encosta escarpada do monte.

Jaguarê.

MORTA

Não na acordeis. Está dormindo agora.
 Como é feliz nesse florido leito!
 Cabellos como os de Nossa Senhora,
 Rolando em cachos pelo niveo peito.

Toda de branco e azul, como uma aurora
 Deitada assim nesse caixão estreito,
 Não sorri mais e lagrimas não chora,
 —Desillusões d'amor, sonho desfeito...

Não na acordeis, a pallida creança
 Morreu num sonho irial, todo de esp'rança,
 Pura como essas flôres e esse véo!

Melhor assim: sem nunca ter amado,
 Leva na fronte um beijo immaculado,
 Como um diadema para entrar no céu!

(Da Corôa d'Espinhas)

ARCHANGELUS DE GUIMARAENS.

—X+X—

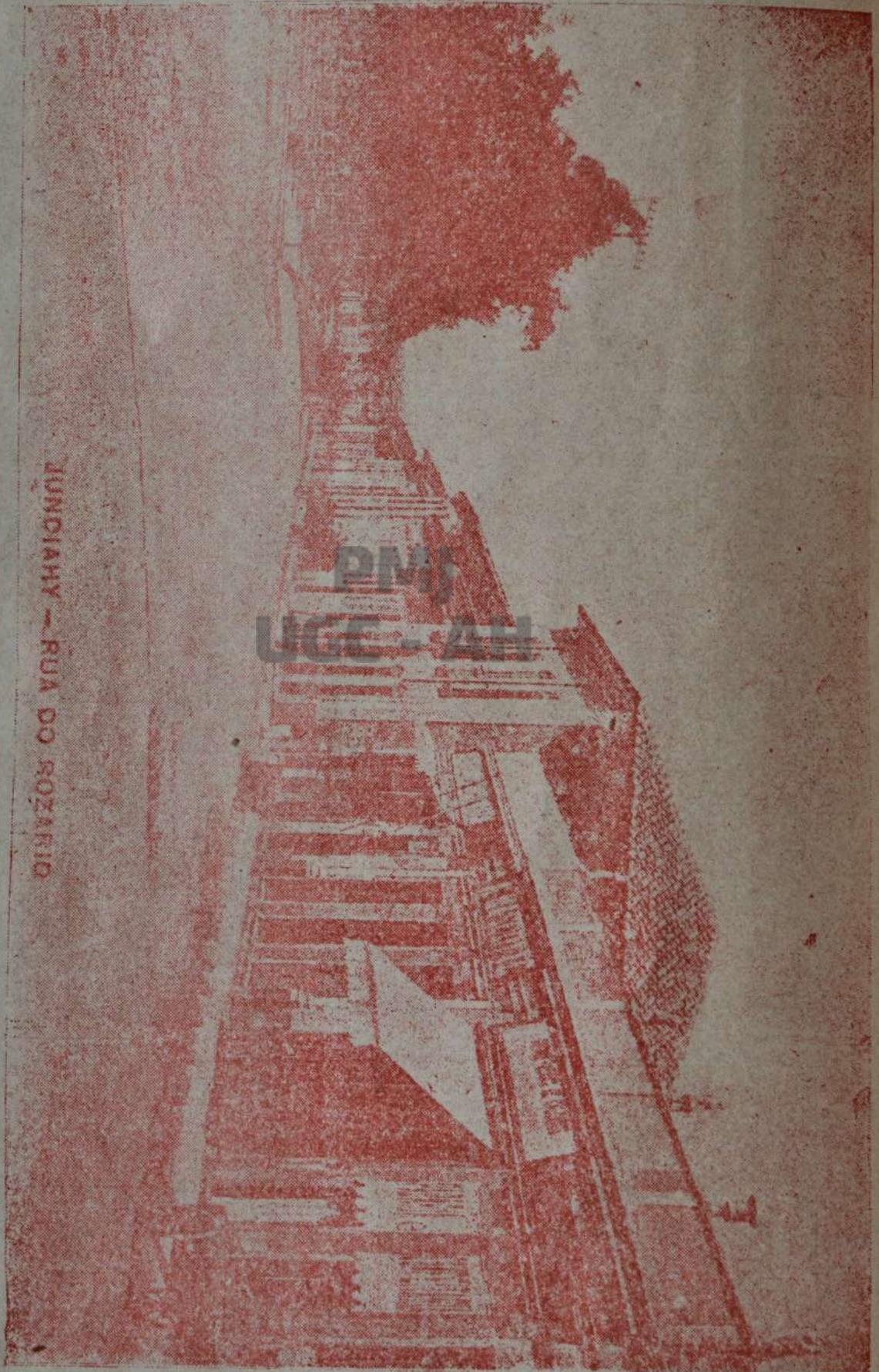
CUMULO DE VADIAGEM

—Não te parece justo que depois de se trabalhar durante toda a semana, descansemos aos domingos?

—Não; penso ao contrario.

—Como ao contrario?

—Preferia que trabalhassemos aos domingos e descansassemos todos os outros dias da semana.



JUNDIAHY - RUA DO GOZANHO

PMJ
UGC - AH

CASTELLO DE PEROLAS

Muitos amigos são como o quadrante solar:
só marcam as horas em que o sol brilha.

+

O coração da mulher prende-se pelo que dá;
o coração do homem desprende-se pelo que recebe

+

E' exquisito : todos temos os nossos pobres,
e os pobres não tem ninguém.

+

O proprio Deus não dispensa a publicidade ;
tem os sinos.

+

Afinal de contas, cada homem só tem direito
ao amor de uma unica mulher.

+

Não fazer nada é a felicidade das creanças e
o infortunio dos velhos.

+

Quando uma mulher nos fala, attentemos no
que dizem os seus olhos.

A virtude tem um véo, o vicio uma mascara.

+

Quem não é capaz de ser pobre não é capaz de ser livre.

+

As creanças são as bonecas dos velhos.



Fonte occulta

Entre umas pedras mettida,
Rolando, clara e modesta,
No coração da floresta
Vive uma fonte escondida..

Receiosa de ser ouvida,
Talvez abafando um ai,
Quasi sem queixa ou murmúrio,
Fluindo vai..

E de ser vista receiosa,
O leve fio ádelgaça,
E, assim, ignorada passa,
Passa ligeira e medrosa..

Tal em alma desditosa
Que ja não ama nem crê,
Se escoa um fio de lagrimas:
Que ninguem vê...

Alberto de Oliveira

O primeiro vapor

Ao espirito de observação do homem de sciencia, nada passa desaperebido, mesmo os phenomenos mais comeseinhos. Tudo observa, de tudo indaga, de tudo procura a verdadeira razão de ser.

A descoberta da primeira machina a vapor è filha do espirito de observação do medico francez, Dionysio Papin.

Certamente o que o auctor de uma idéa pratica tão simples, quão sublime, não podia ter inventado a machina a vapor tal como hoje a vemos, sendo o mais poderoso factor com que pode contar o progresso industrial e economico dos tempos modernos. Certo que não. A gloria de Papin consiste em ter aproveitado essa força que se chama vapor e da qual ninguem antes d'elle soubera comprehender a verdadeira utilidade pratica.

As experiencias de Torricelli e de Pascal sobre a gravidade atmospherica, confirmadas mais tarde por Otto de Guericke, foram o ponto de partida para as investigações de Papin.

Pelas experiencias daquelles physicos notaveis, ficou exhuberantemente demonstrado, que as theorias sobre *horror ao vacuo*, então em voga, eram completamente erroneas e que na gravidade do ar que envolve o orbe terrestre existe uma força immensa, até então desconhecida. Era justo, pois, que se procurasse apro-

veitar essa epocha para os differentes fins industriaes, até então insufficientes e pouco economicos.

A Dionysio Papin coube a gloria de ser o primeiro a aproveitar essa força com applicação á machinas, publicando uma memoria sobre o assumpto, o que mereceu dos sabios da epocha os maiores elogios.

Mais tarde inventou um aparelho para extrahir os succos alimenticios das carnes e ossos, apoiando-se na energia que adquire o vapor, pelo sobreaquecimento, quando produzido em vaso fechado; adaptando ao aparelho um regulador para medir essa força. Esse aparelho é a *marmita de Papin* e o regulador *valvula de segurança*, ambos tão conhecidos hoje.

Papin fez ainda outras tentativas, antes de inventar a sua machina, chegando mesmo a empregar a força expansiva da polvora; mas foi pelos estudos deductivos feitos no seu *digestro* (*Marmita de Papin*) que chegou a descobrir a machina a vapor que é muito simples e cuja descripção é a seguinte:

A um cilindro vertical fechado interiormente, adapta-se um embolo perfeitamente ajustado a, cuja haste prende-se uma corda que passando por um systema de roldanas tem preso á sua extremidade um peso. O embolo tem uma abertura para dar sahida ao ar, quando desce. Debaxo do embolo existe uma pequena porção de agua. Quando o embolo desce até a agua, fecha-se a abertura do embolo com uma haste de ferro. Accendendo-se fogo em baixo do cylindro, a agua transforma-se em vapor e este por sua força expansiva levanta o embolo fazendo-o equilibrar por sua força athmospherica. Quando o embolo chega á parte superior do cylindro, se faz passar por meio de uma cavilha impelida por uma mola. Retirando-se o fogo o vapor condensa-se pelo resfriamento, voltando ao estado de agua e produzindo o vacuo. A pressão atmospherica actuan-

do então sobre o embolo obriga-o a descer, arrastando em sua queda pezos consideraveis fixos a extremidade da corda. Repetindo-se a operação tem-se nova força e assim successivamente.

Eis a primeira machina a vapor, que apenas serve para emittir uma idéa, para demonstrar um principio; mas, esse embryão é que immortalisou o nome do seu inventor; esse embryão é que, mais tarde, desenvolve-se e hoje o vemos impellindo possantes vasos de marinha mercante e de guerra, pondo em movimento peza-dos wagons, e adaptando-se docilmente aos mil usos que delle faz a industria.

Dyonisio Papin avassalando o vapor foi um bem-feitor da humanidade, por isso o seu nome é immortal.

J. LACERDA.



O ensino religioso

«Não quero que jamais alguém possa enganar-se sobre aquillo que digo, nem sobre aquillo que penso. Longe de mim o querer proscreever o ensino religioso; este é, notai bem, mais necessario hoje do que nunca, segundo o meu entender. Quanto mais o homem se torna grande, tanto mais deve crêr.

Quanto mais se avizinha de Deus, tanto mais deve vêr Deus.

O dever de todos nós, sejamos legisladores ou bispos, sacerdotes ou escriptores, é espalharmos, dispen-sarmos, prodigalisarmos, sob todas as formas, toda a energia social para combatermos e destruímos a mise-

ria e ao mesmo tempo fazermos levantar todas as cabeças ao céu, para dirigirmos todas as almas, volvermos todas as espectações para uma vida ulterior.

A morte é uma restituição. A lei do mundo material é o equilibrio; a lei do mundo material é a equidade.

Deus encontra-se no fim de tudo. Não o esqueçamos e ensinemo-lo a todos; não haveria nenhuma dignidade no viver, nem isto valeria a pena, si devessemos inteiramente morrer. O que allivia as nossas fadigas, o que santifica o trabalho, o que torna o homem forte, paciente, rasoavel, benevolo, justo ao mesmo tempo, humilde e grande, digno da intelligencia, digno da liberdade, — é termos deante de nós a perpetua visão de um mundo melhor, que brilha atravez das trevas da vida.»

PMJ **Victor Hugo**

×××
 UCC AH
 ×××
 A BALA PERDIDA

Um official foi ferido por uma bala e transportaram-no para uma casa onde os medicos acudiram a tratá-lo.

Durante oito dias não fizeram outra coisa que sondar, buscar e tactear.

O official soffria muito com taes ave iguações, perguntando o que buscavam.

— A bala que o feriu e que deve encontrar-se la dentro.

— Barbaros! Porque não me disseram isso a mais tempo? Tenho-a ali dentro da algibeira do collete!

INSTRUÇÕES

para o emprego do pixe por systemas adoptados
por fazendeiros importantes

I

Nivelado, bem batido em cruz e secco o terreno, colloca-se o pixe na grossura em que se quer com colher de pedreiro.

Modo de fazer a argamassa

Quatro partes de areia, uma parte de cal bem extincta e o pixe necessario até fazer argamassa em condicções de ser trabalhada com colher de pedreiro. Para a grossura de camada de meio centimetro, uma quartola dá 70 metros quadrados.

II

Terra roxa apurada

1.º — Nivella-se o terreno, que se deixa secar bem e rachar.

2.º — Estende-se uma camada da grossura de uma pollegada (duas ou mais se quizer) de barro de terra vermelha ou outra (não roxa) misturada com areia (qualquer terra ordinaria e arenosa).

3.º — Reboque-se com uma camada fina (como se reboca paredes) da mesma terra saibrosa, de modo a deixar uma superficie liza—*vidrada*. Deixa-se seccar bem.

4.º — Em dias de sol *bem quente* corre-se o pixe com uma regua ou taboa aplainada, tendo cuidado de não quebrar a superficie vidrada do reboco (vassoura não serve, mas sim paño amarrado no fim de uma vara).

N.B.—Tendo experimentado diversos systemas, este deu o melhor resultado. Feito um terreiro por esse systema economico, ainda está em bom estado.

III

Terra roxa que racha

1.º — Nivellar e *firmar* o terreno, que ficará *bem secco*.

2.º — Faz-se a argamassa com 3 partes de areia para 1 de pixe.

3.º — Estende-se esta argamassa sobre terreiro com colher de reboco, dando-se 2 mãos.

4.º — Dada a primeira mão, deixa-se seccar e *rachar*, para então dar-se a segunda mão. Isto practicamente em seguida.

5.º — As duas mãos completarão uma grossura de meio centimetro.

N.B.—Depois da primeira mão costuma rachar — depois da segunda mão, não. Este systema é muito elogiado. A argamassa deve dar muito melhor resultado com uma parte de cal bem extincta.

IV

Para terreiros tijolados

1.º — Limpar as juntas de toda herva.

2.º — Varrer areia sobre o terreiro, de modo que as juntas fiquem bem cheias e não ôcas por baixo.

3.º — Com uma vassoura limpar um pouco as juntas, para a areia não ficar nivelada com os tijolos.

4.º — Deixar o pixe fervente correr sobre todo o terreiro, usando para isso uma vassoura.

—×+×—

Orgulho e Modestia

Veio o sol da manhã e desabrochou a rosa...

Que pujança! Que aroma! Que belleza!

As petalas mimosas, ligeiramente enrubescidas, frescas e olentes, christalisavam aos raios solares a tenra gotta que se occultava no collo fragrante.

No caule tumido e verde a flor se balançava ao mais leve sopro da brisa carinhosa! E quanta inveja ás flores suas irmãs?!...

Uma violetinha descorada, modesta e timida mirava-a attentamente.

Disse-lhe a rosa :—Achas-me bella não é assim?

—Sim, minha irmã

—Minha irmã!... Que atrevimento! Tu és minha vassalla porque dóra avante serei a rainha deste jardim; e como és quasi imperceptivel, no meu reinado te farei vigilante...

—Sim, orgulhosa.

—Como não és formosa ser-te-á vedada a entrada no meu palacio...

—Sim magestade!

—Como és desprezivel e triste, rastejarás no sombrio das alamedas...

—Sim desdenhosa!

—Como és finalmente indifferente a todos, morrerás abandonada no teu retiro, sem as galas de um sol primaveril, sem os beijos dos colibris, as lamentações das

abelhas zumbindo sobre ti e nem te cobrirá o pallio setineo de azas que abrem as borboletas, nymphas mysteriosas do alem...

—Sim, excelsa!

—Mas... tenho-te muita pena misera violeta, és tão imperceptivel!... Quêres então ser minha vassalla?

—Perdoai-me! No humilde do meu retiro onde vivo, sou tambem rainha; tranquilla, sob o guarda-sol de largas abas que sobre mim minha mãe abre, espalho ao derredor o meu aroma, afugentando as larvas e atrahindo os vagalumes que, pelas noites ermas, num estrellejar encantador vem visitar me na sombria morada. Gostam do frescor e da maciez das sedas do meu guarda-sol, onde não se occultam traiçoeiras setas; ahí repousam e, quando a fimbria escura do horizonte começa a tingir-se, esvoaçam e vão-se lanternejando ao longe... An! minha orgulhosa se vós aqui estivesseis, sendo festejada por myriades de borboletinhas nocturnas que, em nuvem, cortam as direcções á illusoria luz dos pyrilampos, ao som de uma musica harmoniosa que all mesmo naquelle canto orchestrea!... Não; não invejo a vossa grandeza; hoje, sois bella, orgulhosa, cobiçada... amanhã, esse mesmo sol que vos deu vida e vos enche de orgulho, vos crestará, ou o vento, vendaval da desgraça, vos tolherá e no seu furor vo decepará, porque elle é contra o orgulho... e vós, rainha, sois bastante orgulhosa! Não vos humilhaes e pois, o vento vos derribará do vosso throno de grandeza!

—E' sarcasmo demais, impostura! Pois eu que tenho a proteger-me as hastes robustas de minha mãe a roseira e o pendão resistente que me sustêm serei victima do vendaval, emquanto que tu, debil e rachitica zombarás delle? Não! O meu orgulho é justificado: não temo o sol, desafio o vendaval!...

E o vento numa rajada violenta desfolhou a rosa, cujas petalas, por elle impellidas, foram cahir na tença onde, vergada até o chão, a violetinha vivia ainda.

Carinhosa e cheia de compaixão pela desditosa irmã, a singella, a modesta violetinha tornou-se o emblema do sentimento: roxa, roxa como a saudade!

E o sol que transmontava, crestou as petalas despidas da rosa.

Era o orgulho que se abatia.

.....

Jundiahy Moderno

Ninguém, por certo, deixará de reconhecer o extraordinario progresso por que tem passado a nossa cidade, de um certo tempo a esta parte.

A instrucção publica, que tem sido cuidadosamente zelada pelos poderes publicos, é ministrada pelos dois grupos escolares «Coronel Siqueira Moraes» e «Conde de Parnahyba» e por 26 escolas isoladas, afóra diversas escolas particulares algumas das quaes recebem auxilio da Municipalidade. Temos ainda o «Collegio Florence» para o sexo feminino, fundado ha mais de 45 annos e que é considerado um dos melhores, senão o melhor estabelecimento de ensino do interior do Estado; o «Gymnasio Hydrecoft» equiparado ao Gymnasio Nacional e que grandes resultados tem demonstrado.

Os serviços de illuminação, abastecimento d'agua e exgottos, pertencem aquella á uma empresa com o capital de 700:000\$000 e os dous outros á Municipalidade. A agua de que se abastece a população é reputada de superior qualidade.

Industrialmente, Jundiahy é uma cidade futurosa, contando já importantíssimos estabelecimentos, como : Oficinas da Companhia Paulista, Arens, Fabrica de tecidos S. Bento, Fabrica de cadeiras, Serraria S. João, Cortumes São Luiz e Mojola, e muitas outras industrias de pequeno capital.

Sendo ponto de cruzamento das linhas Paulista, Ingleza e Sorocabana, é um centro excellente para installação de novos estabelecimentos, que farão de Jundiahy o maior emporio industrial do interior paulista.

Entre os edificios mais importantes, convem citar : o primeiro grupo escolar, o hospital de Caridade, a cadêa publica, a igreja matriz, o mata-douro, construido não ha muito.

O movimento associativo é desenvolvido, havendo as seguintes sociedades : Umberto I, Fratellanza Italiana e Garibaldi, de auxilios Mutuos; Club 2 de Abril, Casino, Gremio C. P., Germania, recreativos; sociedade União Beneficente; clubs Paulista Foot-Ball, S. Bento, Santos Dumont e União sportivos; Eden Jundiahyense e Flor da Mocidade, dançantes. Alem dessas temos ainda a Sociedade Beneficente dos Empregados da Companhia Paulista, que dispõe duma excellente pharmacia etc.; as corporações musicaes Brasileira, Gremio Umberto I e Carlos Gomes.

O perimetro urbano é comprehendido pelas ruas e largos seguintes :

Rosario, Senador Fonseca, Adolpho Gordo, Pirapora e Bella Vista, para a parte oeste do largo da Matriz, considerado como centro; Barão de Jundiahy, Rangel Pestana, Capitão Damasio, Prudente de Moraes, Quinze de Novembro, avenida Dr. Cavalcanti, Dr. Torres Neves, S. João, Bosque,

Victoria, Santo Antonio, Santa Maria e Brites para o lado leste; Padroeira, Triumpho, Coronel Leme, Trinta de Outubro, São Bento, Concordia, Major Floriano, Barreira, S. Vicente, para o lado norte; Bernardino de Campos, Matriz, Dias Carneiro, Rosario, Antonio Candido Rodrigues, para o sul; na Villa Arens, as ruas: General Silva Telles, General Carneiro, General Tamarindo e Capitão Salomão; largos: Matriz, Rosario, S. Bento, S. Vicente, S. José, Paysandù e Santa Cruz.

Sendo uma cidade bastante populosa, com clima saluberrimo e com todas as condições precisas para nella ser exercida toda e qualquer actividade é de crer que o futuro lhe seja propicio, si algo de malefico não obstar a marcha progressista que se abre dia a dia, em parte bem acoroçada pelos poderes publicos.



Agricultura

O Brazil pelo seu clima e constituição de seus terrenos, é das regiões mais adequadas para a arboricultura, como a cada instante o evidencia a pugente vegetação obtida em limitadissimas zonas, por varias especies arboreas e arôustivas, que bem caracterisam diferentes regiões da flora universal.

As atenções ha muito ligadas a este importante ramo de agricultura, pelos mais adiantados paizes, são devidos não só á colossal riqueza que representa, mas principalmente por delle dependerem importantes beneficios para o seu clima, sólo e economia social.

Pela arboricultura modificamos os calores e os frios excessivos das regiões, amortecemos a impetuosidade dos ventos, sanificando climas doentes e promovendo as chuvas, originamos abundantes mananciaes para a alimentação das nossas fontes e rios.

Relativamente ao solo enriquecemos o pelos seus detritos organicos, protegemos o das nocivas influencias atmosfericas; prevenimos a formação das correntes; evitamos as inundações e assoriamente dos valles e planicies, a denudez das margens dos nossos rios, que tão perniciosamente vem assoriar as suas embocaduras.

Para economia social representa perennes fontes de riqueza.

Babinet, asseverando que um bosque equivale a uma montanha para originar as chuvas, e Boussingault concluindo de seus admiraveis estudos que o desaparecimento dos bosques occasiona a diminuição da quantidade das aguas que fertilizam uma região corroboram as asseverações de Humbolt quando diz «que toda a região se torna abundante em aguas pela arboricultura»; theoria que a historia em suas paginas diariamente confirma e o evidencia a Grecia, perdendo a fertilidade e belleza natural e a Syria, a Palestina, Chypre e tantas outras regiões, tornando-se aridas pela destruição de suas mattas.

Os beneficios pela arboricultura obtidos demonstra-n'os a ilha da Ascensão, completamente desprovida de agua, conseguindo pela arborisação não só sanificar seu doentio clima, mas obter tão abundantes mananciaes, que satisfazem não só as necessidades de seus habitantes, mas transformaram a ilha em estação de aguada entre a Europa e o Cabo da Boa Esperança; e o valle de S. Lourenço (Pyrenéos) completamente desprovido d'agua,

obtendo-a em abundancia pela arboricultura como as-severa Moll.

As numerosas especies arboreas e arbustivas cultivadas, umas pelos fructos preciosos que fornecem, outras pelas madeiras e sulcos que ministram symbolysam toda a belleza, hygiene e riqueza das regiões que as possuem.



LOGOGRIPHO 99

(Aos valentes collegas)

Nas fragoas, maguas, desta hora agora 4—15—3—16—8.
 Bramindo o mar, a rugir se ouve ; 17—2—13—3
 E longe, o monge, predicando, quando,—14—11—3—6
 Já no horizonte a noite aprouve.—7—9—1—11—3—5
 —14—16.

Aqui e alli, do desvairado, irado,
 Se ouve o ronco que no ar resôa ;
 O pobre cobre de desgosto o rosto—14—6—8—10.
 E sua supplica pelos ares vôa !....

Murmurio, augurio, desta dôr, a côr
 Que o coração traspassado tem ;
 E rouco, o louco, da prisão no chão,
 Chora o passado que a memoria vem—17—6—11—4—
 10—12—7—9

.....
 Sou eu o louco, por vil paixão,
 Mas mesmo assim estas linhas traço ;
 E vós collegas do coração,
 Do Jacaré recebei abraços.

DR. JACARÉ'.

MEMORIAL



Juiz de Direito

Dr. Abeilard de Almeida Pires—Rua Rangel Pestana, 7.

Promotor Publico

Dr. Othon Ferreira de Barros—Rua do Rosario, 29.

Juiz de Paz

Dr. Manoel Chrysostomo de Almeida—Rua Barão de Jundiahy, 114.

Delegado de Policia

Dr. Francisco Nogueira de Lima—Rua Barão de Jundiahy, 8.

Prefeito Municipal

Dr. Olavo de Queiroz Guimarães—Rua Barão de Jundiahy, 79.

Vigario da Parochia

Padre Lucio Xavier de Castro—Rua do Rosario, 46

Primeiro Tabellião

Capitão Antonio de Oliveira Camargo—Rua do Rosario, 46.

Segundo Tabellião

Capitão Maximino Mendes Silva—Rua do Rosario, 3

Official do Registro Civil

Capitão Antonio de Oliveira e Silva—Rua do Rosario, 18.

Official do Registro de Hypothecas

Capitão Manoel Curado Junior—Rua do Rosario, 107

Collector Federal

Coronel José Rogerio de Salles Guerra—Rua Barão de Jundiahy, 130.

Collector Estadual

Coronel Boaventura Mendes Pereira—Rua do Rosario, 135.

Agente do Correio

Major Antonio de Almeida Figueiredo—Rua Barão de Jundiahy, 40.

Camara Municipal

Rua Barão de Jundiahy, 132—Major João Maria Gonzaga de Lacerda, presidente; Capitão Henrique de Toledo Blake, vice-presidente; Dr. Olavo de Queiroz Guimarães, prefeito; Coronel Eduardo Alvaro de Castro, vice-prefeito; Coronel Francisco de Paula Penteado, Dr. Aristides de Campos Seabra, Coronel Julio Cezar Ferreira Gandra e tenente José Garcia da Costa Martello, vereadores.



SONHO DE AMOR

Era noite de luar quando eu beijava
Esse teu rosto, de belleza cheio
Aspirando esse aroma do teu seio,
Em que do amor fremia a ardente lava

A folhagem á brisa sussurrava,
E fallavas a medo e com receio ;
E, perdidos em nosso devaneio,
Nem a aurora avistamos que raiava.

Era um sonho de amor. Ao extremo beijo
Rasgou-se o veu dessa illusão dourada
E, acordando, agora escuro a vejo

O meu porvir, envolto na tristeza
Da tua partida, triste, inesperada,
Sem mais te vêr a fulgida belleza!

Amparo, 1910 PIRES DE GODOY.

Anagramma 100

Leitor valente commigo,		Como alegre leitor amigo,
Podes dar folga á bola,		Uma palavra encontrar,
Pois temos chegado ao fim		Que diga sem mais rodeios.
Dos duros quebra-cachola.		Mais um ponto, e terminar.

U L T I M A

Ja basta então de massada,		Fogo todos charadistas,
E' completa a derrocada;		Que dura esta é devéras.
Vamos formar as listinhas		Como ultima e derradeira
E envial-as amarrotadas.		Rompe, rasga, dilacera.

J. B. Figueiredo.

EXPEDIENTE



Toda a correspondencia para o almanach de 1912, deve ser enviada, o mais tardar até o dia 31 de Agosto do corrente anno e a lista de decifrações dos trabalhos publicados, até 30 de Setembro.

Concurso charadistico

Pedimos a todos os collaboradores da secção de charadas, etc. se manifestarem sobre qual o melhor trabalho publicado, ficando reservado ao auctor da producção que maior numero de votos obter, um modesto mimo.

Logogriphos

Seguindo antiga praxe, avisamos que, todos os logogriphos que tiverem menos de quatro parciaes não serão publicados, salvo os denominados *telegrammas*, para os quaes bastarão duas parciaes.

Padre João José Rodrigues

Os dados biographicos sobre a inolvidavel sacerdote, foram-nos por uma alta e penhorante gentileza, fornecidos pelo exmo. sr. dr. Antonio Candido Rodrigues, illustre senador Estadual, irmão do saudoso [extincto].

Abastecimento d'agua

Os dados numericos, nos foram cedidos pelo sr. dr. João Frederico Avelino Heinssen, engenheiro da Municipalidade, á quem consignamos tambem os nossos agradecimentos.

Erratas

Entre as de somenas importancia, passaram duas que devemos corrigir: a collocação das paginas 102 e 103 que devem ser invertidas, e o erro de paginação nos mezes de Julho a Dezembro.

Clichés

Os que estampamos do Conde de Parnahyba e commendador Luiz José Pereira de Queiroz, devemo-los ao nosso gincto collaborador Vicente Melillo, de Campinas, a quem agradecemos.

CASA MACHADO

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS
— DE —

Carlos de Oliveira Machado

Rua do Rosario, 57—Filial; Rua Moreira Cesar, 16—Villa Arens

Telephone, 22

Telephone, 23

Completo sortimento de generos do paiz do estrangeiro, louças, vinhos superiores e outros artigos todos de 1.^a qualidade.

JUNDIAHY

INDICE

Abastecimento d'agua	149
Acclamação de D. Pedro I.	142
Acepipes	166
Agonia da arvore	60
Agricultura	205
Alvares de Azevedo e Byron	49
Almanach de Jundiahy	2
Amor	181
Anagrammas	50 83 e 210
As 7 arrobas de ouro	53
Antonio de Queiroz Telles.	5
Apostolo da Caridade	89
Annuncios 48, 65, 66, 81, 82, 97, 98, 110, 159, 160	
Asseio	185
Bala perdida	198
Bençãos matrimoniaes	34
Bisadas	67
Calendario.	32
Cão morto (O)	164
Casamento civil	173
Casa de Caridade	84
Castello de perolas	193
Charadas 59, 67, 83, 88, 95, 99, 107, 109, 128, 151, 156, 169, 171, 172, 181	
Charada antiga	55

Charadas jundiahyenses	52
» mephistophelicas	63
» casal	87
Computo ecclesiastico	32
Correio	153
Cumulo de vadiagem	192
De longe	68
Eclipses	34
Enigmas 55, 64, 68, 158 e	156
» charada	156
Ensino religioso	197
Especialidades de Jundiahy	57
Ephemerides Jundiahyenses	129
Expediente	211
Feriados da Republica	33
Fonte occulta	194
Impossivel	96
Italia	157
Imposto do sello	170
Insectos do algodoeiro	178
Isenção do Jury	180
Japim	108
João José Rodrigues (padre)	73
Jundiahy historico	111
Jundiahy moderno	203
Juramento	144
Legenda (uma)	69
Logogrifhos. 59, 72, 83, 88, 95, 128, 151, 164 191 e	207
Melancholia	169
Memorial	208
Morta	192
Nascimentos	174
Nocturno	162
Obitos	176
Orgulho e modestia	201

Pensamentos	55, 80, 127, 162, 165,	182
Pixe		199
Poesia		53
Postal		152
Perguntas historicas	64 e	178
Prejuizos da civilisação		188
Primeiro vapor		195
Principio das estações	e	33
Povoadores de Jundiahy		121
Quadro		172
Queixume		182
Reminiscencias		60
Sonho de amor		210
Sorte grande		183
Syncopadas		83
Temporas		32
Trahidora		161
Tuberculose (A)		69
Tudo passa		80
Visita ao cemitério		99
Violetas e Rosas		56



PMJ
UGC - AH.



